

DEPOSITO LEGAL

A CAPITAL

Ano II (2.ª Série)
N.º 511 — 1969
Sexta-feira
25 de Julho
Preço 1\$00

Director: NORBERTO LOPES Director-Adjunto: MARIO NEVES

Editor: AMÉRICO COVÕES

PROPRIEDADE: S. G. C. — SOCIEDADE GRAFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. • RUA DO SÉCULO, 34 — LISBOA-2 • TELEFONES: 30455/30456/30457/30631 • ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ACAPITAL • TELEX: 1386

AMOSTRAS DA LUA PARA CIENTISTAS DE TODO O MUNDO

HOUSTON, 25 — Os exploradores lunares americanos repousavam, hoje, em segurança, a bordo do porta-aviões «Hornet», enquanto funcionários deste centro aguardavam ansiosamente as primeiras amostras de rocha trazidas de outro mundo.
Aviões, transportando a

carga de valor incalculável — duas caixas com amostras de rocha apanhadas por Neil Armstrong e Edwin Aldrin na superfície lunar — devem chegar, ainda hoje, a esta cidade.

As amostras, em plástico, juntamente com rolos do filme tirado pelos astronautas, serão removidas para um laboratório, a fim de serem descontaminadas e submetidas a análise preliminar.

Eventualmente, as amostras serão divididas entre 36 cientistas e grupos científicos em redor do mundo. Espera-se que uma conferência conjunta, a que assistirão todos os analistas, se realize em Janeiro.

O MUNDO MAIS UNIDO

As precauções mais severas contra contaminação utilizadas na carga lunar impediu, também, os três astronautas da «Apollo-11» de terem a tradicional cerimónia de recepção com tapete azul, que foi dada aos seus predecessores.

Imediatamente após Armstrong, Aldrin e Collins terem descido, ontem, no Pacífico, no termo da sua épica viagem, funcionários fecharam os três, em quarentena.

Contudo, a despeito dessa precaução contra possíveis germes lunares, os astronautas ficaram a saber muito bem o que o seu país e o mundo pensavam do seu feito.

O presidente Nixon viajou até ao «Hornet» para assistir à amargem. Tudo

correu bem. O único senão foi a cápsula ter caído voltada ao contrário no mar.

E rindo e gracejando com os astronautas através das janelas de vidro da sua unidade de quarentena, o presidente disse aos astronautas que a sua viagem «fizera com que o mundo ficasse mais unido do que nunca antes — enquanto que, ao mesmo tempo, o tornava infinitamente maior».

A unidade, oficialmente conhecida como Facilidade Móvel de Quarentena (M. Q. F.), recebeu os três astronautas que logo foram submetidos ao primeiro de muitos exames médicos que

(Continua na pág. 8)

2.ª EDIÇÃO

BASES SOVIÉTICAS EM TERRITÓRIO ARGELINO?

LONDRES, 25 — A Rússia está a utilizar a Argélia como base de bombardeiros de raio de acção médio para observarem as marinhas ocidentais no Mediterrâneo e está a protegê-los com mísseis, e segundo revela hoje, nesta capital, um perito sobre defesa.

A redactora sobre assuntos de defesa do «Daily Telegraph», Clare Hollingworth, escreve no seu jornal que aviões «TU-16» tinham a insígnia tanto da União Soviética como da República Árabe Unida.

«Todos os bombardeiros tiveram originalmente as suas bases no Egipto, mas, após as forças israelitas demonstrarem a sua capacidade de penetrarem tão longe como o Nilo, foram enviados em frequentes «missões de treino» para a Argélia, onde se encontram

estacionados em Laghouat e outras cidades, à beira do deserto» — diz a jornalista. Várias baterias de mísseis

(Continua na pág. 10)

VISADO PELA CENSURA

RÁPIDA EXPANSÃO DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DE UMA DIETA MAIS RICA

As linhas de orientação das decisões da política governamental de intervenção no mercado dos produtos agrícolas foram definidas, esta manhã, pelo dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, ao conferir posse ao novo presidente da direcção da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, eng.º Fernando de Santos e Castro. Segundo aquele membro do Governo, duas directrizes constituem preocupações

• O dr. Xavier Pintado define a política de intervenção no mercado dos produtos agrícolas

(Continua na pág. 16)

PRECAUÇÕES EM PRAGA CONTRA AS PROVOCACOES

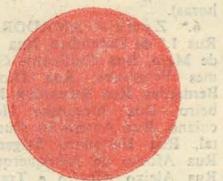
PRAGA, 25 — O Praesidium do «Comité» do Partido Comunista da cidade de Praga, reunido na quarta-feira com os secretários do Partido da região de Praga, tomou nota das contínuas tentativas das forças anti-socialistas e oportunistas da direita tendentes a provocar perturbações, distribuindo, designadamente, manifestos com declarações inimigas e espalhando falsas informações — anunciou ontem um comunicado do «Comité».

O comunicado acrescenta que essas tentativas fazem parte de uma campanha preparada há longo tempo com o objectivo de criar provocações no mês de Agosto, prejudicando, assim, o processo de consolidação política e económica. — (F. P.)

NOTA DO DIA COORDENAR E AGIR

O problema da habitação parece ter entrado numa fase em que o realismo prevalece sobre ilusórias concepções e a coordenação substitui com vantagem a dispersão de esforços. Com a criação do Fundo de Fomento da Habitação ter-se-á dado um passo se não decisivo pelo menos importante para encontrar as soluções que, não podendo ser as melhores, sejam pelo menos as que oferecem maior possibilidade de execução dentro das condições actuais. Ao conferir a posse ao presidente do novo organismo, o ministro das Obras Públicas acentuou que «interessa sobretudo executar um programa de acção prática e imediata, porque, neste campo, é efectivamente de acção imediata, embora progressiva, que o País carece urgentemente». Por sua vez, o eng.º Jorge Mesquita, ao ser empossado no cargo para que foi acertadamente escolhido, afirmou que o

planeamento físico em que se insere o problema das habitações sociais «deverá integrar-se num programa de desenvolvimento socio-económico de âmbito nacional», e que não sofre a menor contestação e corresponde às necessidades a que é indispensável atender. O seu programa resume-se em breves palavras: «Precisamos de construir muito. Mas construir como? Onde e para quem?» Resta-nos esperar e confiar na obra que o novo organismo vai empreender e, sobretudo, na acção que o seu presidente vai desenvolver, pois é, em última análise, de homens capazes de desempenhar, em todos os escalões, as tarefas que lhes forem confiadas que o País carece, sem esquecer os meios que hajam de ser postos à sua disposição, pois já é corriqueiro afirmar-se que sem ovos não se fazem omeletas — e sem tijolos não se constroem casas.



HOJE: 36 PAGINAS INCLUINDO OS SUPLEMENTOS «A SEMANA» E «EXTRA»

Pontos de vista

Perspectivas para o final do século

FALTAM trinta anos, praticamente, para se chegar ao ano 2000, mas, em face do prodigioso acontecimento do desembarque do homem na Lua, há quem afirme, em transporte de entusiasmo, que já se iniciou o século XXI. Ficam assim mais próximas de uma realidade visualizável as previsões que relançam para o começo do século próximo alguns dos problemas fundamentais da vida portuguesa. É o caso do que se tem estudado e afirmado sobre as perspectivas da melhoria da produtividade do trabalho no nosso pequeno mundo socio-económico.

Um técnico que se debruçou sobre o assunto e que deu a conhecer as suas observações e pontos de vista na sessão solene comemorativa do 120.º aniversário da Associação Industrial Portuguesa, assinalou que, em matéria de produtividade do trabalho, se verificam estas realidades: num período amplo, que vai desde 1953 a 1967, conseguimos marchar à média anual de 4 por cento o que é francamente pouco. Para estes 4 por cento, a indústria, sector que em todos os textos aparece como sendo, por excelência, o sector motor do desenvolvimento, contribuiu apenas com 4,5 por cento e portanto com um poder de arrastamento nitidamente pequeno; está acima da média mas não nitidamente distanciada. O sector da agricultura vem bastante mais abaixo, registando resultados de produtividade de 1,8 por cento, em média, por ano, apesar da enorme emigração que se verifica dos campos para as cidades e para fora. O sector dos serviços (comércio, transportes, etc.) traduz a sua evolução, um pouco estranhamente, por uma taxa média anual de 3,7 por cento.

Assim situados, numa perspectiva imediata e confiandamente nacional, os indicadores referidos talvez não digam muito ao leitor comum. Mas outras perspectivas são de considerar no caso. Daqueles resultados, que correspondem a um período de 14 anos e são, no conjunto, bastante fracos, ressaltam como melhores os do período de 1959 a 1964. Foram realmente 5 anos que sobressaíram, pois que o nível global da nossa produtividade se traduziu por uma taxa anual de 6 por cento, com 6,9 por cento na indústria, 3,7 por cento na agricultura e 4,5 por cento nos serviços. Pois bem: mesmo que conseguíssemos aguentar o ritmo daqueles 5 anos, que estamos a considerar excepcionais, e a nossa indústria continuasse a registar taxas da ordem dos 7 por cento e se, paralelamente, o conjunto dos outros países da Europa se mantivesse com taxas equivalentes às que têm registado, da ordem dos 4 por cento, nós só os atingiríamos no início do século XXI. E a referência só diz respeito à indústria e, portanto, independentemente do que se passaria nos restantes sectores, certamente em piores circunstâncias, pelo que se viu. Esta antevisão, a prazo de trinta anos, bem merece, como se verifica, algumas reflexões.

O PROBLEMA DAS CONSERVATÓRIAS

A DO CAMPO DE SANTANA PASSA POR DIA 500 CERTIDÕES ASCENDENDO A 50 MIL O MONTANTE ANUAL

Têm vindo a público ultimamente, como se sabe, lamentos e desabafos de pessoas que tiveram necessidade de obter documentos nas conservatórias do Registo Civil e passaram os maiores incómodos e cansaças, com

são centenas de pessoas, talvez milhares, que diariamente experimentam tais dificuldades, não contando já com o próprio interesse do Ministério da Justiça, que está a ser tomado como o pioneiro da modernização dos métodos de trabalho,

mentos dos funcionários públicos, em que, como já foi dito por quem tinha autoridade para o fazer, se está a pensar seriamente.

Num decreto de há oito meses (Dezembro de 1968) do Ministério da Justiça, afirma-se na alínea e) do artigo 2.º, que cria um Gabinete de Organização de Métodos, naquele departamento, que se deve «suscitar e acolher as sugestões dos funcionários, dos órgãos de Informação e do público sobre assuntos de interesse para o Ministério».

Estamos, pois, todos à vontade, na convicção de que, expondo dúvidas e problemas, colaboramos na urgente renovação de métodos e serviços.

**50 contos em seis dias
200 contos num mês**

enorme perda de tempo, para obter tais documentos, quando os obtêm...

Nós próprios nos fizemos eco, há dias, do que se passa com uma dessas conservatórias — a 8.ª, instalada no prédio 96 do Campo de Santana.

Circunstâncias várias possibilitaram-nos um contacto mais directo com os condicionamentos que justificam o caso e o explicam.

Compreende-se que assim seja, porque, na verdade, como viemos a averiguar,

para obter a maior eficiência, e assim vê comprometido o prestígio que, nesta matéria, tenta alcançar.

● Reduzir para aumentar

Bem vistas as coisas, esta questão, como a maior parte das que se põem nos

● As pessoas e os sistemas

Quando nestas colunas nos ocupámos do trabalho

vas repartições do Ministério da Justiça não possuem estrutura para aguentar o movimento registado, há que alterar o período das necessidades. Porque só há duas formas de resolver este caso: ou deixam de ser pedidas as certidões ou os serviços atendem, com um mínimo de dignidade, os pedidos feitos pelos cidadãos.

Esperemos que, neste domínio, os dois Ministérios — Justiça e Educação — se entendam, para que não suceda como nas últimas décadas, em que os departamentos ministeriais têm tido em consideração as unidades autónomas, em vez de órgãos do corpo governamental que assegura o funcionamento das instituições e a vida do País.

Há, depois, tarefas de simplificação dos serviços, tarefa para a qual os funcionários responsáveis pelos mesmos poderão, sem dúvida, indicar as soluções mais justas. Basta interrogá-los para os ouvir... Talvez tudo entre, então, um pouco mais nos eixos, embora continue a faltar dinheiro para pagar horas extraordinárias aos funcionários e um conservador fi-

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Só é possível uma boa continuidade de fornecimento de energia eléctrica, efectuando constantes trabalhos de reparação e ampliação das nossas redes.

Por isso no próximo Domingo será interrompida a corrente, para trabalhos urgentes,

nos Sectores e Zonas seguintes, durante as horas abaixo indicadas:

6.º Sector — Concelho de Lisboa: Rua de S. Julião, 86 a 118. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Bairro da Cruz Vermelha, Az.ª de Santa Susana, Az.ª da Cidade e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de

Alenquer: MERCEANA / ALDEIA GAVINHA / ALDEIA GALEGA / PAIOL / ARNEIRO / VALE BENFEITO / CORTEGAÇA / ATALÁIA / PENUZINHOS / LABRUGEIRA / POCARICA / OLHALVO / MONTEGIL e linha A. T. entre S. SEBASTIÃO e LABRUGEIRA. / PORTO DA LUZ e linha A. T. entre ALENQUER e S. SEBASTIÃO. (Das 7 às 14 horas).

2.ª Zona — Concelho de Torres Vedras: S. DOMINGOS DE CARMÕES / CARREIRAS / CARVOEIRA / ZIBREIRA / BOLIGUEIRA e linhas A. T. entre SOBRAL e S. SEBASTIÃO. (Das 7 às 14 horas).

3.ª Zona — Concelho do Sobral de Monte Agraço: FREIRA. (Das 7 às 14 horas).

4.ª Zona — Concelho de Oeiras: LINDA - A - VELHA: Rua José Frederico Ulrich. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — ALGÉS: Av.ª dos Bombeiros Voluntários (parte), Rua Dr. Manuel de Arriaga (parte), Rua Latino Coelho (parte). (Das 8 às 15 horas).

6.ª Zona — AMADORA: Rua 1.ª de Dezembro, Rua 1.ª de Maio, Rua Guilherme Gomes Fernandes, Rua Diogo Bernardes, Rua Bernardino Ribeiro, Rua Alexandre Herculanu, Rua Antero do Quental, Rua Heliodoro Salgado, Rua Afonso de Albuquerque, Rua Aleixo Ribeiro e Trav.ª Antero do Quental. (Das 8 às 15 horas).

7.ª Zona — Concelho de Sintra: MADRE DE DEUS / CARRASCAL e MORELINO. (Das 8 às 15 horas).

8.ª Zona — QUELUZ, a sul da Av.ª Elias Garcia. (Das 8 às 15 horas).

O DIA POLÍTICO

● Ministro da Justiça

O ministro da Justiça recebeu, hoje, o chefe do distrito de Bragança, acompanhado dos presidentes das edilidades da mesma cidade e de Vinhais.

● Ministro do Ultramar

O titular da pasta do Ultramar teve, esta manhã, nova sessão de trabalho

com o governador de Timor, que permanece em Lisboa em missão de serviço.

● Ministro da Saúde

Pelo ministro da Saúde e Assistência foram recebidos os profs. Almeida Lima, Celestino da Costa, Barahona Fernandes e Arsénio Cordeiro, acompanhados do vice-reitor em exercício da Universidade Clássica de Lisboa.

● Subsecretário de Estado das Obras Públicas

Avistaram-se com o subsecretário de Estado das Obras Públicas o governador civil de Lisboa, em audiência com os presidentes dos Municípios da Lourinhã e Sintra; o chefe do distrito de Bragança com os presidentes das Câmaras de Bragança, Vila Flor e Vinhais; e o sr. dr. Diogo Freitas do Amaral.



É este o espectáculo diário que se verifica, à porta da 8.ª Conservatória. Com uma bicha agora mais disciplinada, como se vê

serviços públicos, resume-se à existência, ou não, de dinheiro. Porque se existem as verbas, os serviços podem ser dotados, não só com as instalações de que necessitam, como de certa elasticidade de quadros, capazes de garantir os mínimos e os máximos de afluência, surgidos ao longo do ano.

Sabe-se que o Governo está a enviar esforços no sentido de reestruturar os quadros, de forma a dispensar pessoal em certas repartições, onde ele deixa de fazer falta após uma rectificação dos métodos usados, canalizando-o para outras onde faça falta.

É o caso, por exemplo, do Arquivo de Identificação de Lisboa, que, depois de tomadas várias providências, está em condições de dispensar 37 funcionários. Assim, reduzindo os quadros, o Governo tenta tornar mais económico o aumento geral dos vencimentos.

realizado na 8.ª Conservatória, não duvidámos de que, tudo quanto víamos, não tocava, de perto ou de longe, o esforço despendido pelos doze funcionários que se ocupam do expediente da Conservatória, embora possa dizer respeito aos métodos de organização do serviço, dentro do edifício e fora dele, para os que esperam a vez de serem atendidos.

A primeira conclusão a tirar, depois de sabermos que se está perante uma situação excepcional, visto que só em Julho e Agosto, (durante pouco mais de um mês) se regista tal movimento, e que seria urgente estabelecer um acordo de serviço entre os Ministérios da Educação e da Justiça.

Na verdade, sabe-se que esta montanha de pedidos de certidões é fundamentalmente originada pelas necessidades escolares (matriculas, exames, etc.). Ora, averiguado que as respecti-

que sem saber onde ir arranjar dinheiro para mandar imprimir chapas ou cartões que assegurassem ao público o respeito pela prioridade que deve ser assegurada aos que chegam primeiro, sem necessidade de fazer intervir a força policial.

Posto isto, vejamos por que razão o público passa um dia inteiro à porta de uma conservatória para obter uma certidão e sai de lá, tantas vezes, sem o conseguir.

● Mil pessoas por dia

Como nos referimos à 8.ª Conservatória, como exemplo, continuemos a analisar o seu funcionamento. Segundo nos declaram, os funcionários daquele departamento são mais do que suficientes para assegurar, em Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março e Abril, portanto em boa parte do ano, o movi-

(Continua na pág. 13)

DÃO FELICIDADE

Os anéis de pedido, as alianças de casamento e de compromisso da

OURIVESARIA

BARATEIRO

DE S. DOMINGOS

Rua Barros Queirós, n.º 56

O melhor sortido de Ouro,

Jóias, Pratas e Relógios

AOS MELHORES PREÇOS

JÚLIO DA COSTA PINTO MORREU HOJE e irá para a sepultura envolto na bandeira azul e branca

Morreu esta madrugada Júlio da Costa Pinto, figura muito conhecida da vida lisboeta.



Mónárquico intransigente e fiel, até à morte, a os seus ideais, Júlio da Costa Pinto foi secretário particular da rainha D. Amélia e acompanhou o seu corpo, de França para Portugal, a bordo do aviso «Bartolomeu Dias». Costa Pinto, que faleceu no Hospital de São José, onde estava internado, vai amanhã a enterrar, saindo o préstito, ao fim da manhã, da igreja das Mercês para jazigo de família no cemitério de Santarém.

O corpo do capitão Costa Pinto vai amortalhado com o hábito de S. Francisco e envolto numa bandeira azul e branca que esteve ainda hasteada num edifício público até 6 de Outubro de 1910. Dentro da urna vai também — por expresso desejo seu — terra do Libolo (Angola). Por determinação do extinto, o funeral revestir-se-á da maior simplicidade.

Júlio da Costa Pinto foi, durante muitos anos, ardoroso combatente da causa da restauração monárquica, pela qual lutou e se sacrificou. Durante meio século tomou parte activa em todas as conspirações e tentativas revolucionárias com aquele objectivo, nunca alcançado. Muito novo, partiu para África, onde se distinguiu revelando qualidades de bravura que o distinguiram e justificaram a admiração que por ele tinham camaradas e subordinados. Era um chefe militar na verdadeira acepção do termo e, apesar da sua pouca idade, com os estreitos galões de tenente, deixou da sua acção africana recordação brilhante. Regressado à Metrópole, encontrou um ambiente de conspiração propício às suas preferências ideológicas. Nele mergulhou, ousadamente, e desde essa época procurou lutar pelas armas a fim de derrubar a República pela qual manifestara sempre uma hostilidade actuante.

Entre 1915 e 1920, essa hostilidade tomou forma concreta, ao mesmo tempo que nas pugnas jornalísticas em que interveio se revelou um adversário tão combativo como na acção conspiratória. No jornal «Liberal» e noutras folhas monárquicas, colaborou como crítico de assuntos militares, durante a primeira guerra mundial, escrevendo crónicas que assinava com o pseudónimo «Aiglou» e como autor de numerosos artigos em que o regime republicano e os seus homens foram violentamente atacados. Em diversas conspirações, organizadas nos anos de 1916 e 1917, Costa Pinto foi figura de relevo, em todas se cum-

plianço. Durante o consulado sidonista, que correspondeu ao ano de 1918, foi um dos conspiradores do grupo do «Liberal» e da Liga Monárquica que funcionava na sede daquele jornal e que escolheu Paiva Couceiro para chefe, com o qual esses elementos estiveram sempre em contacto. O chefe das incursões vivia, então, na Galiza, só regressando a Lisboa em Outubro de 1918 quando a conspiração monárquica tomou incremento devido ao fim das hostilidades e às dificuldades resultantes das repercussões económicas do conflito.

Em seguida à morte de Sidónio Pais, em Dezembro de 1918, Costa Pinto foi um dos que mais activamente propugnaram a necessidade de fazer um movimento revolucionário para a restauração da monarquia, contrariando as instruções

(Continua na pág. 10)

IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA

Por lapso, referimos ontem, ao noticiar a exposição do eng.º Virgílio Teixeira Lopo, um «elevado índice de produtividade» das indústrias florestais russas, que teria sido observado no decorrer da sua viagem à União Soviética. Tal facto não corresponde efectivamente à afirmação feita.

Existe, com efeito, a preocupação de acréscimo da rentabilidade e, consequentemente, de atingir maior produtividade. No entanto, a produtividade não é suficientemente elevada, devido à existência de dificuldades de vária ordem, apresentando, de momento, níveis significativamente mais baixos que nos países do Ocidente.

Também no que se refere aos salários, a concentração não é tão acentuada como se poderia concluir da referência feita a um «leque de remunerações muito apertado». O salário mínimo está em cerca de 120 rublos, o operário especializado tem salários de cerca de 160 a 170 rublos, e nos indivíduos com o grau de doutoramento atinge 320 a 350 rublos. Um professor universitário pode alcançar 500 a 550 rublos, incluindo os trabalhos de investigação e outros de que é encarregado.

O eng.º Teixeira Lopo indicou alguns preços salariais que permitem uma interpretação destes valores, referindo-se ainda a aspectos dos problemas de incentivação.

UMA NOTÁVEL FIGURA HUMANA

MIRA FERNANDES

pele prof. J. TIAGO DE OLIVEIRA

Para nós, jovens aprendizes de matemáticos dos anos 40, Mira Fernandes surgiu como o Patriarca das Matemáticas. Vindo de épocas longínquas — formado pela Faculdade de Matemática de Coimbra, aí se doutorara pouco antes da Proclamação da República —, dava-nos, desde então, o exemplo do professor universitário devotado ao estudo e à investigação. Aquando da sua formatura só Gomes Teixeira e poucos mais se não contentavam em repisar Matemática feita e procuravam contribuir, ainda que pouco, ao alargamento da Ciência. Felizmente, de há 60 anos para cá, o interesse pela pesquisa foi aumentando, mas hoje, ainda hoje, há quem pense que a função universitária se resume nas aulas e exames, sem a exigência permanente de procurar alargar o conhecer. Já desde há 60 anos Mira Fernandes lhes vinha respondendo pelo exemplo.

Não foi, porém, apenas como docente universitário, de visão aberta, à altura do seu tempo, que Mira Fernandes foi notável, singular.

Nobre e altiva figura moral, mostrou-o bem cedo, ainda escolar da Universidade. Era em 1907. Já no ano anterior Mira Fernandes, que leccionava para se sustentar, bem como a sua Mãe, tivera de abandonar o 3.º ano de Matemática por motivos particulares; nesse ano, solidário até ao fim com os colegas, aquando da Questão Académica, foi um dos 107 intransigentes.

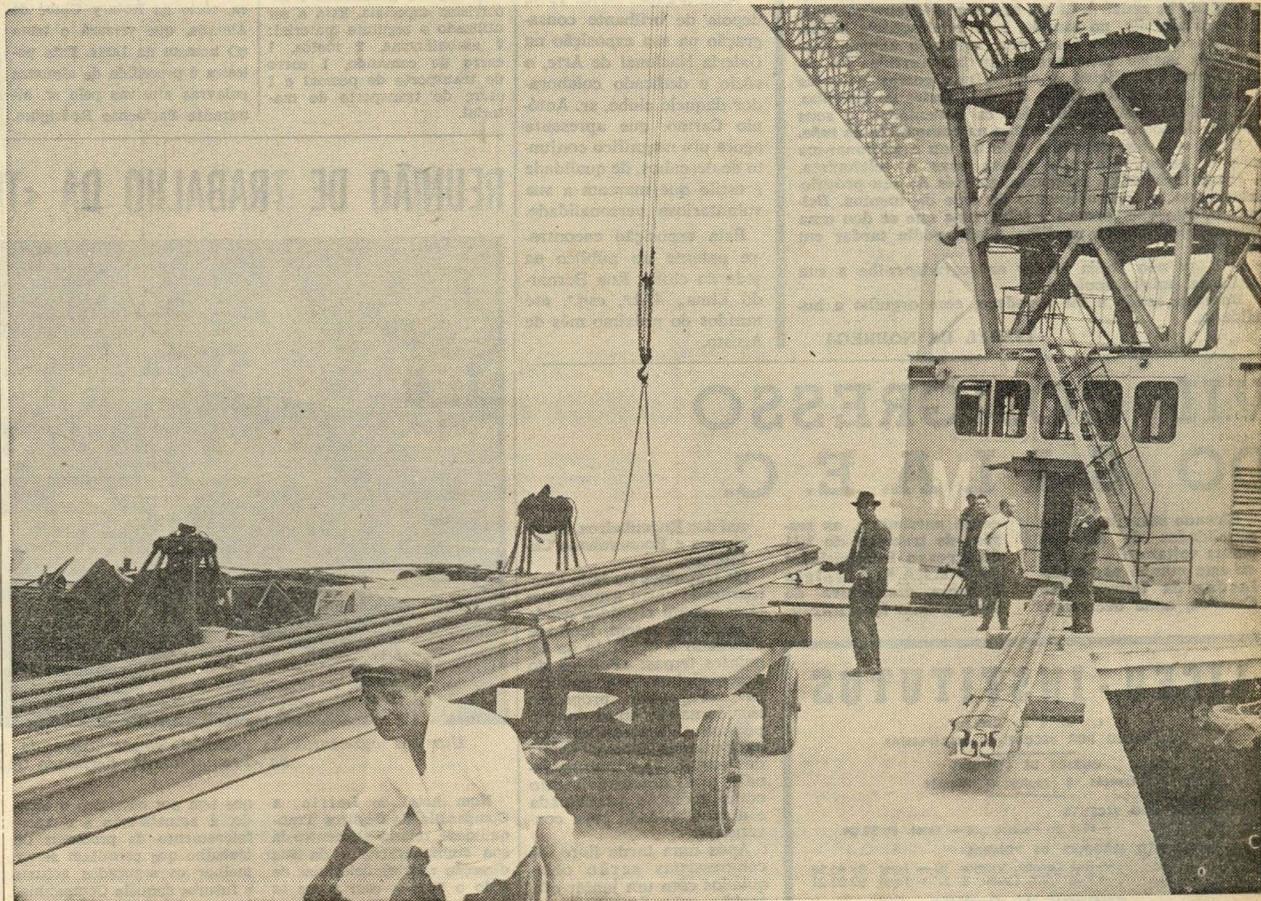
Esta mesma altivez da juventude foi mantida permanentemente, seguindo a trajectória que desenhara no início da vida. Interessado pela política e pela vida da Grei, não foi um político. Ligado ao Partido Unionista de Brito Camacho, o grupo político mais intelectual da 1.ª década da República, só teve acção política efectiva como deputado à Assembleia Constituinte de 1911.

Após esse momento, mantendo a sua fidelidade republicana e democrática até ao fim, só viveu para o ensino e investigação, tendo tomado posição de vulto na Geometria Diferencial.

Há uns 20 anos eram célebres, entre os estudantes, as suas «Epitomes». De uma delas (Autoridade) respigo umas linhas que o definem: «A autoridade do mestre resulta da evidência e da continuidade do seu esforço, do acerto do seu método, do interesse da sua exposição, da extensão da sua cultura, do vigor da sua inteligência: mas não procede menos do equilíbrio das suas faculdades de julgador, da sinceridade do seu desejo de ensinar, da lealdade do seu trato, da compostura do seu porte.» E, mais adiante: «Por isso mesmo (a autoridade) é dom que se não confere, qualidade que se não ostenta, riqueza que se não furta.»

Assim foi Mira Fernandes: a autoridade que «não empalidece a injúria» e «não acrescenta a lisonja» tinha-a pela compostura moral e intelectual.

CARRIS NACIONAIS PARA OS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES



Iniciou-se há dias, no cais da Junqueira, a entrega dos primeiros carris fabricados pela Siderurgia Nacional com destino à renovação de via da C. P. As 800 toneladas, cujo começo de transferência para a C. P. a fotografia ilustra, constituem a primeira partida (relativa ao mês em curso) de um fornecimento global de mais de 100 000 toneladas a processar ao longo de 5 anos

para ELA em especial

CONFIANÇA E CUIDADOS

Há dias telefonou-me uma mãe para me contar as suas ansias e cuidados. Eu não a conhecia, ela não me conhecia senão pela leitura regular destas crónicas. Tem quarenta anos e uma filha de doze. Vive num dos bairros da periferia, ela e o marido trabalham no centro, e a menina dispensou o segundo ano do liceu.

Estudiosa, ajudada, Luísa não deixa de preocupar os pais. A mãe, perturbada pelo feitiço fechado da filha e sua dificuldade de integração, falava, falava, com voz vibrante e inteligente — há vozes inteligentes — e eu atalhei: «Quer que tenha uma conversa com a sua filha?» — Oh, minha senhora, não ousava pedir-lhe, roubar-lhe esse tempo, mas era o que eu mais desejava!»

Veio a menina. Esbelta, morena, e eu sabia que aquela quase ausência de expressão era apenas o desconforto e o susto de quem pensava ir sofrer um «inquérito».

Mas eu não fiz perguntas, falei. Deixei que aquele serzinho secreto e reservado serenasse, e tivesse ela própria vontade de falar.

Depois de me referir a mim e aos meus, e a generalidades, fui dizendo que concordava com a mãe — ela não podia passar a vida, ou seja, o ano inteiro, sózinha em casa. (Terminado o liceu, Luísa volta para casa na camioneta, prepara o seu almoço, pelas duas horas, e passa todo o dia, todos os dias de todos os meses, sózinha em casa, até à hora de jantar, quando chegam os pais.)

A mãe tinha querido que ela se inscrevesse no «basket», no liceu, e ela recusara. Fora, por sinal, essa recusa, a gota de água na taça da aflição que levava a mãe a telefonar-me. No meio da conversa a própria Luísa me deu espontaneamente as razões da sua recusa e eu é que lhe dei a explicação dela. Como aliás a dei à mãe que a veio buscar ao jornal, à mãe com olhos luminosos e inteligentes, a condizerem com a voz.

Luísa, surpreendentemente, não gosta de ler.

Fez parte do meu conselho a inscrição na Alliance Française, onde além do francês se aprende a gostar de ler e da cultura, e também no Triângulo Vermelho, onde se pratica ginástica e diversos desportos bem dirigidos, em esplêndidas instalações, e onde, no próximo Inverno, se houver inscrições bastantes, decorrerão cursos de pintura, cozinha, etc., a preços mais do que razoáveis. Há o problema do tempo-para-estudar, por causa das deslocções, mas espero que possamos elaborar um plano e encontrar a solução.

Luísa tem sobretudo de aprender, já, que não pode viver isolada, tem de interessar-se por uma vida em comunidade, deve acreditar que as outras adolescentes, em cuja sinceridade não acredita, terão, decerto, problemas como ela. («A minha mãe diz que eu não faço amigas, que sou muito difícil...») — Ser «muito difícil» começa por ser um bom sinal. E prova da sua exigência. Exagerar a sua recusa dos outros é que se torna uma atitude pouco saudável. Já pensou que essas duas meninas de quem me falou podem ter tantos problemas como os seus? A Luísa, embora se queira sózinha, não está sózinha, no mundo, e na adolescência a «paleta» dos problemas é só uma, variando apenas conforme as vossas naturezas sejam introvertidas ou extrovertidas. (Expliquei a seguir, por outras palavras e exemplos). No fim Luísa fez dois testes de desenho, que confirmaram as dificuldades lamentadas, e seus motivos detectados. Partiu então na companhia da mãe.

Hoje, seis dias depois, a mãe tornou a telefonar-me para o jornal. Eu não estava mas a telefonista, D. Jenny, transmitiu fielmente, através do seu próprio entusiasmo, o contentamento da mãe da menina. Deixou ela dito que tornará a falar, mas que se deu uma enorme modificação na filha e não podia tardar em dizer-me.

— E eu não podia tardar em agradecer-lhe a sua confiança, minha senhora.

Daqui a saúde e lhe agradeço, com orgulho e humildade.

ISABEL DA NÓBREGA

A estátua de S. Cristóvão inaugurada ao fim da tarde numa das avenidas de Lisboa

O dia de S. Cristóvão — o patrono dos viajantes — é assinalado hoje com vários acontecimentos festivos, organizados pelo pároco da freguesia de S. Cristóvão, Corporação dos Transportes e Turismo, Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Motoristas, Inválidos do Volante, Automóvel Clube de Portugal, Auto-Clube Médico Português, Clube «100 à Hora» e pela Prevenção Rodoviária Portuguesa.

Depois de missa da comunidade paroquial no templo que tem aquele santo como orago, será inaugurada nas Escadilhas de S. Cristóvão um baixo-relevo. Segue-se, na Avenida da Cidade do Porto, a concentração de viaturas automóveis.

Com a presença do ministro das Comunicações, comandantes da P. V. T. e da secção de trânsito da P. S. P. e de outras autoridades, ao fim da tarde, procede-se ao descerramento da estátua de S. Cristóvão. Proferem discursos o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general França Borges; conde de Monte Real,

pelo A. C. P., e brigadeiro dr. Ricardo Horta, pela Cruz Vermelha Portuguesa. O bispo de Teótepe, D. Manuel Franco Falcão, celebrará missa campal de acção de graças e de sufrágio pelos motoristas falecidos, incluindo os motoristas militares falecidos no Ultramar.

Depois da consagração da actividade automobilista e da bênção aos automobilistas e seus carros, haverá um desfile de viaturas, no qual se incorporam veículos das Forças Armadas, G. N. R., P. S. P., Sapadores e Bombeiros Voluntários, Câmara Municipal, Cruz Vermelha, Companhia Carris, empresas diversas e automóveis particulares.

• Socorro aos automobilistas na estrada

Começou hoje, em período experimental que se prolonga durante o dia de amanhã e domingo, um serviço de «Socorro na Estrada», a cargo das Formações Sanitárias (1.º Grupo de Ambulâncias da Cruz Vermelha Portuguesa. De começo, e dadas as compreensíveis limitações em pessoal e meios materiais da C. V. P., este serviço só abrange duas zonas: 1 — Auto-estrada do Norte até Rio Maior; 2 — Estrada Marginal — Belém, Cascais, Guincho.

A assistência de primeiros-socorros na estrada é dirigida pelo capitão-médico dr. Fernando Caldeira, inspector-adjunto daquelas Formações Sanitárias. O comando da «Operação S. Cristóvão» foi confiado ao tenente José Nôvo Cairo e nela tomam parte cerca de 60 alistados voluntários das Formações Sanitárias, entre oficiais médicos, oficiais, graduados e socorristas especiais. Está a ser utilizado o seguinte material: 7 ambulâncias, 2 motos, 1 carro de comando, 1 carro de transporte de pessoal e 1 carro de transporte de material.

ACTIVIDADES CULTURAIS DO CLUBE DE TURISMO DO ATLÂNTICO

Volta a expor no C. T. A., depois de brilhante consagração na sua exposição na Galeria Nacional de Arte, o sócio e dedicado colaborador daquele clube, sr. António Carmo, que apresenta agora um magnífico conjunto de desenhos, de qualidade e estilo que marcam a sua voluntariosa personalidade.

Esta exposição encontra-se patente ao público na sede do clube, Rua Bernardo Lima, 47-2.º, esq., até meados do próximo mês de Agosto.



Mãe e filha, esta manhã, no Zoo de Lisboa

NASCEU NO ZOO UM HIPOPÓTAMO

O sr. Francisco Saraiva Correia, tratador do Jardim Zoológico, assistiu a um parto difícil: veio ao mundo, um «lindo» hipopótamo que hoje mesmo já teve admiradores junto das grades do recinto onde se encontra. A fêmea, filha dos hipopótamos «Bivar» e «Flausina», encontra-se bem. Coube ao

sr. Francisco Saraiva Correia a «honra» de baptizar o hipopótamo. Fica a chamar-se «Carolina». Não foi possível obter o peso do «bebé» que, apenas com algumas horas de vida, já infunde certo respeito...

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Na próxima reunião do Rotary Clube de Lisboa, que se efectua no dia 29, às 12 e 45, no Hotel Tivoli, será palestrante o sr. Eurico da Fonseca, sócio do Rotary Clube de Almada, que versará o tema «O homem na Lua». Esta palestra é precedida de algumas palavras alusivas pelo sr. almirante Sarmiento Rodrigues.

FERIAS
BALEARES e CANÁRIAS
Partidas de MADRID
Preços desde
Esc. 1.320\$00
(8 dias)
Esc. 1.750\$00
(15 dias)
Peça informações detalhadas
Telefs. 53 98 71
36 25 01
Utilize o CREDI-STAR

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Faro - Funchal - Luanda

REUNIÃO DE TRABALHO DA «TRANQUILIDADE»



Um dos momentos da reunião quando usava da palavra o administrador da «Tranquilidade» Fernando Gaspar

Num hotel de Leiria, a Companhia de Seguros Tranquilidade reuniu elementos da sua administração e da sua direcção com os delegados de todo o País e com todos os empregados de serviços externos.

Damos acima um aspecto da abertura desta reunião,

que tem por objectivo o estudo, a actualização e o aperfeiçoamento de processos de trabalho que permitam servir melhor os segurados actuais e futuros daquela Companhia, tanto em assistência directa como por intermédio dos seus agentes e angariadores. Estavam presentes mais de

60 pessoas e ficámos com a ideia de existir a forte determinação de levar a cabo o lema afixado na sala («Máxima simplificação interna para a melhor eficiência externa») através de um programa de trabalho intensivo.

Desejamos o maior êxito a propósitos tão construtivos.

VII CONGRESSO DO S. I. I. A. E. C.

Elevado número de personalidades de diversos países voltaram a reunir-se esta manhã nas instalações da Universidade Católica, onde decorrem,

desde anteontem, as sessões de trabalho do VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C. (sigla francesa designativa do Secretariado Internacio-

nal dos Engenheiros, Agrónomos e Economistas Católicos).

Os trabalhos de hoje efectuaram-se entre grupos que já se acham reunidos desde a tarde de ontem, tendo-se abordado e debatido os seguintes temas: «Política do desenvolvimento e sindicato»; «Papel do progresso técnico na estrutura da vida pública»; «Perspectivas das estruturas internacionais das empresas multinacionais»; e «O desenvolvimento como evolução participada e disponibilização para convenções».

Após uma tarde livre, os congressistas serão obsequiados com um jantar oferecido pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o qual decorrerá no Mercado da Primavera.

LICEU - INSTITUTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SECÇÕES E DISCIPLINAS
CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão

* ESCOLA SÃO VICENTE
— Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04

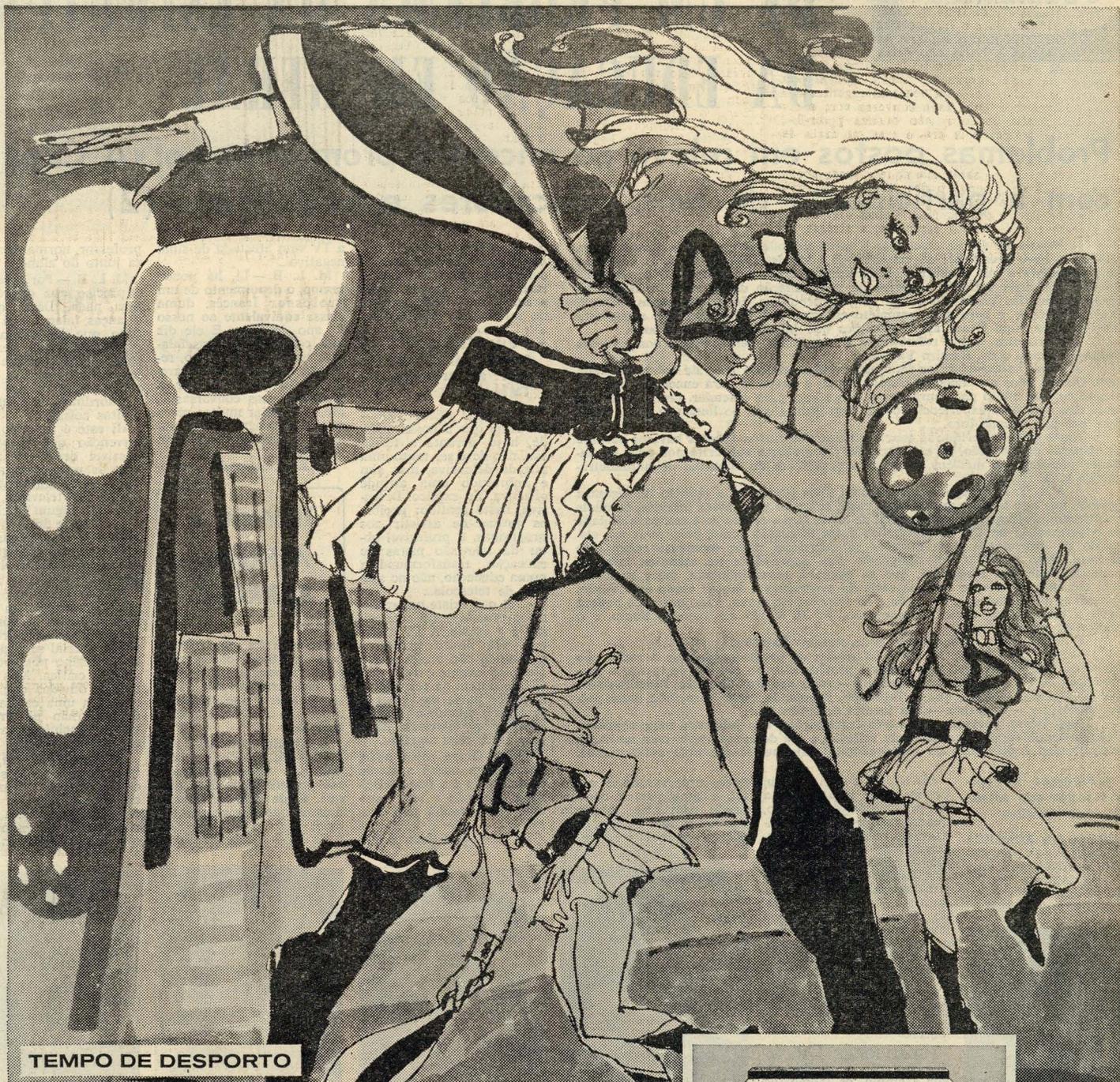
* EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
— Rua Carrilho Vieira, 10 — Telef. 83 46 58
— Rua Edith Cavell, 8. 1.º — Telef. 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

A MANEIRA DE SIMAK

A adversária não coordenou bem os movimentos. O esférico, devolvido pela força sintética da Sr.^a K, deu entrada no redemoinho hiante dos espaços abertos. Um rio de prata e sol, de areia, vento e céu rebentou, vitorioso, entre arbustos e uvas bravas cristalizadas.

Premiada pela Comissão Mundial das Olimpíadas Interplanetárias, a Sr.^a K sentiu a felicidade de uma vida total: em sua casa, a máquina de lavar roupa SCHARPF automatizava-se e sabia quando devia parar. A Sr.^a K ganhou mais um troféu.



TEMPO DE DESPORTO

SCHARPF

A MÁQUINA E O TEMPO

SCHARPF, com cérebro electrónico incorporado, permite-lhe a mais moderna, eficiente e fácil lavagem. Basta colocar a roupa na máquina e marcar a qualidade do tecido.

SCHARPF regula, automaticamente, a entrada de detergente, a temperatura mais adequada da água, a quantidade de enxaguamento e a velocidade da centrifugação.

O cérebro electrónico da SCHARPF não permite erros: todas as funções de lavagem são precisas e exactas.

SCHARPF

LAVA A TEMPO ■ TEM TEMPO ■ DÁ TEMPO



UMA SF-3

A TELEVISÃO É APENAS UM DOS MUITOS ASPECTOS DE UM PROBLEMA DA ESTRUTURA DA EDUCAÇÃO EM GERAL



Mesa redonda
A TV
e a Juventude

● Problemas postos em relevo no encontro promovido pel'«A Capital» com a participação de pais, educadores e pedagogos (2)

Já depois de se ter efectuado a mesa-redonda que o nosso jornal agora publica, o novo presidente do conselho de administração da R. T. P. concedeu uma entrevista a um conhecido semanário da capital. Referiu-se o dr. Ramiro Valadão aos mais variados aspectos da programação da Televisão e nomeadamente, como não podia deixar de ser, ao problema da programação infantil. Dessa entrevista, e para mais completo esclarecimento do leitor que segue esta mesa-redonda, aqui ficam as transcrições que julgámos oportuno fazer.

Em primeiro lugar, referindo-se à sua longa permanência nos Estados Unidos, afirmou o dr. Ramiro Valadão:

— Todas as experiências fatalmente influenciam o jeito de actuar de cada qual. Quatro anos nos Estados Unidos foram o bastante para encontrar naquele magnífico país muito para aprender e, sobretudo, para entender. Creio ter ficado mais rico com essa experiência, como com outras que, ao longo da vida, tenho feito por esse mundo fora.

Em seguida, referindo-se concretamente aos curtos debates havidos perante as câmaras de televisão, na sequência da carta aberta subscrita por pais, educadores, psicólogos e médicos, afirmou o presidente do conselho de administração da R. T. P.:

— A R. T. P. desejava conhecer com mais pormenor a opinião de algumas pessoas que nos haviam escrito uma carta sobre os programas infantis, os quais constituem preocupação fundamental de quem tem a seu cargo a responsabilidade da programação da TV. Os resultados dessa discussão serão, pois, mais um elemento de informação para quantos se debruçam neste momento sobre este assunto. Para o efeito, foi designada uma especialista de assuntos infantis, nomeado mais um realizador, que se ocupará, essencialmente, deste sector, e está em curso a criação de uma série de programas a lançar ainda este Verão. Quanto às dificuldades de execução e ao que está em curso, julgo que você poderá ouvir a encarregada dessa programação, sr.ª D. Maria do Sameiro Souto, e o realizador Alfredo Tropa.

E acrescentou, mais adiante, o dr. Ramiro Valadão:

— Sabe uma coisa? As vezes há razões de programação que a razão não conhece... Mas espero que seja possível providenciar no sentido de tornar a programação da TV — pelo menos a infantil — mais próxima da razão. Permita-se-me que acrescente, todavia, que a Televisão, depois de certa hora, não pode propriamente ser — e apenas — um jardim de infância...

Aqui ficam, portanto, estas três transcrições, que julgámos mais significativas, podendo servir de objecto de reflexão e até de comparação com as ideias preconizadas e debatidas na mesa-redonda, cuja publicação hoje continuamos.

● A prospeção da opinião junto das crianças e adolescentes

CORREIA DA FONSECA — O Manuel Pina tinha, salvo erro, apelado para uma certa especialidade do Pedro Jorge em relação a um tema que não assentei?!



Pedro Jorge



Sá Marques

MANUEL PINA — Sim, precisamente o problema da prospeção da opinião, quanto aos processos a utilizar. Embora eu esteja convencido de que, por exemplo, as respostas que o padre Paulo obteve, na sua sondagem, foram dadas num ambiente de sinceridade, é muito possível que nem todos os inquiridos correspondam exactamente àquilo que os adolescentes responderiam a si próprios se se pusessem as mesmas questões. Inclusive as próprias perguntas condicionam as respostas, não é verdade?

PEDRO JORGE — Há vários factores a considerar. Por exemplo, os inquiridos feitos no âmbito da escola devem ter em conta que os rapazes são, em certa medida, levados ao gregarismo. O ambiente é todo deles! E o que resulta de todos eles em conjunto talvez possa não ser a resposta de cada um, individualmente. Em casa, por exemplo. Estruturalmente, poderá não ser a mesma resposta, apresentando variações acentuadas...

C. F. — Suponho que os inquiridos às idades mais precoces — às crianças, mais propriamente — oferecem ainda maiores dificuldades, não?

P. J. — Sim. Uma das técnicas mais adequadas para fazer inquiridos às crianças é aproveitar momentos em que se encontram ou em diálogos ou em trabalho livre de «atelier». Trata-se de ocasiões em que elas se encontram em grande liber-

dade, expressando-se como tal, e uma pessoa conversando com elas, tomando anotações aqui e ali, poderá obter com mais verdade as



Padre Paulo Ferreira



Dr. Manuel Pina



José Francisco Nereu



Correia da Fonseca

respostas, o gráfico do estado de alma da criança. A sondagem, assim, é mais profunda.

C. F. — Uma técnica de observação continuada, portanto?

P. J. — Exacto, e num ambiente em que ela está à vontade, produzindo, criando...

MARIA LEONOR BOTE-LHO — Eu queria ainda fazer uma observação, que é talvez complementar. Parece-me fundamental que as sessões de televisão sejam, com frequência, seguidas de comentário, quer no meio familiar, quer no meio escolar. E a observação dos comentários das crianças, por parte de alguém que esteja de fora, poderá forne-

cer elementos muito úteis. Ainda que a necessidade do comentário seja por outras razões, pode mesmo assim permitir uma determinação de interesses, motivações...

● «Que faz a TV às crianças?», ou «que fazem as crianças da TV?»

P. PAULO FERREIRA — Eu creio que a nossa atitude, hoje, perante a televisão, não deve ser tanto uma atitude defensiva, mas sim e sobretudo uma atitude ofensiva. Eu explico. Defensiva, neste sentido: proibir os jovens de assistir aos programas. É preferível obter da televisão pistas de educação, transformando-a numa educação, não no sentido de telescola...

«... É que existe um «ghetto» profundo entre a televisão e a escola. A TV é «tabu». Há muito professor que ainda não aceita que o aluno se levante e diga: «Eu vi isso ontem na televisão!» A maior parte das vezes o professor manda-o sentar, «porque a televisão nada tem a ver com aquilo»...

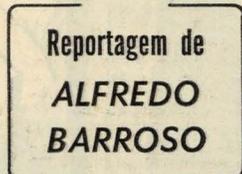
P. J. — Outra coisa, aliás, que desliga muito a escola da televisão é a frase: «Deixa a televisão e vem estudar, que amanhã tens exames!»

C. F. — Sim, isso é um

a TV vem afectada de sinal negativo...

M. L. B. — Li, há pouco tempo, o depoimento de um professor francês, duma classe equivalente ao nosso 1.º ano do liceu. E ele diz que, como as crianças falavam muito da televisão, resolveu comprar um aparelho, para poder passar a participar nas conversas e, até, aproveitar muitas vezes qualquer programa interessante e daí arrancar para uma lição...

«... E eu estou de acordo,



penso que sim, que, mesmo com as nossas carências e os maus programas que há, se deve tirar partido da televisão! Nem que seja para ajudar as crianças a ganhar defesas...

JOSÉ FRANCISCO NEREU — Eu acho que é bom que isso fique acentuado, até porque há muitos pais que ainda não compreendem a questão nesses termos!

C. F. — Sim! Eu creio,

professor, normalmente, goza junto do aluno.

M. L. B. — Por vezes nem é preciso que o professor diga nada. Basta que as crianças falem... e é engraçado que há muita coisa que se esclarece, sendo só elas a falar, sem que o professor intervenha. Fazem comentários de um acerto extraordinário em relação a muitas coisas!

«E este é um tipo de intervenção que me parece possível desde já, mesmo com os programas actuais. Seria extremamente útil. Temos esta televisão, vamos tirar dela algum partido. Do que é bom e do que é mau, ajudando as crianças a desenvolver o espírito crítico que é possível nas diversas idades...

C. F. — O que nos reunia aqui foi a existência de um mau material. E nós sabemos que até a partir de um mau material se pode fazer um trabalho positivo, através da crítica. Mas temos muitas dúvidas que ele se realize a uma escala considerável, não é? Provavelmente concluímos, até, que ele não se realiza...

M. P. — Isso era, aliás, uma coisa que já se fazia em relação ao cinema, nos cineclubes juvenis. A tese era, precisamente, a de que não havia nenhum filme que não pudesse ser projec-

caso limite! Parece-me que a questão talvez se possa colocar nos seguintes termos, que não são meus, aliás: é costume pensar o problema da televisão infantil e juvenil na perspectiva de «averiguar o que é que a TV faz às crianças». Ora, parece-me errado pôr a questão nestes termos. Deveríamos, antes, «averiguar o que é que as crianças fazem da televisão que lhes é dada!» Como é que elas a elaboram, em que é que elas a transformam, não será assim?... E sendo assim, haverá, então, uma permanente acção formativa, educativa, de qualquer programa de televisão sobre a criança. Embora, é claro!, até agora verifiquemos que

aliás, que, no fundo, é domiciliária a função da crítica televisiva!

M. L. B. — E essa crítica, se for feita na escola, pode ser utilíssima. Não excluo o comentário caseiro, que me parece fundamental. A família está a ver, comenta e muitas vezes comenta negativamente. Tem de ser... tira-se partido do que é positivo...

«... Mas o comentário escolar parece-me muito importante. A maior parte das vezes dá «pano para mangas», dá para fazer muito boa educação!

C. F. — Até porque o comentário escolar vem reforçado de toda aquela margem de crédito de que o

tado a adolescentes, desde que fosse devidamente comentado.

● Um contexto negativo

P. P. F. — Eu creio que a televisão não será tanto um motivo para nos alarmar, se nós soubermos retirar dela os aspectos positivos. E refiro-me, concretamente, à televisão portuguesa. Há coisas que nós sabemos que estão mal, mas eu creio que temos sabido descobrir os valores a retirar dessas coisas que estão mal... Esse tem sido, aliás, o meu esforço pessoal...

J. F. N. — Isso que o padre Paulo diz está inteiramente certo, mas eu pergun-

(Continua na pág. 12)



O jovem artista Juan Soutullo, à direita, junto do dr. Manuel Teles no acto da abertura da exposição

EXPOSIÇÃO NO CASINO ESTORIL

Depois do êxito conquistado no ano passado, Juan Soutullo volta agora à galeria de

arte do Casino Estoril, onde expõe desde ontem dezasseis trabalhos, entre guachos e témperas. Apesar da sua pouca idade, Juan Soutullo promoveu três exposições individuais, sendo esta a quarta, e participou em cerca de doze exposições colectivas. A sua obra tem o lugar que merece no panorama artístico nacional e muitos são os conhecedores que nele depositam as melhores esperanças. Os quadros agora expostos no Casino Estoril podem considerar-se uma das justificações dessas esperanças, de algum modo e em grande parte transformadas já em realidades.

A inauguração do certame (que ficará patente ao público até ao próximo dia 3) foi presidida pelo dr. Manuel Teles, administrador da Estoril-Sol, e reuniu um número avultado de convidados.

FOI PAGA UMA DÍVIDA DE GRATIDÃO

A Câmara Municipal de Lisboa resolveu prestar homenagem à memória do professor e filósofo Silvestre Pinheiro Ferreira, de quem se celebra este ano o segundo centenário do nascimento, dando o seu nome a uma praça de Lisboa situada à Estrada de Benfica. Pagou deste modo uma dívida de gratidão não só da cidade mas do País a uma das figuras mais notáveis do pensamento português do século XIX.

CURSO DE ALISTADOS DA GUARDA FISCAL

Decorreu esta manhã, no Centro de Alistados da Guarda Fiscal, próximo de Queluz, o festival de encerramento do curso de 1969, acto a que estiveram presentes o secretário de Estado do Orçamento, o comandante-geral da corporação e outras individualidades.

A cerimónia consistiu na apresentação de vários exercícios de carácter militar e fiscal, demonstrativos do grau de eficiência alcançado pelos novos guardas, compromisso de honra, distribuição de prémios aos alistados mais classificados e imposição de distintivos.

O MINISTRO DA DEFESA VISITOU EM RUNA O LAR DOS MILITARES

O ministro da Defesa Nacional deslocou-se esta manhã a Runa, próximo de Torres Vedras, ali visitando o Lar dos Veteranos Militares (Asilo dos Inválidos Militares), que hoje comemora o 142.º aniversário da sua fundação.

Após breve sessão de boas-vindas, o ministro visitou as dependências do Lar e assistiu a uma homenagem à sua fundadora, junto do respectivo monumento. No final, foi-lhe servido um almoço, ao mesmo tempo que decorria, noutra sala, a refeição dos veteranos.

O programa das comemorações compreendeu, ainda, missa solene e concerto militar, efectuando-se à noite uma sessão de cinema.

A «MULHER IDEAL PORTUGUESA» DISPUTARÁ EM MONTECATINI O TÍTULO EUROPEU

Vai ter um ano agitado e cheio de responsabilidades inerentes ao título conquistado, a «Mulher Ideal Portuguesa», D. Georgina Ventura Henriques, escolhida por um júri durante a festa de gala que decorreu no «Wonder Bar» do Casino Estoril, promovida pelo Clube das Donas de Casa com o patrocínio do nosso prezado colega «Diário Popular».

A «mossa» mulher ideal é solteira, tem 26 anos, é hospedeira da TAP e há alguns meses que decidira tomar parte na iniciativa do CDC.

Foram longas e variadas as provas que levaram Georgina Ventura Henriques até ao momento final em que o júri, a que presidia D. Maria Isabel de Sousa, directora do Clube das Donas de Casa, tornou público o seu nome. A assistência aguardou até à meia-noite, quando Henrique Mendes proferiu aos microfones o nome da escolhida. Nessa altura, a «Mulher Ideal da Europa 1968», a norueguesa Sissel Halvorsen, levantou-se e colocou-lhe a faixa respectiva, na presença de numerosas individualidades e convidados, entre os quais se encontrava a actriz Ruth Gassmann, protagonista do filme «Helga», actualmente em exibição em Lisboa.

Georgina Ventura Henriques terá agora de ir a Montecatini, onde, em 26, 27 e 28 de Agosto, prestará as provas finais para o título de «Mulher Ideal da Europa».

DESMASCARADO UM ENGENHOSO BURLÃO

Um indivíduo identificado como sendo Alvaro Pereira Mendes, de 37 anos, casado, empregado da indústria hoteleira, natural da freguesia de Oliveira, Cinfães do Douro, residente numa casa de dormidas na Rua dos Douradores, 192, 4.º esquerdo, em Lisboa, foi apresentado, pelas 2 e 30 de ontem, na esquadra de Arroios pelo sr. David de Jesus Cordeiro dos Santos, de 39 anos, casado, industrial, natural de Lisboa e residente na A. António Pedro, 117.

O queixoso declarou que Alvaro Pereira Mendes o abordara próximo da sua residência exibindo o recibo da renda da sua casa, referente a Setembro, passado em nome de sua mãe e na importância de 6400\$00,

e pretendendo receber aquela importância, ao mesmo tempo que declarava vir da parte do senhorio, cujo bilhete de identidade mostrava.

O sr. Santos, que começara a notar algo de anormal, pois que já tinha pago o referido mês, confirmou imediatamente as suas suspeitas quando, olhando para o bilhete de identidade, viu que era o seu próprio bilhete aquele que lhe era apresentado...

Na esquadra, Pereira Mendes declarou então que achara os documentos na Avenida Almirante Reis, e que realmente era seu intuito receber a quantia e ausentar-se para parte incerta. Em dado momento, porém, perguntou ao queixoso se conhecia um indi-

víduo de nome Diamantino, o qual é empregado do sr. Santos e que nessa tarde ficara com os documentos referidos, a fim de tratar de contratos de água e electricidade.

Foi então chamado o empregado, Diamantino Ramos de Almeida, de 33 anos, solteiro, empregado de escritório, natural de Lisboa, e residente na Rua Sabino de Sousa, 1, 2.º direito, que, em presença do detido, disse ter sido ele o indivíduo que, nessa noite, cerca das 20 horas, o abordara nas Escadinhas do Duque a pedir lume, e a dada altura o agredira a soco, derrubando-o e provocando-lhe ferimentos, pondo-se depois em fuga após lhe ter tirado os documentos e 90 escudos em dinheiro.

MAIS UMA VITÓRIA BMW

NO IV CIRCUITO DA GRANJA DO MARQUÊS
BMW ARRANCA A 34 OUTROS CONCORRENTES
A TAÇA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Reafirmando as suas excepcionais
qualidades de performance e segurança,
BMW conquista de novo o 1.º lugar na
prova de Turismo e Turismo Especial!



Pelo prazer de conduzir — B M W

Agentes em todo o País

Distribuidor exclusivo:

Sociedade Comercial e Industrial de Automóveis Francisco Batista Russo & Irmão S.A.R.L.



TEM NOVA DIRECTORA (e quase quinhentos alunos) A ACADEMIA DE MÚSICA DE SANTA CECÍLIA

Não se pode dizer que estejam muito adiantados os estudos de música em Portugal. Como não estão ainda suficientemente desenvolvidas as bases de uma cultura geral, ao nível da música e integrada num plano de educação integral que assegure aos alunos do ensino médio uma adequada formação musical.

Uma experiência, que tem já cinco anos (a escola foi fundada em 1964), está no entanto em marcha e deu já os primeiros resultados, que se mostram magníficos.

Falamos da Academia de Música de Santa Cecília, que possui o ambicioso projecto, felizmente já concretizado, de demonstrar que uma especialização musical não só é compatível com a obtenção de um curso médio (o liceal), como encontra nele o apoio indispensável.

É por isso que este ano, ao completar o seu quinto ano de existência, a Academia apresentou a exames de 2.º ciclo os primeiros alunos (cinco) que completaram os seus estudos básicos liceais, a par dos quais fizeram as cadeiras de Solfejo, Piano, Violino ou outro instrumento, História da Música, Harmonia e Composição.

Do êxito obtido pela Academia se poderá avaliar ao dizer-se que iniciou a sua actividade com 130 alunos, hoje possui 460 e estão já a estudar-se as adaptações necessárias para que em

breve atinja as seiscentas matriculadas.

Um palácio secular

A Academia de Música de Santa Cecília está instalada num velho palácio, que a C. M. L. recentemente adquiriu e à qual a escola paga uma renda simbólica.

Esta manhã, ao conduzir os jornalistas numa visita, a sr.ª D. Vera Franco Nogueira, presidente de honra da instituição, dizia-nos que, antes de se ter fixado neste palácio, percorreu 86 edifícios alfacinhas até se fixar naquele. A obra realizada tem sido morosa e de grande devoção, porque a Academia vive das propinas pagas pelos alunos, mas, sobretudo, da acção de alguns benfeitores ou amigos, como o próprio presidente, o dr. Serra Formigal, dr. Jorge de Melo, dr. Krus Abecasis, prof. André Gonçalves Pereira, dr. Vaz Serra, entre uma infinidade de pessoas das quais se torna difícil no momento recordar o nome. Com pouco dinheiro e muita imaginação se vai conseguindo apetrechar a escola, na qual, só para disciplinas de música, leccionam vinte professores, acrescidos de mais quarenta, a par das cadeiras do 1.º e 2.º ciclos liceal.

Que a escola tem de ser dirigida com muito bom critério prova-se por pequenos pormenores esta manhã ali observados: um ginásio, que só foi coberto a madeira até metade, a considerada essencial, porque não havia mais dinheiro, a aplicação dos vulgares reci-

pientes transportadores de ovos, em madeira, ao tecto, para se conseguir isolamento térmico e acústico, etc.

Tudo indica que a Academia de Música de Santa Cecília está a entrar em nova fase de actividade. Para já, embora as dificuldades de dinheiro se mantenham, beneficiará, para o próximo ano lectivo, de um subsídio de quinhentos contos, da Fundação Gulbenkian. Mas, para além de todas as ajudas já obtidas, aquele estabelecimento, que viu a sua tarefa oficializada pelo Ministério da Educação Nacional, precisaria de obter, pelo menos, mais mil contos por ano, verba correspondente à que recebe anualmente o Conservatório de Lisboa.

Na Alemanha e na Áustria — dizia-nos a sr.ª D. Vera Franco Nogueira — existem muitas escolas de música do tipo desta, às quais os municípios das cidades em que se instalam concedem subsídios que chegam a atingir 22 mil contos. A C. M. L. tem dado preciosas ajudas mas não poderá talvez incluir nos seus orçamentos tais verbas (neste caso 5 ou 6 mil contos, por ano) para manter uma escola de música.

Para se dar mais um passo em frente, muito irá contribuir a acção da nova directora musical da escola, a pianista Angeles Pressuto da Gama, concertista e pedagoga, que já lecciona na Academia.



Embaixador Ridgway Knight

O NOVO EMBAIXADOR DOS E. U. A. EM PORTUGAL CHEGA AMANHÃ

Viajando no *Sud Express*, proveniente de Paris, chega amanhã a Lisboa o novo embaixador dos Estados Unidos da América do Norte B. Knight, acompanhado de sua esposa, sr.ª Colette Lallier, de quem tem quatro filhos. A chegada do novo embaixador à estação de Santa Apolónia está prevista para as 15 e 45.

Filho de pais americanos, o dr. Ridgway B. Knight, nasceu em Paris, em 1911, por cuja Universidade se formou em Ciências e Filosofia em 1929, sendo também diplomado, em Administração Comercial, pela Universidade de Harvard. Foi major do Exército dos Estados Unidos durante o período de 1943 a 1945.

O embaixador Knight entrou para o serviço estrangeiro em 1941, tendo servido como vice-cônsul e conselheiro técnico na missão de Robert Murphy ao Norte de África francês (1941-1943). Deixou este cargo em Janeiro de 1943, para se alistar no exército, tendo participado nos desembarques de Salerno, Anzio e Sul da França.

os acontecimentos mundiais

A ARMADA SOVIÉTICA MULTIPLICA AS SUAS DESLOCAÇÕES

MOSCOVO, 25 — A Marinha de Guerra soviética multiplica as deslocações das suas unidades aos portos estrangeiros, alguns bem distantes. Efetivamente duas novas visitas foram ontem anunciadas para os últimos dias de Julho: uma, a Zanzibar, e, a outra, a Helsínquia.

O porta-mísseis «Ouporny» e o petroleiro «Yegorlyk» chegarão em 27 do corrente a Zanzibar, anunciou a agência «Tass», e duas unidades da esquadra do Báltico, entre as quais o cruzador «Komsomolets», visitarão, na mesma altura, Helsínquia, a convite do alto comando finlandês.

Entretanto, a esquadra que terminou recentemente

uma série de exercícios no Atlântico Norte prossegue a sua visita oficial a Havana onde navios de guerra soviéticos lançaram ferro pela primeira vez.

Finalmente, o porta-helicópteros «Daurija» atravessou ontem, o Bósforo na direcção do Mediterrâneo. Sobre, assim, a 67 o número de navios de guerra soviéticos que passaram para o Mediterrâneo desde o princípio do ano. Quarenta e uma destas unidades regressaram entretanto ao mar Negro. — (F. P.)

BASES SOVIÉTICAS

(Continuação da pág. 1)

de superfície ar «SA-2» foram transferidas de Alexandria para a Argélia, por via marítima, a fim de proteger as esquadrihas.

A redactora do jornal declara, também, que o míssil «SA-2», que tem um alcance de cerca de 50 quilómetros, foi substituído no Egipto, segundo se anunciou, por um míssil soviético mais moderno.

«É improvável que haja quaisquer mísseis estratégicos, equipados com ogivas nucleares, escondidos» na Argélia — afirma «miss» Hollingworth, que conclui: «É possível que a Rússia esteja a utilizar o antigo centro francês de ensaios nucleares, no coração do Sahara, para os seus próprios propósitos experimentais. — (R.)

EDWARD KENNEDY CONDENADO

EDGARTOWN, 25 — O senador Edward Kennedy foi hoje condenado a dois meses de internamento numa casa de correcção por um juiz do Tribunal Distrital de Edgartown devido a ter abandonado o local do acidente em que morreu uma mulher que o acompanhava. O acidente ocorreu há uma semana.

Todavia, o juiz suspendeu a sentença baseado nas provas de bom carácter do senador Edward Kennedy. — (R.)

JULIO DA COSTA PINTO

(Continuação da pag. 3)

do pretendente, D. Manuel, e do seu representante em Portugal, Aires de Ornelas. O núcleo de conspiradores a que pertencia organizou os movimentos do Norte, no Porto e noutras cidades, e de Monsanto, em Lisboa. Em 23 e 24 de Janeiro de 1919, com uma bravura digna de registo, comandou em Monsanto os civis na maioria recrutados entre jovens integristas pertencentes à mocidade das escolas. Costa Pinto, que não pertencia a essa facção monárquica, foi, apesar disso, o comandante desses jovens no combate. Vencido o movimento foi preso, e no forte da Trafaria, onde se conservou algum tempo, não deixou de agir para reatar os fios da conspiração malograda. Posto em liberdade em virtude da amnistia de que beneficiaram, em 1921, todos os combatentes monárquicos, prosseguiu na sua actividade, que reparou com a de funcionário da Vacuum, onde passou a trabalhar e de que actualmente era reformado.

Costa Pinto, que através de tudo se distinguiu pela valentia pessoal e pela fidelidade ao seu credo polí-

tico, depois de reformado daquela empresa, conservou-se alguns anos em França junto da ex-rainha D. Amélia, de quem foi dedicado secretário. Quando esta faleceu, regressou a Portugal e aos seus hábitos de conversador, que na roda de amigos da Brasileira era escutado com interesse e apreço, pois podia apontar-se como uma relíquia de violentos combates políticos nem sempre incruentos, mas cavaliheirescos, respeitando-se mutuamente os seus protagonistas, que se haviam distinguido na carreira das armas por actos heróicos que os nobilitavam.

CONSELHO DE ESTATÍSTICA

Prosseguem, no Instituto Nacional de Estatística, os trabalhos do Conselho Nacional de Estatística, que tem estado a estudar o projecto do programa do XI Recenseamento Geral da População, assim como os programas das grandes operações estatísticas de tipo censitário a realizar em 1970.



A sr.ª D. Vera Franco Nogueira, rodeada por professores da escola e jornalistas, num dos momentos da visita. A seu lado vê-se a nova directora, Angeles Pressuto da Gama

A TROCA DE ESPÍÕES ENTRE MOSCOVO E LONDRES

LONDRES, 25 — Aceitando a «troca» do espião Gerald Brooke pelos espíões Peter e Helen Kroger, o Governo britânico cedeu finalmente a Moscovo, tal é a amarga conclusão tirada nos meios políticos ingleses.

Em 27 de Outubro de 1967, o Foreign Office declarou solenemente: «O Governo de sua majestade fez saber claramente aos soviéticos que não havia nada de comum entre os dois casos e que uma troca estava fora das hipóteses.»

Após a ameaça do Governo de Moscovo de levar Brooke de novo a tribunal, Londres começou a renunciar à sua intransigência. Michael Stewart, ministro dos Negócios Estrangeiros, que tinha chamado a atenção do embaixador da U. R. S. S. para as «graves consequências» que o agravamento da sorte de Brooke poderia ter nas relações anglo-soviéticas, decidiu, em 6 de Maio passado, travar negociações oficiais com o mes-

mo embaixador para impedir que Brooke fosse julgado de novo. — (F. P.)

JUAN CARLOS E O PAI falaram pelo telefone

MADRID, 25 — Juan Carlos de Bourbon falou ao telefone com seu pai, o conde de Barcelona — segundo anunciou uma fonte próxima da residência do príncipe de Espanha.

A conversa telefónica, considerada «longa e amigável», surge nos meios políticos como a prova de que as coisas não vão tão mal entre Juan Carlos e o conde de Barcelona como alguns pretendiam.

O conde de Barcelona regressou à sua residência, no Estoril, depois dum cruzamento de quatro dias. — (F. P.)

PROGRAMA DOS CINEMAS

ALVALADE — Tel. 763080 — Hoje, às 21.45 — Estreia — Adultos — Veja anúncio especial — «Começou em Nápoles», com Clark Gable e Sophia Loren — Às 15.45 — Adultos — Última exibição — «Esta noite não!».

EDEN — Tel. 320768 — Às 15.15, 18.30 e 21.45 — Adultos — Um milhão de dólares no banco... — Uma dúzia de garotas nos braços... — «Amar nas horas vagas», com James Coburn, Camilla Sparv e Aldo Ray.

ESTÚDIO — Tel. 555134 — Às 15.30, 18.30 e 21.45 — M/ 12 anos — Technicolor — O extraordinário filme de Walt Disney — «O deserto maravilhoso».

EUROPA — Tel. 661016 — Estreia, às 21.30 — M/ 12 anos — «A sul do rio Grande» — Technicolor. — Às 15.15 — M/ 12 anos — Última exibição — «A grande corrida à volta do mundo».

IMPERIO — Tel. 555134 — Às 15.15 e 21.30 — Adultos — Technicolor — Ele, Strange... ela, Frederika... para quem o amor tinha qualquer coisa de proibido... — «O caso Strange», com Michael York, Susan George e Jeremy Kemp — Um filme de David Greene.

MONUMENTAL — Tel. 555132 — Às 15.15 e 21.30 — M/ 12 anos — 2.ª semana — «Spartacus» — Espectacular obra de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas, Laurence Olivier e Jeans Simons.

SÃO LUIZ — Tel. 327172 — Hoje, às 21.30 — Estreia — Adultos — Veja anúncio especial — «Começou em Nápoles», com Clark Gable e Sophia Loren — Às 15.15 e 18.15 — Adultos — Últimas exhibições — «Esta noite não!».

CINEARTE — Tel. 660446 — Às 15.00 e 21.00 — M/ 12 anos — «Caça ao ouro» — Lutas sangrentas! Com Mireille Darc e Marilu Tolo. — Em complemento: «Justiça de um pistoleiro» — Aventuras — Colorido — Com Rod Cameron e Tim McCoy.

Telefs. 5 41 53 e 5 41 54
HOJE — ESTREIA
As 15.15 e 18.15
(M. 6 anos)

SÃO JORGE
UMA JÓIA DA 7.ª ARTE
NAMU
Rainha dos Mares
Premiado com:
«Arquera de Ouro» — Melhor longa-metragem do Festival de Cijon
«Oso Pardo Astoriano»
«Platero de Plata»

ATENÇÃO — A 1.ª parte das 2.ªs matinées é preenchida com uma demonstração de fantoches por Francisco Esteves, da Casa da Comédia.

As 21.30 (Adultos)
FESTIVAL JAMES BOND
HOJE
007 CONTRA GOLDFINGER

Em complemento, notável reportagem da visita do professor Marcello Caetano ao Brasil.

Telef. 5 05 95
As 9.30 da noite (M. 12 anos)

TIVOLI
60.ª SEMANA
DO MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer
— EXCLUSIVO DESTA SALA —

Telef. 32 63 05
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

POLITEAMA
UM ÊXITO SENSACIONAL
Um choque de paixões bárbaras estimulando a fúria de matar
TEMPO DE MASSACRE
c/ Franco Nero e George Hilton
UM FILME DE AÇÃO SANGUINÁRIA
Scope — Col. (M. 17 anos)

Telef. 53 87 43
As 15.15, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)

MUNDIAL
Dean Martin, Jean Simmons e George Peppard no mais implacável e explosivo «western» da temporada!
NOITE DE VIOLÊNCIA
UM FILME EM TECHNICOLOR E TECHNISCOPE
Ar condicionado

Telef. 77 90 95
As 15.30, 18.30 e 21.45
(ADULTOS)

ESTÚDIO 444
2.ª SEMANA
UM POEMA DE GRAÇA E DE IMAGENS!
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov) com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
Ar condicionado

As 21.30 (ADULTOS)

LIDO
AMADORA
Todos os meses o seu coração conhecia um novo amor!
DOCE NOVEMBRO
com Sandy Dennis e Anthony Newley

Telef. 61 03 75
As 21.30 (ADULTOS)

RESTELO
Um filme espectacular, um «western» de invulgar interesse da primeira à última cena
GIGANTES EM DUELO
com Montgomery Wood e Lee Van Cleef
Em Technicolor e Techniscope
Esta casa beneficia do tratamento higiénico Sanitized

OUTROS ESPECTACULOS

OPERA
TRINDADE — 21.30 — «A escada de seda» (12 anos).

TEATROS
VARIÉDADES — 21.45 — «Os direitos da mulher» (17 anos).
ESTUFA FRIA — 21.30 — «O inseparável» (17 anos).
VASCO SANTANA — 21.45 — «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).
MONUMENTAL — 20.45 e 23.00 — «Ri-te, ri-te» (17 anos).

CINEMAS
LYS — 15.00 e 21.00 — «A maior bolada do mundo» (17 anos).
PARIS — 15.00 e 21.00 — «Serviço secreto italiano» (17 anos).
JARDIM — 15.00 e 21.00 — «A loja solitária» (12 anos).
IMPERIAL — 15.00 e 21.00 — «Estrada da vitória» (17 anos).
OLIMPIA — 14.00 e 19.00 — «O destemido sarraceno» (12 anos).
PROMOTORA — 15.00 e 21.00 — «A quadrilha do grande cérebro» (12 anos).
ARCO-IRIS — 15.00 e 21.00 — «Com jeito vai... cow-boys» (17 anos).
IDEAL — 15.15 e 21.00 — «Uma aventura a quatro» (17 anos).

ARREDORES
AMADORA — Recreios — 21.15 — «Falemos de homens» (17 anos).
CAPARICA — Copacabana — 21.00 — «A pousada das ilusões» (17 anos).
CASCAIS — São José — 21.30 — «F. B. I. contra a Máfia» (12 a.).
COVA DA PIEDADE — Sociedade Piedense — 21.30 — «O homem do golpe perfeito» (17 anos).
DAMAIA — D. João V — 21.30 — «As minhas pistolas» (12 anos).
ESTORIL — Esplanada — 21.30 — «Embossada na sombra» (12 a.).

As 17.00 e 21.30
CASINO ESTORIL
TELEFONE: 26 07 29 (ADULTOS)

O GRANDE MORDOMO
(Le Majordome)
Filme policial, de acção constante, valorizado pelo tradicional humor francês
com Paul Meurisse, Genevieve Page, Paul Hubschmid e Noel Roquevert

AMANHÃ, às 17 h. (M. 6 anos)
MATINEE INFANTIL MARY POPPINS
Technicolor
O filme dos 5 «óscaras», considerado em todo o Mundo como uma das mais belas obras do cinema actual
com Julie Andrews, Dick Van Dyke e David Tomlinson

TEATRO
MONUMENTAL

Telef. 55 51 33
HOJE, às 20.45 e 23 horas
VASCO MORGADO
apresenta a 1.ª revista dos PARODIANTES DE LISBOA

RI-TE, RI-TE
com Camilo, Florbela, Octávio de Matos, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Alice Carla, Marília Gama e as atrações Luis Guilherme, a orquestra Hy Kdoy e Paula Ribas
UM CORPO DE BAILE INTERNACIONAL
Direcção de Paulo Renato (Para Adultos)
Domingos, à tarde, às 16 horas 2.ª, 4.ª, descanço da Companhia

TEATRO
DA TRINDADE

(F. N. A. T.)
HOJE, DIA 25, ÀS 21.30 H.
Espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian
4.ª recita das óperas de Rossini

LA SCALA DI SETA
(A Escada de Seda)
LA CAMBIALE DI MATRIMÓNIO
(A Cambial de Matrimónio)
pela COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA
Espectáculo para maiores de 12 anos
ópera para todo o público a preços populares — desde 5500
O Teatro tem ar condicionado
AMANHÃ, DIA 26
5.ª recita da ópera WERTHER, de Massenet.

O ÊXITO!
COMEÇA HOJE
A 60.ª SEMANA
no **TIVOLI**
DO FILME IMORTAL!

20 CENTURY FOX

DR. RODGERS & HAMMERSTEIN
Um filme de ROBERT WISE



MÚSICA NO CORAÇÃO
The Sound of Music

TODD-AO 70MM Cor DeLUXE

JULIE ANDREWS • CHRISTOPHER PLUMMER
RICHARD HAYDN | ELEANOR PARKER

MAIORES DE 12 ANOS

CLARK GABLE
-o homem que conquistou o coração de todas as mulheres da América e do mundo...



SOPHIA LOREN
-a mulher que conquistou o coração de todos os homens da Europa e do mundo...



Dois autênticos símbolos revividos em

COMEÇOU EM NÁPOLES
-IT STARTED IN NAPLES-

com **VITTORIO DE SICA**

ADULTOS TECHNICOLOR

com **MARIETTO PAOLO CARLINI**
Product: JACK ROSE
Realizador: VITTORIO DE SICA
Approva: MELVILLE DAVENSON - JACK ROSE e SUISO GECCHI DIAMOND
Distribuidor: JACQUES BARRON
Distribuidor: JACQUES BARRON
Distribuidor: JACQUES BARRON

Novamente em Lisboa
HOJE NO SÃO LUIZ e ALVALADE
AS 21.30 AS 21.45

Telef. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
(COL.) (M. 12 anos)

ODEON
UM FILME PORTUGUES EM EXTRAORDINÁRIO ÊXITO
O CANTOR E A BAILARINA
Realização de Armando Miranda com Domingos Marques, Nancy Rimaldi, Zeloni, Ballet de Fernando Lima e outras atrações Admiráveis canções e bailados

Telef. 72 77 78
As 15.30 e 21.45 (ADULTOS)

ROMA
Um filme que todos desejaram recordar!
PAO, AMOR E FANTASIA
com Gina Lollobrigida e Vittorio de Sica
AR CONDICIONADO

As 15.15, 18.30 e 21.45 (M. 21 anos)
Telef. 72 08 08

Um documento que impressionou o mundo!
HELGA
O Segredo da Maternidade
COMENTÁRIO EM PORTUGUES
Ar condicionado

AVISO
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade às pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
As 18.15 e 21.30 (M. 6 anos)

CONDES
2.ª SEMANA
O grande espectáculo de férlas! Os Reis do Riso no seu melhor
O MELHOR DE BUCHA E ESTICA
As 21.30 (M. 12 anos)
A obra-prima de Stanley Kubrick — A maior aventura da história da Humanidade
2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO 70 m/m

Telef. 79 15 74
As 21.30 (ADULTOS)

LUMIAR
Ar condicionado Parque privado
O SUBLIME SACRIFÍCIO DE UM GRANDE AMOR
A CHAVE
com Sophia Loren e William Holden
AMANHÃ
O CINTO DA CASTIDADE
com Tony Curtis
ÉPOCA DE VERÃO PREÇOS REDUZIDOS

Telef. 4 71 63
As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)

AVIS
Divertidíssima comédia musical!
A PEQUENA PARÓDIA
com RITA PAVONE
EASTMANCOLOR
Ar condicionado

A TV E A JUVENTUDE

(Continuação da pág. 6)

to: quantos somos os que queremos ou podemos ir buscar esses aspectos, transformá-los, aproveitá-los? É bom não esquecer que se trata de um país com dez milhões de habitantes...

C. F. — Pois, era isso que eu também queria referir! E preciso não esquecer que esses aspectos positivos estão diluídos num contexto negativo... São muito poucos os que, no dia seguinte ao dum programa de televisão, têm «um padre Paulo» para os orientar...
«... E julgo, até — e este é um problema que eu esperava que o padre Paulo viesse a referir — que quase toda a programação da R. T. P. se inspira, paradoxalmente, em valores anticristãos!»

M. P. — Eu até penso que o motivo de alarme em relação à televisão nem está tanto naquilo que os adolescentes se dão conta pensando sobre o que vêem. O alarme está é naquilo de que eles se não dão conta... É esse alarme é nosso, e não deles!

C. F. — Acho que o Pina acaba de pôr o problema nos seus justos termos.

SÁ MARQUES — Ainda em relação aos inquiridos, e tendo em conta o que agora se disse, há um aspecto que eu queria realçar: o homem nasce com uma capacidade de aprendizagem biológica, que não se pode de maneira nenhuma combater... É é neste aspecto que o adulto tem grandes responsabilidades. Ele tem que actuar sobre a criança e, portanto, parece-me errado que nos pretendamos basear naquilo que a criança deseja ou quer, como resultado desses inquiridos que aqui têm sido tão referidos e defendidos... É claro que todos esses estudos têm de ser feitos, fornecendo indicações úteis... Mas a TV é apenas um dos aspectos com que nós temos que contar para educar a criança. O problema é estrutural, é um problema de educação em geral.

«Por isso, até vou ao ponto de pôr em dúvida o que seria um conselho técnico consultivo a funcionar na R. T. P., integrado num meio adverso... Mesmo considerando a hipótese, aqui aventada, de as pessoas irem aproveitar as facetas negativas da TV para fazer, depois, acção pedagógica ou didáctica... eu pergunto: quem? que escolas? com que orientação? donde é que vem essa orientação?»

«É que a prospeccção da opinião, de que tanto se tem falado aqui, deveria também ser feita de acordo com os responsáveis. Ora a questão é esta: o que é que esses responsáveis desejam fazer das crianças?, o que é que eles desejam fazer de Portugal daqui a uns anos?»

EXAMES DE THEATRO DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

Realizam-se no próximo dia 27, pelas 15 horas, no Teatro Villaret, os exames finais do Curso de Teatro do Conservatório Nacional.

A marcação de lugares faz-se no Conservatório Nacional até ao dia 26, durante as horas de expediente e no Teatro Villaret no dia dos exames antes do início das provas.

C. F. — Eu queria dizer ao Sá Marques que concordo inteiramente com ele, em termos de criança. A prospeccção junto dela tem de se fazer, é bom que se faça, mas como diagnóstico e não como consulta... Diagnóstico dos efeitos da TV sobre a criança... Não há nada feito nesse sentido, mas isso não significa que se não possa vir a fazer e muito menos que não se deva vir a fazer. E não há nada feito, porque neste País onde quase não existem estatísticas, muito menos existem as estatísticas comprometedoras...

«Em relação aos adolescentes — 14, 15, 16, 17 anos — a situação parece-me que se coloca em termos completamente diferentes... Porque eles já sabem, com uma certa clareza, que mundo é que querem. E sabem tanto que, em certas condições, até são capazes de tomar



Maria Leonor Botelho

conta dum país ou de uma grande cidade durante um mês...

«Quanto ao conselho técnico em campo adverso, parece-me que a ideia é a que nós aqui tratámos: constituir conselhos não consultivos, mas executivos, a funcionar junto dos serviços de programação da R. T. P.»

• Será viável, desde já, a ideia de um conselho técnico de programação?

S. M. — Apesar de tudo, eu penso que, para já, é muito mais importante toda esta actividade de esclarecimento e formação da opinião pública, do que, propriamente, a constituição de um conselho consultivo. Ele iria ser feito por quem?

M. P. — Bem, antes de se iniciar esta mesa-redonda já assentámos em que seria útil a realização de outra mesa-redonda, em que o problema iria ser discutido e estudado.

CALVET DE MAGALHÃES — O que a TV faz é produto do acaso, aproveitamento das circunstâncias e acontecem as coisas mais fantásticas. Um conselho não iria resolver muita coisa, basta no entanto haver qualquer coordenação para ser fácil situarmos num plano de arejamento... e essa higiene assim obtida já era muito útil...

«Por outro lado, em relação ao que as crianças querem e desejam, é como as «modas». Há que ter em conta esse problema. Saber destacar o que permanece daquilo que necessariamente evolui... Ora a televisão podia conhecer uma moda, e sabendo disso, dar-lhe actualidade, vivificando os programas para miúdos... Eles querem conhecer a natureza, saber «como se faz isto!», «como é que nasce aquilo!», etc...

«Ou seja, portanto, e isto vai um pouco em resposta ao que disse o Sá Marques, nós não podemos afastar as

crianças do conhecimento da sociedade. O que podemos é colher, dos seus interesses, indicações úteis para uma orientação a adoptar... Mas há que ter em conta que esses interesses variam, evoluem, não são os mesmos em cada momento...

• A Televisão e a violência

P. P. F. — O que o prof. Calvet acaba de dizer especifica bem aquilo que eu no início comecei por referir: é necessário fazê-los viver! Encarnar as realidades que eles vivem... E nós, adultos, parece que estamos profundamente longe dessas realidades que eles vivem e querem fazer viver...

«Ora eu parece-me que a televisão está alheia de tudo isto. Eu até nem contanto tanto o facto de a TV apresentar cenas de morte — por-



Calvet de Magalhães

que essa é uma realidade que eles vivem —, porque a partir do momento em que elas não aparecessem, eles, por exemplo, cortariam dos seus diários (de que eu li muitos) as guerras do Biafra, do Ultramar, em suma, a guerra...

C. F. — Mas não acha que seria útil, que seria uma maneira de os ajudar, eliminar das páginas dos jornais as notícias de crimes, impedir que eles aprendam na TV que «matar é giro» e ser espião é bestial?»

P. P. F. — Bem, mas parece-me, até, que nós temos é que pegar nisso... E porque não apresentar um tema sobre a guerra, para apagar?»

C. F. — Bem, eu percebo, mas eu refiro-me à guerra que se vê na TV. E preciso apagar é essa guerra... Eu explico-me: se ainda há guerra, vamos falar na TV de maneira a que a guerra acabe... um dia! Não pôr é na TV nada que faça com que ela se prolongue por mais dez gerações!... E nem se trata de uma meta ideal. Bastaria eliminar da TV os filmes, que são muito, que estimulam o apetite da guerra...

J. F. N. — Não, não, eu, isso, acho que não. Não me consta que no Biafra haja muitos aparelhos de TV...

C. F. — Não? E acha que a guerra do Biafra nasceu no Biafra?... Talvez tenha nascido em países que têm muita televisão...

J. F. N. — De accordol, mas a verdade é que também nos países em que não há TV as pessoas vão nisso!

M. P. — Bem, mas desde o princípio se disse que a TV é um dos processos de actuar sobre as pessoas...

C. F. — ... E o que se pretende não é apagar da TV as cenas de guerra, mas sim apagar o estímulo da guerra...

P. J. — Acho que a palavra «belo» seria aqui pouco apropriada, mas mesmo assim vou utilizá-la. Eu poderia fazer um belo documentário sobre a guerra e esse documentário pode-

ria servir para apagar a guerra, como poderia fazer outro documentário, belo, sobre a guerra, que poderia fomentar o apetite sobre ela. Depende de como eu manejasse os fotografias e a câmara...

C. F. — Mas regressando à realidade concreta da nossa programação da TV, não é preciso muita memória para sabermos que há programações regulares com belos programas sobre a guerra, de maneira a mantê-la. Há uma produção televisiva para manter a apetência da guerra.

P. P. F. — Desculpe. E não será esse o propósito?

C. F. — Porque é de propósito, eu colocaria na mão do conselho que funcionasse junto dos serviços de programação da R. T. P. o poder bastante para eliminar esse «de propósito»...

• Restringir ou ampliar esta actividade de esclarecimento

S. M. — Pois aí está a questão que eu punha. Há uma larga margem de intervenção que está exclusivamente na mão do adulto alterar ou manter. E nessa margem não tem qualquer relevo a auscultação da opinião da criança ou do adolescente. Enquanto não houver uma opinião pública dos adultos sobre todos estes problemas a criança não pode aproveitar... Ora, quando eu pus as dúvidas sobre a utilidade do conselho a funcionar em meio adverso, não estava a negar a sua utilidade, estava era a ter em conta que, antes de tudo o mais, o que é necessário é modificar esse meio adverso, em primeiro lugar... Parece um círculo vicioso, não? Mas a verdade é que aos adultos é que cabe, em última análise, uma acção educativa ou deseducativa sobre as crianças...

C. F. — Para destruir o círculo vicioso talvez lusse bom — embora seja provavelmente impraticável — impor, como resultado de uma pressão da opinião pública junto da TV, o tal órgão. Não acha?

S. M. — Eu, apesar de tudo, e apesar até de ter sido um dos subscritores da carta, parece-me que é mais importante fazer-se aquilo que se está a fazer aqui; é muito mais importante aquilo que individualmente alguns possam fazer, como professores, ou até em casa, como aqui se sugeriu — e quero, sob esse aspecto, prestar homenagem, por exemplo, às críticas. Acho que isto está mais dentro da nossa realidade portuguesa do que propriamente ir propor à televisão que se organize o tal conselho. Quem é que nomeia esse conselho e quem é que vai escolher as pessoas?

«Eu penso que são mais válidos estes colóquios, estas discussões que os jornais possam divulgar, do que essa constituição do tal órgão, que eu julgo neste momento utópica, embora não deixe de reconhecer que é necessária.»

C. F. — Não há incompatibilidade. Ainda que seja utópica, eu acho que é preciso lutar por isso. É fundamental! Não há incompatibilidade entre o exigir a supressão dos filmes que «dão aos nossos filhos a vontade de matar» e a auscultação, entre os adolescentes dos 14 aos 17 anos, de quais são as suas ambições — o que é que está a acontecer entre as crianças por força dos actuais programas de televisão...

2 Programas à sua escolha

À NOITE M/17 ANOS

TERRA SANGRENTO

GREAT DAY IN THE MORNING

SUPERSCOPE

TECHNICOLOR

VIRGINIA MAYO ROBERT STACK RUTH ROMAN ALEX NICOL

Regresso de um êxito a partir de HOJE, às 21.45 ONDE SE MORRE POR UM IDEAL E SE MATA POR PROFISSÃO

À TARDE M/6 ANOS

A GRANDE PARADA

Walt Disney

AS FAMOSAS CRIAÇÕES DO MAGO DO DESENHO ANIMADO

AMANHÃ ESTREIA no EDEN

NA 1.ª MATINEE — SESSÕES ÀS 15.15 e 18.30

MONUMENTAL DE CASCAIS

Domingo, 27 de Julho, às 17 horas M/6 ANOS

GRANDIOSA CORRIDA

A FAVOR DO HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASCAIS

A QUAL SE DIGNA ASSISTIR SUA EXCELENCIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA

CONCURSO DE CANADARIAS

6 LINDOS E PODEROSOS TOIROS

DE JOSÉ LUPI, JOAQUIM GRAVE, HERD. D. DIOGO PASSANHA, JOÃO MALTA, D. MARIA M. ANDRADE SALGUEIRO E FRANCISCO DE GOES SERÃO LIDADOS A CAVALO POR

MANUEL CONDE, MESTRE BATISTA E LUÍS MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR COMANDADOS POR JOAQUIM JOSÉ CAPOULAS

VENDA DE BILHETES: EM LISBOA: Agência ABEP — Praça dos Restauradores — Telef. 32 88 23, EM CASCAIS: Café Brisa e Comissão Pró-C. Praça de Toiros — Rua Palma, 27 — Telef. 28 10 07

O PROBLEMA DAS CONSERVATÓRIAS

(Continuação da pág. 2)

mento da conservatória. Embora esta passe, anualmente, cinquenta mil certidões, o que equivale a dizer que cem mil pessoas passam anualmente pelo velho, sujo e inadequado andar onde está instalado o serviço. E, pois, nesta altura do ano, Julho e Agosto, que se entra em crise. Esta manifesta-se pelos quinhentos pedidos diários de passagem de certidões, não contando com os outros serviços, como os de registo de nascimento, casamento, perfilhamento e outros. Se passarmos pelo Campo de Santana, 96, veremos que nem o edifício em o andar ocupados pela conservatória estão em condições de albergar ou permitir o trânsito diário de mil pessoas. Perguntam-nos, a propósito disto, qual é a repartição pública que o está. Não nos compete responder. O que sabemos é que, na 8.ª Conservatória, ainda como exemplo, se passam mensalmente, como média, quatro mil certidões.

E está averiguado, com rigor que, desde há um mês, já foram passados cerca de 4 mil documentos. E o fotocopiador electrónico que se utiliza, pois, desde há um mês, aqueles serviços possuem aquele equipamento, através do qual se fotocopiam os registos. Além desse aparelho trabalham no serviço dez pessoas — duas nas requisições directas, uma nas requisições feitas pelo correio, duas nas buscas, três nos carimbos, selos, etc., e uma na entrega.

Através deste movimento, entram diariamente nos cores da Conservatória, nesta época, cerca de quinze carros. Pois uma das dificuldades, só regularizadas desde o passado dia 15, consistia em não se desejarem pagar horas extraordinárias aos funcionários. Estes, trabalhavam desde o dia 7, nor-

malmente, mais três horas. Considerou-se, finalmente, indispensável pagar aos funcionários quatro horas extraordinárias, para que o serviço funcionasse das oito da manhã às oito da noite, com duas horas de intervalo para almoço. Mesmo assim, as bichas continuam e o problema agora consiste em saber se a P. S. P. consegue fazer respeitar a prioridade de quem chega e fica longas horas à espera. Mesmo assim, após muitos esforços e a intere-recência pessoal do ministro da Justiça, os guardas só lá podem estar a partir das 9 horas, pelo que das 8 às 9, é um funcionário da Conservatória que orienta o tráfego de pessoas.

Para além de todos estes problemas apontados, há a tão falada crise de educação, esta de mais difícil solução.

Trata-se, como é óbvio, das pessoas incapazes de respeitar uma ordem de precedência — a bicha —, respeitando os que chegaram primeiro, e aquelas que vão tirar uma certidão sem irem munidas da cédula de nascimento. As vezes, quando chegam ao «guichet», não sabem datas, nem nomes, nem às vezes, exactamente, o que querem. Porque, também, não havendo um serviço de informação e não dispondo os cidadãos dos conhecimentos básicos da lei, estão muitas vezes em palpos de aranha.

Os mais entendidos em leis saberão que podem evitar a perda de um ou dois dias de trabalho, escrevendo para a conservatória a pedir a certidão, fornecendo os elementos indicativos necessários e 2\$50 para o envio, registado, do documento pedido, no prazo de três dias. Mesmo assim há cerca de 150 pedidos diários feitos pelo correio. O que já é, vamos lá, um progresso que merece ser registado.

O novo representante da Swissair sr. Ottone Braendle apresentado a entidades portuguesas

O novo representante da Swissair em Portugal, sr. Ottone Braendle, foi apresentado a entidades oficiais e representantes de empresas similares, agentes de viagens e órgãos da Informação, durante um «cocktail» oferecido, ontem, ao fim da tarde, no Hotel Ti-

voli, pelo sr. René Schuler, que abandona agora aquelas funções.

Estavam presentes, entre outras individualidades, os srs. Francisco Maria de Melo e Andrade, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, José Viegas de Matos, dos C. T. T.; dr. José Herculano Laranjeiro, da T. A. P.; dr. Luís Dinis da Fonseca, da Direcção-Geral do Turismo, e eng.º Sampaio e Melo, director do aeroporto de Lisboa.

O sr. Ottone Braendle é cidadão suíço nascido em Itália em 23 de Dezembro, de 1912, casado com D. Es-

ther Rochad, e tem dois filhos, Jean Claude, de 12 anos, e Gérard François, de 9. Entrou para a Swissair em Julho de 1947 e foi representante da empresa, em Milão, desde Abril de 1951, tendo aberto o primeiro escritório da Swissair naquela cidade italiana. Foi ele também quem organizou a primeira ligação aérea Milão-Zurich, em 22 de Abril de 1952.

Em Abril de 1956, o sr. Ottone Braendle passou a exercer o cargo de representante geral para a Itália da Swissair, instalando-se em Roma.

Em 1963 recebeu do presidente da República da Itália, Giuseppe Saragat, o título honorífico de cavaleiro da Ordem de Mérito da República, pela sua actividade desenvolvida em Itália para o desenvolvimento das ligações aéreas e do turismo naquele país.

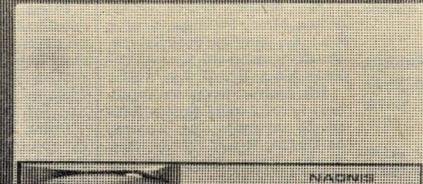
Como corolário da sua actividade em Itália, onde o sr. Braendle é muito conhecido em todos os meios, colaborou estreitamente com as autoridades do Vaticano para o êxito da visita de Paulo VI a Genebra, num avião da Swissair, no passado dia 10 de Junho.

COMPANHIA DE SEGURO DE CRÉDITOS

O dr. António Alves Caetano foi nomeado vice-presidente do conselho de administração da Companhia de Seguro de Créditos, sendo representante do Estado.



frigoríficos NAONIS



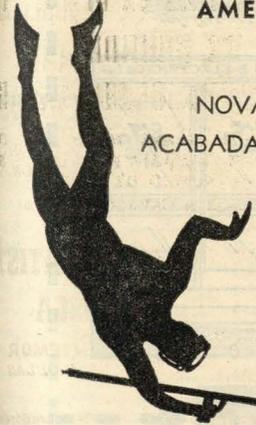
ABRA-OS... E VERIFICARÁ IMEDIATAMENTE ESTAR NA PRESENÇA DE FRIGORÍFICOS FORA DE SÉRIE, COM A MAIS AVANÇADA TÉCNICA DE FRIO A GARANTIR A PERFEITA CONSERVAÇÃO DOS ALIMENTOS.

QUINTINHA — VENDE-SE

Área aproximada 9000 m², a 27 quilómetros de Lisboa, com árvores de fruto, vinha, oliveiras, horta, 2 poços electrificados, casa de habitação, garagem, casa de arrecadações.

Resposta a este jornal ao n.º 98.

CAÇA SUBMARINA FATOS ISOTÉRMICOS AMERICANOS



NOVA REMESSA ACABADA DE CHEGAR

Os melhores e mais baratos do Mercado

SIMOTAL — Avenida de Roma, 27-A
Telefs. 776319 - 765121 — LISBOA - 5

69FRN 05

DIST. GERAIS J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L. LISBOA · PORTO · AGENTES EM TODO O PAÍS

desporto

VANTAGEM DOS ATLETAS DO BRASIL NOS IV JOGOS LUSO-BRASILEIROS

FORTALEZA (Ceará), 25 — No prosseguimento dos IV Jogos Luso-Brasileiros, a selecção do Brasil de basquetebol formada por jogadores do Estado do Ceará, venceu a portuguesa por 52-51. O jogo foi realizado no campo do Esporte Sesc.

Os jogos de basquetebol, programados para Fortaleza, foram cancelados para não se cansarem de mais os jogadores portugueses, que, ceptos de Belem, terão de jogar, ainda, no Recife e em Salvador.

• Portugal venceu por 4-1 em hóquei em patins

RECIFE (Pernambuco), 25 — Os IV Jogos Luso-Brasileiros foram iniciados no Recife, no campo do Sport Clube do Recife, com pouco público por causa das chuvas caídas.

Na partida de hóquei em patins, Portugal venceu o Brasil por 4-1. No primeiro tempo Portugal venceu por 2-0. Arbitrou Luis Vilela e Portugal formou com Vitor, Rendeiro, Livramento, Américo Solipa e Jorge Vicente. A selecção do Brasil, formada com jogadores desta cidade, foi a seguinte: Marco António, Saliati, Tô, Tito e Celso (depois Caetano).

• Em Brasília, vantagem dos brasileiros na proporção de cinco para três

BRASÍLIA, 25 — Os brasileiros obtiveram vantagem, numa proporção de cinco para três, sobre os portugueses, no primeiro dia de competição em Brasília.

As provas iniciais limitaram-se ao sector de atletismo, com disputa no Estádio do Batalhão da Guarda Presidencial, tendo o índice técnico sido considerado magnífico por Hélio Babo, presidente do Conselho de Assesores da Confederação Brasileira de Desportos, e encarregado da organização das competições.

Além de atletismo, os jogos, em Brasília, compreenderam voleibol e vela.

Foram os seguintes os resultados registados nas primeiras provas de atletismo, disputadas ontem:

100 metros (homens) — 1.º, Fonseca e Silva, Portugal, 10,6 segundos; 2.º, Paulo Sérgio Pereira, Brasil, 10,8; 3.º, José Antonio Rabaça, Brasil, 10,9.

100 metros (senhoras) — 1.ª, Silvana Pereira, Brasil, 11,9 segundos; 2.ª, Glória Lakja Ferraz, Brasil, 12; 3.ª, Amélia Carrico, Portugal, 13,2.

200 metros (homens) — 1.º, Barcelo de Carvalho, Portugal, 23,6 segundos; 2.º, José António Rabaça, Brasil, 23,8; 3.º, Israel de Mota, Brasil, 24,6.

400 metros (senhoras) — 1.ª, Elizabeth Cândido Brasil, 1 m, 3 s. e 5/10; 2.ª, Maria do Céu Lopes, Portugal, 1 m, 6 s. e 1/10.

1500 metros (homens) — 1.º, Darci Pereira Leão, Brasil, 4 m, 8 s. e 7/10; 2.º, Carlos Tavares, Portugal, 4 m 9 s. e 5/10; 3.º, Luis Iha, Brasil, 4 m, 12 s. e 9/10.

Tripla salto (homens) — Júlio Fernandes, Portugal, 13,90 metros; 2.º, Gilberto, Brasil, 13,23.

Salto em comprimento (senhoras) — 1.ª, Elizabeth Cândido, Brasil, 5,41 metros; 2.ª, Glória Laranja Ferraz, Brasil, 5,21; 3.ª, Aida dos Santos, Brasil, 4,97.

Lançamento de dardo (homens) — Demonstração do campeão mundial universitário Paulo Irene de Faria, Brasil, 72,88 metros (o segundo melhor resultado na América Latina). — (ANI).

FORTALEZA (Ceará), 25 — Com a presença do governador do Estado do Ceará, Plácido Castelo, desfilarão em Fortaleza as duas delegações participantes nos IV Jogos Luso-Brasileiros, no Clube Náutico Atlético Cearense.

Os Jogos nesta cidade tiveram início com as provas de natação. A equipa portuguesa era composta de dez nadadores e a local, que vestia a camisa da Confederação Brasileira de Desportos (C. B. D.), tinha goze integrantes.

Foram os seguintes os resultados das provas:

100 metros mariposa (masculinos) — 1.º, António Pádua, Brasil, 1 m. e 4 s.; 2.º, Vitor Manuel Ferreira, Portugal, 1 m. e 5 s.

100 metros livres (senhoras) — 1.ª, Dulce Maria Miranda, Portugal, 1 m. e 8 s.; 2.ª, Aline Moura, Brasil, 1 m. e 10 s.; 3.ª, Eliane Bastos, Brasil, 1 m, 10 s. e 2/10.

200 metros bruços — 1.ª, Graça Maia, Portugal, 3 m. e 7 s.; 2.ª, Marília Prociuncula, Brasil, 3 m. e 15 s.; 3.ª, Orleans Mota, Brasil, 3 m. e 30 s.

100 metros livres (masculinos) — 1.º, Aroldo Amora, Brasil, 58 segundos; 2.º, António de Pádua, Brasil, 59; 3.º, Herlander Feiga Ribeiro, Portugal, 1 m. e 4/10.

100 metros bruços (homens) — 1.º, António Amora, Brasil, 1 m. e 18 s.; 2.º, Vitor Lopes da Gama, Portugal, 1 m. e 19 s.; 3.º, António Barroso, Brasil, 1 m. e 23 s.

100 metros mariposa — 1.ª, Susana Pinto de Abreu, Portugal, 1 m. e 16 s.; 2.ª, Márcia de Paula Joca, Brasil, 1 m. e 25 s.

200 metros estilos — 1.º, António de Pádua, Brasil, 2 m. e 30 s.; 2.º, Francisco Bessone Alves, Portugal, 2 m. e 40 s.

400 metros livres (senhoras) — 1.ª, Aline Amora, Brasil, 5 m, 26 s. e 9/10; 2.ª, Maria Clotilde Silva, Portugal, 5 m. e 27 s. — (ANI).

CONCURSO HÍPICO DA FIGUEIRA DA FOZ

Decorre o Concurso Hípico da Figueira da Foz.

No segundo dia, disputaram-se quatro provas, com os seguintes resultados:

Prova Empresa Vidreira de Fontela (obstáculos): 1.º, alferes Luis Garcia, no «Verbal», 4 pontos, em 45 s.; 2.ª, amissa Katryn Watson, no «Fidig», 4 pontos, em 46 s.; 3.º, Luis Almada, no «Farol», 8 pontos, em 45 s.

Prova II Região Militar (obstáculos): 1.º, Luis Sobral, no «Flox», em 73 s.; 2.º, Francisco Lobo Guedes, no «Endiabrados», em 75 s.; 3.º, tenente Pimenta da Gama, no «Esperão», em 78 s.

Prova Ministério do Exército (obstáculos): 1.º, tenente Pimenta da Gama, no «Regina», em 36 s.; 2.º, major Jorge Matias, no «Ofir», em 37 s.; 3.º, coronel Henrique Calado, no «Lorde Robert».

Prova Regimento de Artilharia Pesada 3 (juniores): 1.º, José António Gato, no

CADA VEZ MAIS DIFÍCIL UMA SOLUÇÃO PARA O DIFERENDO BENFICA-EUSÉBIO

Fim de época. Contratos que expiram e que se renovam. Quando se renovam.

Eusébio é um dos que vêm expirar o seu contrato. Põe condições para continuar ao serviço dos «encarnados». Exigências desmedidas para o País em que vivemos — en-

tendem os dirigentes benfiquistas, que apresentam a sua contraproposta, já de si bastante vultosa. Se o jogador em causa não se chamasse Eusébio. Que é cartaz. Que sabe que o é e que se deixa entusiasmar pelas sugestões de terceiros. Mantém as suas exigências. O Benfica volta a contrapor. Mas o tempo passa sem que as duas partes cheguem a acordo.

O clube espera uma resposta. Eusébio não aparece nem telefona. Persiste na sua. Entretanto, há duas

correntes: mais forte a que se inclina por colocar o famoso jogador na lista de transferências. E há até quem argumente: «Também Félix era im-

• **Desfecho mais provável: ser colocado na lista de transferências**

prescindível ao clube e à selecção nacional, também ele era vedeta, e ficou, de repente, feito em nada.»

O caso arrasta-se. E a posição de Eusébio dentro do Benfica parece ter a tendência para a impopularidade.

Não cremos que Eusébio — que chega a dar a sensação de esperar por qualquer coisa — venha a transigir. Por outro lado, também nos parece que os dirigentes benfiquistas nunca aceitarão as suas condições. O que irá suceder é de todo em todo imprevisível.



AS BODAS DE PRATA DO ALMADA

Proseguem hoje as comemorações do 25.º aniversário do Almada Atlético Clube, com um encontro de futebol entre as velhas guardas do Almada e do Cova da Piedade.

O jogo efetuar-se-á no campo do Pragal, às 21 e 30.

FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

HOJE
NOITE À PROCURA DA ROLHA
Passatempo oferecido a todos os visitantes pelos famosos vinhos verdes MONTANHEZ

NOITE DE PRÉMIOS
6.000 VISITANTES

Ficarão habilitados a muitas e excelentes surpresas **MEIAS LIBRAS, OURO * GARRAFAS DO SABOROSO VINHO MONTANHEZ * PROVAS**, etc., etc.

TUDO DENTRO DE SIMPLES ROLHAS!!
A PARTIR DAS 20 HORAS SERÃO ENTREGUES VALES QUE PERMITIRÃO A 6.000 VISITANTES IR **À PROCURA DA ROLHA** UMA INTERESSANTE OFERTA DOS VINHOS MONTANHEZ

VENHA A FEIRA E SORRIA COM A SUA SORTE

TODOS OS SRS. VISITANTES QUE COMPREM BILHETE DE ENTRADA FICAM HABILITADOS AO SORTEIO FINAL, QUE SE REALIZA ÀS 23 E 30 HORAS, NO TEATRO ARCO-ÍRIS

Seja previdente!

Quanto mais tarde se decidir a instalar o **AQUECIMENTO A GAS da Companhia**, mais se arrisca a não poder dispor do aquecimento a tempo.

COMPANHIAS REUNIDAS GAS E ELECTRICIDADE

Consulte desde já os SERVIÇOS DE GAS INDUSTRIAL DAS C.R.G.E., que procederão ao estudo do seu caso, sem qualquer compromisso da sua parte.

INDICE BORGES & IRMAO COTACAO DAS ACCOES (Base: Dez. 65=100)	18/7/69	24/7/69	25/7/69	
	GERAL	129,4	130,6	131,6
	METROPOLITANAS	126,2	126,5	127,2
	ULTRAMARINAS	153,2	160,8	163,5

A BOLSA DE LISBOA

COTAÇÕES DE HOJE			
ACÇÕES	Efect.	Compra	Venda
Bancos			
AgriCultiva	1285\$	1285\$	1290\$
Alentejo	715\$	715\$	780\$
Angola	2590\$	2580\$	2588\$
Credito Predial	3100\$	3095\$	—
Espirito Santo	—	18000\$	—
Fonseca & Burnay	—	18000\$	—
Lisboa & Açores	7000\$	6900\$	7020\$
Nac Ultramarino	2430\$	2430\$	2450\$
Nac Ultramarino	2650\$	2640\$	2660\$
Porto do Atlântico	6500\$	6100\$	6600\$
Portugal	2970\$	2950\$	—
Portugal	3600\$	3600\$	3850\$
Totta Aliança	6600\$	6500\$	6650\$
Seguros			
Alentejo	—	73\$	75\$
Bonança	—	—	—
Mundial	—	500\$	520\$
Nacional	—	—	2200\$
Soberana	—	—	—
Tranquilidade	—	45000\$	—
Ultramarina	—	15000\$	30000\$
Águas, Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa	—	405\$	—
Águas de Lisboa 1934	—	407\$	—
Águas de Lisboa 1936	—	390\$	—
Elétrica das Beiras	—	1580\$	—
Gás e Electricidade	416\$5	416\$	417\$
H. E. Alto Alentejo	—	—	157\$5
H. E. Castelo	—	—	127\$5
H. E. Douro	1245\$	1245\$	1246\$
H. E. M. de Portugal	—	—	305\$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1330\$	1325\$	1340\$
H. E. Zêzere	1334\$	1333\$	1335\$
Termoelectrica Port.	—	—	139\$
União e Portuguesa	198\$	196\$	198\$5
C. Diversas			
Celulosa do Guadiana	—	—	—
Cidra	—	—	—
Cimentos Tejo	6000\$	5950\$	6050\$
Cimentos Leiria	4100\$	4100\$	4200\$
Empor	—	—	380\$
F. Ramalho	—	—	1150\$
Fornos Electricos	—	—	120\$
Industrial Aliança	—	—	545\$
Industria Port. e Col.	1500\$	1450\$	1500\$
Nac. Navegacao	3200\$	3200\$	3300\$
Navegacao (Colonial)	1005\$	1000\$	1020\$
Nitratos	1615\$	1610\$	1630\$
Petroquimica	2090\$	2060\$	2095\$
Port. de Celulose	4120\$	4120\$	4150\$
Port. de Pesca	—	—	1150\$
Sacar	4950\$	4900\$	5000\$
Siderurgia	1330\$	1320\$	—
Socel	2950\$	2920\$	2950\$
Tabacos (Portuguesa)	645\$	644\$	650\$
Tabacos de Portugal	—	—	1150\$
Tabacaria	—	—	1220\$
União Fabril	1290\$	1290\$	1300\$
U. F. Azoto	—	—	1760\$
C. Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	740\$	—
Ag. Cassequel	700\$	700\$	705\$
Ag. Incornal	—	1800\$	3000\$
Ag. das Neves	—	—	400\$
Ag. S. Tomé e Príncipe	300\$	280\$	320\$
Angolana de Agricult.	—	—	1120\$
Borac	—	—	90\$
Borac Comercial	73\$	73\$	75\$
Bural	—	190\$	195\$
Cabimas	820\$	820\$	825\$
Diamantes de Angola	1860\$	1860\$	1865\$
H. Elect. do Revuê	—	—	950\$
Illa do Príncipe	—	—	120\$
Mocambique	—	1185\$	—
Sonete	360\$	360\$	361\$
Zambézia	—	75\$5	76\$5

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS				
NOTAS	Compra	Venda	OURO	
Africa Sul — Rand	85\$00	87\$50	Alemanha — 20 marcos	470\$00
Alemanha — Marco	7\$05	7\$30	América — 5 dólares	1350\$00
América — Dólares	28\$15	28\$55	Cab. mulher	1900\$00
de 1 e 2	28\$35	28\$75	5 dólares	1350\$00
de 5 a 1000	—	—	10 dólares	1900\$00
Argentina — Peso	\$06	\$09	Cab. mulher	1350\$00
Austria — Schilling	1\$08	1\$15	10 dólares	1900\$00
Bélgica — Franco	\$52	\$55	Cab. Indio	1900\$00
Brasil — Cruz. novo	5\$50	7\$50	20 dólares	1850\$00
Canadá — Dólar	26\$10	26\$60	20 dólares	1850\$00
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00	Bélgica — 20 francos	390\$00
Espanha — Peseta	\$402	\$417	França — 20 francos	390\$00
França — Franco	5\$30	5\$70	Holanda — 10 florins	390\$00
Holanda — Florim	7\$75	8\$00	Inglaterra — Libra Isabel	317\$00
Inglaterra — Libra	67\$20	69\$20	Libra Antiga	345\$00
Itália — Lira	\$0445	\$0465	1/2 libra	255\$00
Marrocos — Dirham	4\$75	5\$25	20 libras	390\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20	México — 50 pesos	1900\$00
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70	Portugal — M. de 2000	600\$00
Sulça — Franco	6\$55	6\$75	M. de 5000	1350\$00
			M. de 10000	2900\$00
			Berra fina	38\$50
			Sulça — 20 francos	390\$00

OBS.: Todas as operações de venda são cativas do imposto de transacções (1,5 por mil)

SEGURO ESCOLAR OBRIGATORIO

Por despacho do subsecretário do Estado da Juventude e Desportos foi nomeada uma comissão para estudo do seguro escolar obrigatório a qual ficou constituída pelos srs. prof. Vasco Bruto da Costa, director dos Serviços Médico-Sociais Universitários, que assume a presidência da comissão; dr. Fernando Salles Loureiro, director do Fundo da Acção Social Escolar; dr. Margarida Craveiro Lopes dos Reis, em representação da Mocidade Portuguesa Feminina; dr. Manuel da Silva Maia, em representação da Direcção-Geral do Ensino Liceal; dr. Fernando de Carvalho Costa, em representação da Direcção-Geral do Ensino Técnico; professor Manuel Calvet de Magalhães, pelo Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; dr. Estácio da Veiga, em representação do Ensino Particular.

O ESTADO DO TEMPO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado nas regiões de Noroeste e pouco nublado nas restantes regiões. Havia neblina ou nevoeiro no litoral oeste para norte do cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS DE HOJE — Lisboa, 19°; Porto, 17°; Coimbra, 18°; Penhas Douradas, 22°; Portalegre, 24°; Faro, 30°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar, 20°; na atmosfera, 21°.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geral-

mente limpo, vento fraco ou moderado de noroeste. Neblina ou nevoeiro matinal no litoral oeste para norte do cabo Carvoeiro.

SOL — Amanhã — Nascer: 6.33; ocaso: 20.53.

FASES DA LUA — Dia 29: Lua cheia. Dia 5 de Agosto: Quarto minguante.

MARÉS — Praia-mar — Amanhã: 1.26 (3.5 m); 14.00 (3.7 m). Dia 27: 2.32 (3.6 m); 15.00 (3.9 m). Dia 28: 3.30 (3.8 m); 15.48 (4.2 m).

Baixa-mar — Amanhã: 7.20 (1.3 m); 20.00 (1.2 m). Dia 27: 8.20 (1.2 m); 20.56 (1 m). Dia 28: 9.12 (1 m); 21.46 (0.8 m).

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria da Conceição Rodrigues da Silva Saraiva Mendes

Faleceu na passada terça-feira a sr.ª D. Maria da Conceição Rodrigues da Silva Saraiva Mendes, de 64 anos, viúva, natural da Golegã, mãe do jornalista Américo Saraiva Mendes, nosso prezado colega das «Novidades», casado com a sr.ª D. Maria Antónia Palma Saraiva Mendes; irmã da sr.ª D. Maria do Carmo Rodrigues da Silva Ribeiro e dos srs. dr. António Rodrigues da Silva e Manuel da Silva Barroso e avó das meninas Maria João e Maria Antónia Saraiva Mendes.

O funeral efectuou-se para o cemitério de Benfica, após missa de corpo presente na igreja paroquial de Santo António de Campolide.

Aires Carlos de Sá Nogueira

Após um longo período de doença, que a sua energética vontade conseguiu dominar por muito tempo, faleceu o sr. Aires Carlos de Sá Nogueira, que exercia ultimamente o cargo de director da delegação do Fundo de Fomento de Exportação no Libano.

O extinto, que contava 69 anos de idade e era natural

de Alter do Chão, tinha o curso de regente agrícola e desempenhou há anos as funções de chefe dos Serviços de Fiscalização da Junta Nacional do Vinho. Em 1949 foi colocado no Fundo de Fomento de Exportação, onde teve acção de relevo, nomeadamente quando ocupou o lugar de secretário-geral. Caracterizado por uma grande vivacidade, falava várias línguas e viajara por muitos países, onde encontrava sempre motivos para satisfazer o seu interesse, tanto no campo dos problemas económicos como no domínio das curiosidades mais pitorescas que se lhe deparavam nas terras mais diversas.

D. Maria do Carmo Azevedo Ribeiro da Cunha

COVILHÃ, 25 — Faleceu a sr.ª D. Maria do Carmo Azevedo Ribeiro da Cunha, de 67 anos, natural desta cidade, casada com o sr. João Ribeiro da Cunha, fiscal técnico de Obras Públicas, aposentado, e mãe dos srs. Licínio Ribeiro da Cunha, Aurélio Ribeiro da Cunha Martins, Hélder Ribeiro da Cunha e Abel Ribeiro da Cunha, este último correspondente d'«A Capital».

O funeral saiu da igreja de S. Silvestre para o cemitério local.

FUNERAIS

António Russel de Sousa

PORTO, 25 — Da igreja do Santíssimo Sacramento para o cemitério de Agramonte saiu esta manhã o funeral do sr. António Russel de Sousa, natural do Porto, que contava 72 anos de idade.

O extinto era industrial desde 1913 e desempenhou vários cargos políticos, nomeadamente na U. N. Foi procurador à Câmara Corporativa em 1938 e ocupou ainda a presidência da Caixa de Abono de Família dos Operários das Indústrias Gráficas do Distrito do Porto. Pertenceu à vereação da Câmara Municipal do Porto e foi membro superior dos Serviços dos Transportes Terrestres. Presentemente ocupava o cargo de presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Litografia e Fotografia.

No préstito fúnebre incorporaram-se pessoas de todas as categorias sociais.

FALECERAM:

D. Guilhermina Cabral Viegas, de 74 anos, viúva, natural de Lisboa. O funeral, a cargo da Agência Martins, realiza-se amanhã, pelas 10

horas, da igreja da Amadora para o cemitério local.

+++
D. Preciosa Nunes Coelho, de 47 anos, natural de Arganil, casada com o sr. Manuel Rodrigues Coelho e mãe da sr.ª D. Maria Fernanda Nunes Coelho Lima e do sr. Artur Nunes Coelho. O funeral, a cargo da Agência Salgado, efectuou-se hoje para o cemitério do Monte de Caparica.

+++
D. Ana Francisca Baptista, de 69 anos. O funeral, a cargo da Agência Salgado, efectuou-se hoje para o cemitério do Alto de S. João.

+++
Rafael Luis Mendes, de 63 anos, natural da Bertiã, casado com a sr.ª D. Amélia da Silva Salgado Mendes e pai dos srs. Rodrigo Salgado Mendes, Virgílio Salgado Mendes e Fernando Salgado Mendes. O funeral, a cargo da Agência Salgado, efectuou-se hoje para o cemitério de Benfica.

+++
D. Maria de Jesus, de 76 anos, natural de Lisboa, mãe do sr. Manuel de Jesus Pereira. O funeral, a cargo da Agência Salgado, de Almada, efectuou-se hoje para o cemitério do Monte de Caparica.

+++
D. Maria de Jesus, de 76 anos, natural de Lisboa, mãe do sr. Manuel de Jesus Pereira. O funeral, a cargo da Agência Salgado, de Almada, efectuou-se hoje para o cemitério do Monte de Caparica.

DISTRIBUIÇÃO DE DIPLOMAS NA E.S.O.C.T.

Na Escola Superior de Organização Científica do Trabalho do Instituto Superior de Línguas e Administração efectuou-se a entrega de diplomas a dezasseis alunos que terminaram os cursos nela ministrados.

O director da E. S. O. C. T., dr. Mário Madureira, expressou a satisfação em diplomar quase duas dezenas de alunos em administração de empresas, referindo o significado da formação proporcionada no mercado de trabalho de técnicos criado pelo desenvolvimento e exigido por novas concepções de organização e gestão empresarial.

Usou ainda da palavra o director pedagógico do Instituto, prof. Gonçalves Rodrigues. Em nome dos diplomados falou o sr. António Forjô. Mais tarde, os professores e alunos reuniram-se num jantar.

COLÓQUIO NA ESTACÃO AGRONÓMICA NACIONAL

«Alguns aspectos da teoria matemática da informação» foi o tema exposto, esta manhã, pelo dr. F. Galvão de Mello, no decorrer de um colóquio na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras.

Aquele técnico começou por explicar a origem, transmissão e esquemas de processos de transmissão de informação, após o que definiu a matemática de informação a matemática de informação. Citou as fórmulas de Hartley e de Shannon-Wiener e, por fim, apresentou elementos da Teoria da Codificação referindo-se, nomeadamente, aos códigos univocamente decifráveis e aos códigos instantâneos.



PÁGINA DO FECHO

Atribuída a medalha naval de Vasco da Gama ao Chefe do Estado

O «Diário do Governo» insere uma portaria do Ministério da Marinha que concede a medalha naval de Vasco da Gama ao almirante Américo Thomaz.

O ministro da Marinha desloca-se à propositadamente a Belém para entregar a referida medalha ao Chefe do Estado.

BANCO STANDARD-TOTTA

O «Diário do Governo» insere um decreto dos Ministérios do Ultramar e das Finanças que autoriza o Banco Standard-Totta a elevar o seu capital social, nas sedes de Angola e Moçambique, respectivamente de 75 mil contos para 150 mil contos e de 75 mil contos para 112 500 contos.

CONDECORADO O CONDE DE VILALVA

O Chefe do Estado recebeu, esta tarde, em Belém, o sr. eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida (conde de Vilalva), a quem impôs as insígnias da grã-cruz da Ordem da Benemerência, com que decidiu agraciar aquele benemérito em reconhecimento da sua altruística acção em prol do progresso de Évora.

MODERNIZAR AS TÉCNICAS PRODUTIVAS E A RACIONALIZAÇÃO DAS EXPLORAÇÕES

—propósitos anunciados pelo dr. Xavier Pintado

(Continuação da pág. 1)

fundamentais a presidir à utilização dos instrumentos à disposição da Secretaria de Estado do Comércio, em íntimo acordo e identidade de vistas com a Secretaria de Estado da Agricultura:

— Atenuação dos desequilíbrios estruturais da produção agro-pecuária, mediante uma expansão rápida da produção de alimentos característicos de uma dieta mais rica (carne, leite e ovos) e das culturas industriais, por forma a ajustar melhor a oferta à procura e a transferir recursos pro-

ductivos de culturas pobres para culturas mais remuneradoras;

— Modernização das técnicas produtivas e da racionalização das explorações por forma a elevar o rendimento por trabalhador e por hectare de terra cultivada.

• Vias de actuação

Por outro lado, o dr. Xavier Pintado enunciou as seguintes três vias de actuação no campo dos meios ou instrumentos a utilizar:

— Orientação selectiva da política de subsídios de fomento e de apoios de modo a promover a realização coerente daqueles dois objectivos.

— Realização prioritária das infra-estruturas fundamentais de intervenção no mercado: rede de frio, centros de recolha e abate, capacidade de armazenagem dos principais produtos.

— Promoção e acarinhamento das formas de cooperação e associação de produtores.

A propósito, o secretário de Estado referiu os êxitos já alcançados com a política de fomento pecuário e, em particular, com o efeito do subsídio de recria de bovinos. Devido ao esforço desenvolvido nesse sector, Portugal não deverá este ano importar mais de 10 a 11 mil toneladas de carne de bovino do estrangeiro, contra 20 mil no ano findo e 24 mil em 1967, esperando-se que o espaço económico português possa vir a tornar-se auto-suficiente em matéria de carnes. E acrescentou:

— Se o próprio sucesso desta política começa a criar-nos alguns problemas com os excedentes de leite que está já a produzir e o volume de meios financeiros que envolve, alegra-nos pensar que pode permitir-nos melhorar decisivamente a situação alimentar da população portuguesa e, em particular, das nossas crianças para quem esse leite pode constituir elemento precioso de revigoramento.

• Carência de infra-estruturas

No prosseguimento das suas considerações, o dr. Xavier Pintado ocupou-se do problema do abate de gado, sublinhando que se perde na Metrópole o equivalente em peso a cerca de 80 mil contos anuais de carne, resultante do transporte em vivo para os actuais matadouros e da espera de vez para abate. E afirmou:

— Quando a lavoura se manifesta impaciente com a lentidão dos abates de gado em épocas de ponta, como a que presentemente atravessamos, com os prejuízos que isso lhe acarreta, pode estar certa de que não é boa vontade ou diligência dos serviços que falta, mas sim infra-estruturas adequadas e suficientes. O mesmo poderia dizer-se em relação à fruticultura e a outros domínios. Eis porque se pretende dar toda a prioridade à conclusão das infra-estruturas indispensáveis a uma intervenção oportuna e eficaz nos mercados: matadou-

ros, túneis de congelação, armazéns frigoríficos para a conservação e distribuição.

O secretário de Estado aludiu também à orientação selectiva dos subsídios e contribuições de fomento, que deverão orientar-se para assegurar a eficiência das explorações e não para permitir que se mantenham em actividade explorações marginais ineficientes. Por isso, a atribuição de subsídios, com o de reconversão cultural, terá de ser cuidadosamente revista e devidamente acompanhada.

• Vai rever-se o regime do pão

Disse o dr. Xavier Pintado que a preocupação dominante consistirá em orientar gradual e firmemente o agricultor para condições racionais de exploração em que possa subsistir, não à custa de subsídios, mas graças à sua própria eficiência. E ponderou:

— Pactuar com a ineficiência é aceitar ser solidário na responsabilidade da manutenção de situações de pobreza. E não creio que esse seja o interesse nacional. Tais políticas não serão, por isso, sempre — não nos restam ilusões — políticas simpáticas. Mas estamos esperanças de que o País as compreenda quando lhe forem convenientemente explicadas nos seus objectivos e intenções. Isso nos obrigará a explicar. E não perderemos ocasiões de fazê-lo.

Anunciou então o secretário de Estado do Comércio:

— Neste momento está o Governo preocupado com a revisão do regime do pão, esperando tomar em breve algumas medidas importantes com vista à melhoria da respectiva qualidade e à correcção dos desequilíbrios que, ao longo dos anos, se foram acumulando em sistema tão complexo como é o da moagem e da panificação. O imbricado de aspectos que o problema envolve, e que se estendem às suas implicações sobre a indústria dos alimentos compostos para animais e à política dos óleos, a crescer à delicadeza política de que se reveste assunto tão complexo como é o do pão, que toca tão intimamente na economia doméstica de todos os portugueses, não se compadece com improvisações. Por isso, tem requerido estudos vários que terão de articular-se com o novo regime cerealífero, a vigorar a partir de 1971.

• O acto de posse

O eng.º Santos e Castro, actual vereador do Município de Lisboa e que nos últimos anos esteve na Administração do Alcool, tomou posse do cargo de presidente da F. N. P. T., de cujos quadros técnicos fez parte durante alguns anos, em cerimónia muito concorrida e efectuada na sala de sessões do Ministério da Economia.

Assistiram o ministro das Obras Públicas, representantes dos secretários de Estado da Agricultura e da Indústria, governadores civis de Lisboa e Évora, presiden-

tes da Comissão de Coordenação Económica e da Corporação do Comércio, dirigentes de organismos corporativos e de coordenação económica, directores e funcionários superiores da F. N. P. T., industriais de moagem, etc.

Após conferir a posse, o secretário de Estado do Comércio anunciou as providências atrás citadas e fez considerações sobre a missão que cabe à F. N. P. T. no sector da política agrícola. Por seu turno, o eng.º Santos e Castro manifestou o propósito de responder à confiança nele depositada e prestou homenagem à memória do seu antecessor no cargo, eng.º Luis Quartim Graça.

CONCURSO PARA CATEDRÁTICO NA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

Na reitoria da Universidade de Lisboa, inicia hoje, à tarde, as provas para professor catedrático de Higiene e Medicina Social (5.º grupo) da Faculdade de Medicina o prof. dr. Artur Torres Pereira, na presença de um júri, a que preside o vice-reitor em exercício da Universidade de Lisboa o prof. Kurt Jacobsohn, e que é constituído, além de todos os professores catedráticos da Faculdade de Medicina de Lisboa, pelos profs. Médico Silvestre e Henrique de Oliveira, da Universidade de Coimbra, e Júlio Machado de Sousa Vaz, da Universidade do Porto.

A prova de hoje consta da apreciação e discussão dos trabalhos científicos do candidato, feita por dois membros do júri.



JAPÃO

TAIPE, HONG-KONG, MACAU, BANGKOK, TEERÃO, BEIRUTE e ATENAS

19 de SETEMBRO a 14 de OUTUBRO

Partida garantida

Alguns lugares disponíveis **39.300\$00**

Programas, informações e inscrições

WAGONS-LITS COOK

LISBOA — Av. da Liberdade, 103 — Telef. 36 15 21 — 36 15 41
HOTEL RITZ — Rua Rodrigo da Fonseca, 86 — Telef. 68 06 32
PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

A AGENCIA ESPECIALIZADA EM VIAGENS AO ORIENTE

Ford à frente



IV CIRCUITO DA GRANJA DO MARQUÊS

Grupo I

1.º absoluto **FORD CORTINA***
Conduzido por FRANCISCO SANTOS

Grupos II/V

1.º da classe **FORD ESCORT**
Conduzido por ERNESTO NEVES

* Sujeito a homologação oficial

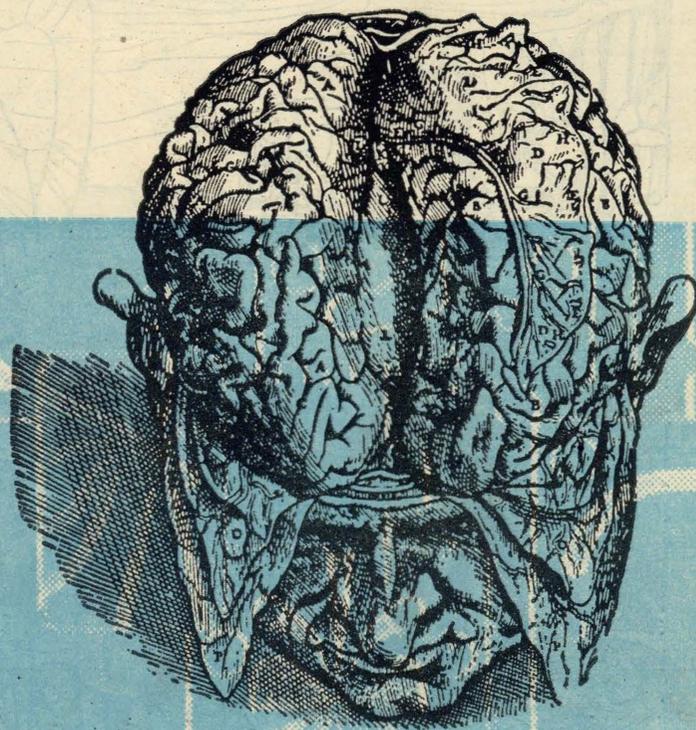
Os Ford vencem em competição. E vencem com muitas das características que V. encontra em qualquer dos modelos Ford:

Escort · Cortina · 12M · 15M XL · 17M · 20M · Capri · Mustang

À sua disposição nos concessionários Ford



Problemas do espaço



**PODERÃO
CRIAR-SE
SUPERCÉREBROS
PARA
AS NOSSAS
SUPERMÁQUINAS ?**

VIVAM AS FÉRIAS!



a semana

(Desenho de Fernando Bento)

APELO das NAÇÕES UNIDAS contra a guerra química e bacteriológica

NOVA YORK — «As guerras química e bacteriológica abriram as portas a horrores que a Humanidade poderia evitar», afirma ameaçadoramente um relatório da Secretaria-Geral das Nações Unidas, mandado redigir por U Thant. O trabalho foi redigido por um grupo de catorze especialistas internacionais, para ser apresentado à Comissão de Desarmamento que se reúne em Genebra. Tem 116 páginas de texto e vários apêndices.

Os autores, que foram auxiliados por técnicos de vários países membros da O. N. U., afirmam: «Se as armas químicas e bacteriológicas chegarem a ser utilizadas em grande escala numa guerra mundial, ninguém pode prever os seus efeitos sobre a estrutura da sociedade e sobre o ambiente em que vivemos».

«O perigo é total, porque os efeitos deste tipo de guerra atingiriam tanto os países atacados como os atacantes, não obstante as medidas preventivas adoptadas pelos segundos».

As armas a que se refere o documento da Secretaria-Geral da O. N. U. são os gases mortais e os vírus que infectariam a população inimiga. Dadas as suas características, as principais vítimas da sua utilização seriam as populações civis.

Tão caro como as bombas nucleares

O relatório que dentro de dias vai ser lido à Comissão de Desarmamento, desde antontem reunida em Londres, indica que este tipo de guerra não é muito mais barato que a nuclear. Antes pelo contrário. Uma bomba de um megatão custa entre cinco e dez milhões de dólares. Uma carga de quinhentas toneladas de gases ou dez de vírus andaria à roda de quatro milhões de dólares.

Felizmente, desde a primeira guerra mundial (em que foram largamente utilizados os gases artificiais) que não se faz uso das armas químicas. As bacteriológicas não passam, por enquanto, do terreno da teoria.

Falou-se do emprego de gases asfixiantes na guerra italo-etíope. Mas não se apresentaram provas conclusivas do emprego de gases pelas tropas fascistas de Mussolini. Na segunda guerra mundial nenhum beligerante as utilizou, apesar de quase todos eles disporem de consideráveis depó-

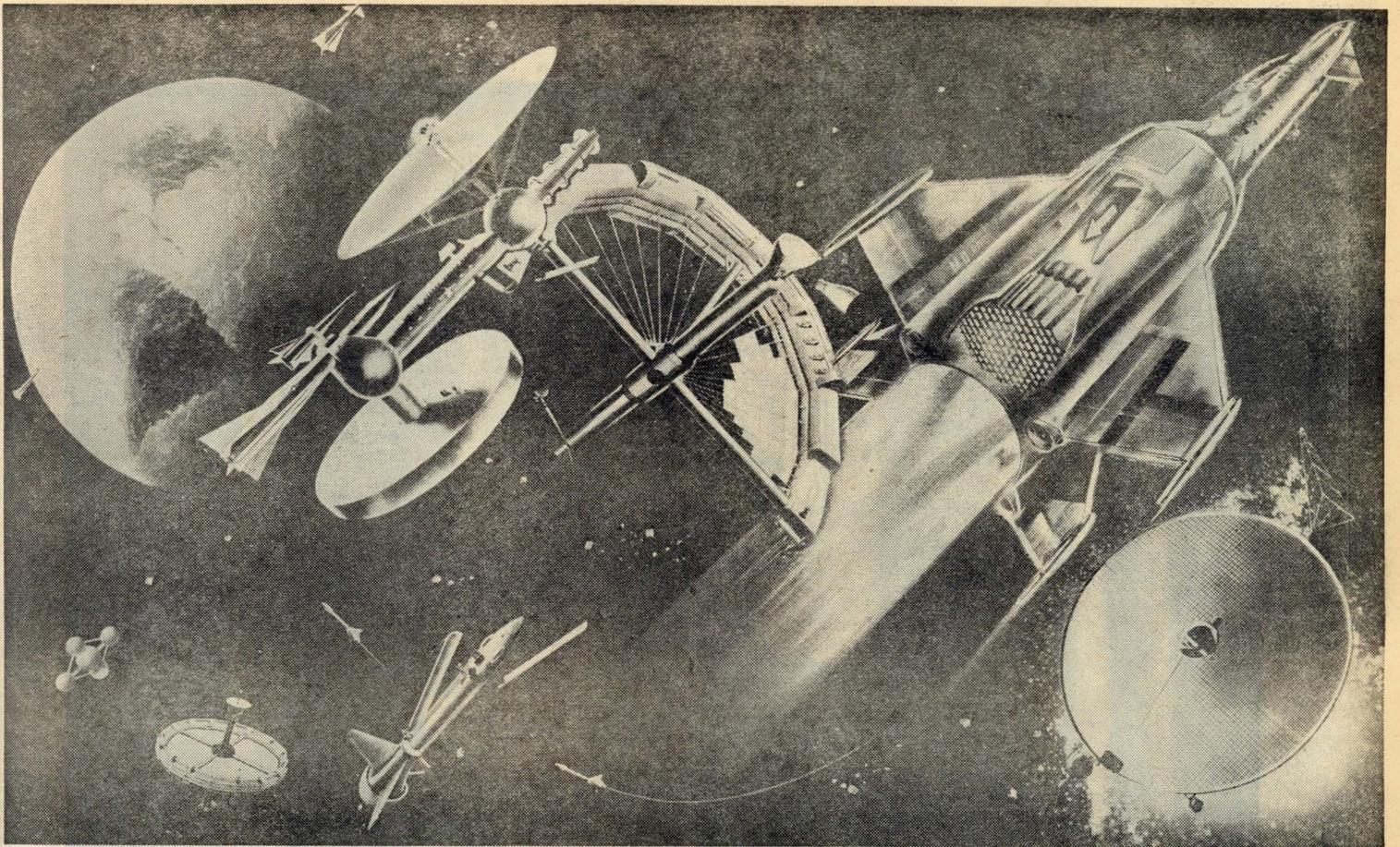
sitos de gases asfixiantes prontos para a acção, assim como de bombas com produtos bacteriológicos.

E verdade que a eliminação dos materiais armazenados põe problemas sérios aos estados-maiores. Recentemente, nos Estados Unidos, tentou-se lançar ao mar uma certa quantidade de gases, mas a reacção da opinião pública impediu a operação. Ignora-se o destino que tiveram tais materiais. Não se pode esquecer a experiência feita há anos pelo exército norte-americano no Oeste do país. Uma simples mudança de vento provocou a morte de milhares de cabeças de gado em vários Estados.

A sensibilidade internacional para este tipo de armas é, naturalmente, muito grande. Por exemplo, ao verificar-se a recente contaminação das águas do Reno, nos Países Baixos, falou-se imediatamente da possibilidade de os alemães estarem a fazer ensaios com gases asfixiantes, proibidos pelos acordos de Londres de 1954. Esta hipótese não tardou a ser desmentida por Bonn, mas não deixa de ser sintomático que a população holandesa se tenha lembrado dela...

Depois de insistir nos perigos deste tipo de armas, o relatório que comentamos e que, dentro de pouco tempo, será submetido à apreciação da Assembleia Geral das Nações Unidas propõe a suspensão total de todos os trabalhos de produção de armas químicas e bacteriológicas e a destruição das existências actuais. Propõe ainda o documento que todos os países membros e não membros das Nações Unidas assinem os convénios de Genebra de 1925, que proibem o emprego deste tipo de armas. A maior parte dos países africanos e asiáticos que conquistaram a independência nos últimos anos, ainda não firmaram o convénio. Pretende-se, na prática, condenar todo o lançamento de armas químicas, incluindo as granadas de gases lacrimogéneos.

Como no caso das armas nucleares, não parece que as perspectivas sejam muito optimistas para as propostas das Nações Unidas. Não é de afastar totalmente a hipótese, porém, de que as grandes potências se sirvam da aprovação deste relatório como um meio eficaz de alcançarem o apaziguamento internacional que os povos reclamam e os grandes monopólios temem.



para SUPERCÉREBROS SUPERMÁQUINAS

por
J. J. ANTIER

O homem realizou um velho sonho da infância. Desembarcou na Lua, pisou o solo lunar. Vitória da ciência e da técnica. Para realizar esta proeza, o foguete «Saturno-Apolo» dispõe de 95 motores. Para arrancar o foguete à Terra, só o grupo F-1 (5 motores do propulsor principal) tem 3 850 000 kg de impulso. «Come» a bagatela de 14 toneladas de querosene e de oxigénio em cada segundo! A sua potência é de 160 milhões de cavalos, ou seja, o dobro da energia hidráulica susceptível de ser captada em toda a América do Norte.

Tente-se imaginar o foguete: 2850 toneladas. Tente-se imaginar a «nave aérea», o equivalente, em massa, a um cruzador ligeiro, deixando a Terra para depor suavemente três homens na Lua.

O número de problemas que foi preciso resolver confunde a imaginação. O simples cérebro humano seria incapaz de os dominar. São precisas máquinas electrónicas, potentes e infalíveis al-

vancas do cérebro, para chegar à perfeição matemática exigida por esta série de «encontros», em que um só erro pode provocar uma catástrofe. O cérebro humano é capaz de compreender tudo, mas o homem apenas utiliza uma milionésima parte das suas possibilidades. Ora, considerando o número incalculável de «sistemas» mecânicos dependentes uns dos outros nos foguetes, são indispensáveis, em cada segundo, cálculos matemáticos complexos (por exemplo, para uma rectificação de trajectória). A máquina efectua-os instantaneamente, ao passo que o cérebro humano levaria horas e mesmo dias.

• Um cérebro enxertado

Júlio Verne e Wells estão ultrapassados, e ainda agora vamos no princípio. Dentro de algumas dezenas de anos, fabricar-se-ão fantásticos engenhos híbridos, máquina-homens, que explorarão, sem qualquer embaraço, o universo inteiro. O tempo deixará de exis-

tir. Os que afirmam que nunca iremos ao mais próximo sistema solar, porque ele está a mais de um bilião de quilómetros e que para isso seriam precisas várias vidas, são tímidos sem imaginação. Amanhã fabricar-se-á um engenho mecânico no qual será enxertado um cérebro humano, tão facilmente como hoje se fixa uma prótese num dentes uns dos outros nos foguetes, são indispensáveis, em cada segundo, cálculos matemáticos complexos (por exemplo, para uma rectificação de trajectória). A máquina efectua-os instantaneamente, ao passo que o cérebro humano levaria horas e mesmo dias.

zer. Poderá, numa certa medida, enviar informações para a Terra, sob a forma de ondas radio-eléctricas ou talvez pelo processo instantâneo da transmissão do pensamento. Poderá regressar à Terra utilizando a atracção universal, cujas leis serão dadas por máquinas, tal como o informador dos caminhos de ferro dá os horários dos comboios. Quando a Terra já não existir, daqui por cem biliões de anos, será fácil pousar noutros mundos, pois existem no universo milhões de «sistemas solares» similares ao nosso. O seu carácter imortal só seria quebrado por um gesto voluntário, ou pelo encontro fortuito de um asteroide, pela usura em contacto com atmosferas, caudas de cometas ou gases diversos, pela travessia de uma nuvem de anti-matéria, ou ainda se qualquer inteligência extraterrestre de um outro planeta se lembrasse de o destruir ou de o desmontar, após a captura, para ver o que tem «lá dentro».

Não será tudo isto assustador?

• Duas raças de homens

Penso que o assustador não está aqui. O assustador está na desproporção incompreensível, que aumenta cada vez mais, entre o génio do homem do espaço e a pequenez do homem social. O homem do espaço é capaz de multiplicar por milhares a sua força física, é capaz de escapar, ele, tão frágil animalzinho, ao espaço e ao tempo, ao mundo físico em que não é mais que uma poeira efémera. Mas o homem social é incapaz de se organizar em sua própria casa, de ser simplesmente feliz, mesmo nas coisas mais mínimas. Quando se viu no écran da televisão a partida do «Saturno», e depois, virado o botão, se assiste às vãs disputas das assembleias humanas em todos os escalões, desde a O. N. U. até à modesta célula familiar, não se pode evitar dizer: «É de duas raças de homens diferentes que se trata.»

Mas, não. O cosmonauta vitorioso, mal saído da sua cápsula, vai ao telefone e faz uma cena à mulher. Amanhã, este cosmonauta, ou qualquer sábio, será governador de Nova York ou presidente da União Soviética. Será tão incapaz como os seus antecessores de resolver o problema racial ou demográfico, a guerra nas «colónias», a rivalidade capital-trabalho, o desemprego, a desvalorização, a delinquência e o alcoolismo. E entretanto, a 1 800 000 anos-luz, o cérebro-máquina explorará à velocidade de «mach 300» a galáxia de Andrómeda, depois de ter visitado, a trinta mil anos-luz, algumas das centenas de biliões de estrelas da nossa própria galáxia.

A chave deste desajustamento misterioso entre a perfeição e a mediocridade sórdida ser-nos-á dada, talvez amanhã, por um «robot», sob condição de que ele esteja inteiramente desligado de todo o cérebro humano. Mas não teremos razões para nos orgulharmos disso!



Faça turismo, vivendo a história dos Estados Unidos.

Admire as gigantescas torres de Manhattan que parecem saudar o nascer do sol. Veja o esplendor das cataratas do Niagara com o seu arco-íris permanente. Sinta o ritmo vibrante das cidades de Detroit e Chicago. Em Washington, visite os monumentos de mármore branco que falam de toda a história de um País.

E com isto tudo à sua espera, como pode continuar calmamente a ler o jornal?

O folheto «Pan Am Holiday 880 — VISITE OS E. U. A. NUMAS FÉRIAS HILTON» sugere-lhe uma viagem de ida e volta aos Estados Unidos, com a estadia de 15 dias e 14 noites, por Esc. 16.495\$00* em quartos de duas pessoas.

Enfim, uma oportunidade de sentir ao vivo a história da América — antiga e actual.

5 dias em Manhattan — 2 dias em Washington, D. C. — Pittsburgh, as cataratas do Niagara, Buffalo, Detroit, o Estado de Illinois (onde viveu Abraham

* Taxas portuguesas não incluídas.

Lincoln), Chicago, Cleveland — e outra vez de volta a Nova York, sempre em autocarrões super-modernos, com ar condicionado e guia falando duas línguas. O preço inclui alojamento com primeiro almoço e gratificações nos hotéis.

Comece já a fazer os seus planos e inclua neles a sua mulher, não a deixe ficar em casa. Verá como ela passa a colocá-lo também num pedestal.

Peça o folheto «Pan Am Holiday-880» ao seu Agente de Viagens ou à Pan American, Praça dos Restauradores, 46, Lisboa — Serviços de Reservas: Tel. 362591 (5 linhas).



A linha aérea de maior experiência no mundo

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

SORAYA continua em foco



Os jornalistas romanos, e aqueles que vão a Roma sem para ver o Papa, contam que vêem a princesa Soraya e que esta passeia na Via Condotti com o realizador Franco Indovina. Todos, unanimemente, dizem que Soraya parece muito feliz e que Franco Indovina sorri, de excelente humor.

Depois que voltaram de um safari, no Quênia, a princesa persa parece mais contente com a sua vida e muito elegante com uma casaca de peles curto e mini-saia. Mostra-se queimada pelo sol africano e sorri para Indovina.

Uma tarde, dirigiram-se ao restaurante Janota onde já são conhecidos e a princesa comeu um prato simples, sem tirar os seus olhos enormes, de lentes escuras, e continuou em animada conversa com o realizador.

Mais tarde o dono do restaurante, um tal Oliviero, confidenciou:

— Há semanas que não vinham cá! Mas parece-me que ela está agora mais contente, pois voltou a tomar o cocktail a que pusemos o seu nome.

E, diante do interesse do repórter, o homem do restaurante explicou: «Mistura-se um cálice de «Campari» com um copo de gin e uma

dose igual de «punte-mes». Bate-se e pronto: temos o famoso cocktail Soraya!»

Nenhum dos jornalistas presentes nesta conversa tentou provar a bebida famosa, mas todos procuraram saber o que sucede agora com esta princesa de vida tão cheia de aventuras sentimentais e, ao que parece, tão vazia de sentido.

● Especulações em torno de uma visita

Nos círculos ligados aos conhecimentos da ex-imperatriz do Irão, atribuem esta disposição radiante da princesa ao facto de ela ter visitado em Genebra o prof. Hubert de Watteville. Este célebre ginecologista foi quem tratou de Sofia Loren, e algumas pessoas atreitas a erguer hipóteses perguntam se o eminente especialista teria de algum modo animado Soraya.

Na opinião das pessoas sensatas, tudo isto não passa de uma especulação em torno de possíveis relações de uma mulher divorciada com um homem que, além de ser casado e pai de filhos, não se pode divorciar.

Afinal, ao que parece, a visita da princesa ao dr. Watteville está ligada a um tratamento que se refere a persistentes dores nas cos-

tas, mal de que já em tempos este médico a tratara na sua clínica em Roma.

Realmente, quando o jornalista que sabia destas especulações o interrogou, o médico respondeu-lhe apenas: «Agora, a princesa está de perfeita saúde, pois é natural que as dores nas costas não voltem mais».

Mas os ditos e os mexericos não pararam aqui. Franco Indovina que, como se sabe, se tinha reconciliado com a esposa, Amália Indovina, de 33 anos, não deixou de aparecer junto de Soraya, e isso fez com que logo comessem a dizer: «O amor de Franco por Soraya foi mais forte! Ele preferiu a princesa...»

Ao jornalista que pediu a Amália Indovina algumas palavras sobre este assunto, ela respondeu:

«Quando ele me deixou, percebi que teria de lhe dar liberdade, e foi o que fiz. Ele precisa de se estabelecer na sua carreira e é natural que se encontre com mulheres bonitas e célebres. Além disso, sempre teve intuição, além de talento. E esperto e compreendo que Soraya lhe agrade. De resto, ele vai finalmente rodar um filme. Se o fizer com Soraya terá decerto uma grande projecção. Afinal talvez o faça com Mónica Vitti. De toda a maneira, acho bem que o meu marido cuide da sua carreira».

E daqui os repórteres não conseguiram tirar nada mais.

● Amor, ou simplesmente o «écran» do cinema?

No chamado centro da «dolce vita» romana todos conhecem bem o realizador e a princesa. Habituarão-se a vê-los juntos, e a notar esse ar feliz que Soraya ultimamente apresenta. Os comentários já provocaram esta resposta:

«E... será que ela não pode mostrar uma expressão contente?»

A verdade é que nem Soraya nem Indovina parecem preocupar-se com esta curiosidade, pois continuam no seu caminho, muito contentes, como se estivessem a realizar algo muito agradável, mas de que só eles sabem o segredo.

Ambos passam agora muitas horas num estúdio cinematográfico onde Franco Indovina faz as provas para o seu filme com Mónica Vitti. Diziam que Soraya entrava neste filme, mas isto não se confirma, embora a ex-mulher de Reza Pahlewi acompanhe o realizador e siga com a maior atenção todo o trabalho da filmagem. De resto, Indovina presta-lhe solícitamente todos os esclarecimentos.

Sabe-se que Soraya conta com a ajuda deste homem de cinema para voltar ao écran. As críticas desfavoráveis ao seu filme «As Três Faces de uma Mulher» não a assustaram e naturalmente ela pensa em recomeçar. Talvez que nas meias pa-

lavras de Amália Indovina esteja o segredo da amizade de Soraya com o marido dela, e que todas as especulações que deram origem a artigos mais ou menos desagradáveis para a princesa não passem de fantasias ditadas pelas aparências e também pelo desejo de certos repórteres de causarem sensação.

Por outro lado, também é muito possível que Indovina precise do dinheiro e da influência da princesa Soraya e que isso lhe convença para as suas realizações. De resto, o mundo bem sabe como são os italianos: amáveis e galanteadores com as mulheres, ainda que apenas se trate de negócios...

● Desagradável repercussão na corte persa

Estes mexericos, estes artigos pouco abonatórios do comportamento de uma princesa persa, foram lidos

pele imperatriz Farah, que ficou indignada com os factos apontados, pois, a serem verdadeiros, isso seria dizer que Soraya vivia com um homem casado que por ela deixava a mulher e os filhos.

Quando estes artigos caíram sob os olhos da imperatriz achava-se esta com o marido e os filhos em St. Moritz. Aos olhos de Farah parece estranho que uma mulher à beira dos quarenta anos ainda não tenha acaalmado e não faça uma vida mais útil e mais digna.

A actual esposa do xá do Irão compreende que a tragédia que ensombrou a vida da sua antecessora a abalasse por muito tempo, mas não percebe como é que uma mulher prenhada, dispendo de largos meios e de toda a liberdade, não se dedicasse a algo mais sério do que essa existência fútil, de flirts e companhias de acaso.

Este último caso, especial-

mente, não a coloca nada bem; pois embora tenha todo o direito de se dedicar ao cinema, a verdade é que poderia ter escolhido uma maneira de o fazer sem se envolver num escândalo que está a ser explorado por certos jornais.

Tudo isto preocupa os soberanos persas, especialmente dado o carácter de certas notícias e a maneira como são exploradas. Diz-se que o xá propôs, por intermédio de um diplomata, à princesa Soraya, uma posição dentro da sua verdadeira sociedade e que aí recomencesse uma existência mais digna da sua alta estirpe, mas parece que Soraya não atendeu estas sugestões, o que bastante desgostou os soberanos. Farah, especialmente, não encontra justificação para o que se está a passar, mas, evidentemente, nunca se fala nisto senão muito em segredo, entre os bastidores da corte persa.

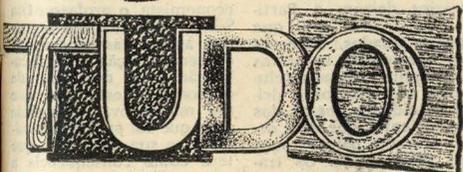
DINO LODI

ADAP. BELATE



Araldite liga tudo a tudo...

por isso o Araldite é o ligante ideal para resolver qualquer problema de colagem. Muita coisa há que V. próprio quer «colar» e só o pode fazer com o Araldite. Porquê? Porque este mantém firme como uma rocha aquilo que liga — quer se



trate de metal com metal, madeira com ferro, vidro com cabedal, alumínio com borracha, etc., etc. Depois de endurecido o Araldite torna-se insolúvel na água e resiste ao calor, à humidade, aos solventes, aos ácidos e aos alcalis. Não é corrosivo nem tóxico. Na indústria o Araldite tem-se imposto em todo o mundo, em condições extremas. E se o Araldite satisfaz as altas exigências da indústria também naturalmente satisfaz as suas próprias exigências.

Araldite é um produto da CIBA

faça teste

são necessários três elementos: você, uma garrafa cheia e um

INDESIT



Atire a garrafa para dentro do frigorífico. Esta salta, resalta, e bate violentamente no interior do novo INDESIT! Vá verificar... Nem um risco! Nem uma esfoladela!

Poderá argumentar que o frigorífico não é o local mais próprio para onde se atirem garrafas.

De acordo, mas só procuramos provar que se o Interior do INDESIT resistiu aos choques violentos de uma garrafa cheia, com certeza que resistirá aos pequenos choques do dia-a-dia e manter-se-á inalterável após longos e longos anos de uso diário.

O Interior do novo INDESIT é de POLISTEROLO

com

INDESIT

tudo corre sobre rodas

JOHN

semana



internacional

EVOCACÃO DO ATENTADO DE 20 DE JULHO DE 1944

A data de 20 de Julho foi, mais uma vez, lembrada oficialmente na República Federal Alemã como uma efeméride nacional e como uma prova decisiva do arrependimento do povo alemão perante as monstruosidades e crimes do III Reich. O cenário dessa tentativa frustrada como as anteriores, para pôr termo à era hitleriana suprimindo o seu símbolo vivo que para ela previra uma duração de mil anos, foi uma série de falsos cálculos, a qual acabou na liquidação dos implicados após um julgamento de inomináveis características em que os réus apareceram transformados em farrapos humanos, insultados por um juiz improvisado. A figura central da conspiração que precedeu o atentado foi o conde Clause von Stauffenberg, herói da guerra no Norte de África e grande mutilado que, com raro estoicismo, se prestou a fazer deflagrar a tempestade há muito acumulada no céu hitleriano.

Era em elevado número a lista dos implicados na conspiração urdida com extraordinária paciência e rodeada de cautelas sem as quais as múltiplas redes policiais que enxameavam no III Reich, conheceriam o rasto que as levaria, em pouco tempo, à descoberta do atentado. Embora haja razões para supor que o almirante Canaris, chefe supremo da Abwehr, polícia secreta do Exército, estava implicado na conspiração, os restantes serviços policiais ignoravam os preparativos do atentado quando este se deu no Quartel-General do Führer, situado na Prússia Oriental. A bomba deixada no gabinete improvisado onde se realizavam as reuniões dos colaboradores militares de Hitler, os quais diariamente faziam

os seus relatórios verbais, rebentou com enorme fragor e produziu estragos avultados, ficando ferido o Führer, que nunca mais se recompôs do choque psicológico sofrido nessa ocasião, embora vivesse ainda um ano até à liquidação da resistência e ao desenlace do drama de que foi protagonista no «bunker» da Chancelaria de Berlim, em 1 de Maio de 1945.

O antigo chefe do Estado-Maior, general Ludwig Beck, gozava de enorme prestígio nos meios militares e era ele o centro da conspiração que se desenvolvia, com ramificações diversas, nos centros de operações das frentes oriental e ocidental pois, pouco antes, o desembarque dos aliados na costa da Normandia criara uma situação estratégica nova, e à qual a Wehrmacht não estava em condições de corresponder cabalmente. Quando Stauffenberg deixou a pasta com a bomba junto da mesa onde reuniam os chefes militares, a guerra estava perdida para eles que sobejamente o sabiam por serem técnicos competentes e conhecedores da gravidade da crise que a Alemanha atravessava. Os nomes dos comparas do 20 de Julho estão hoje inscritos, em letras de ouro, numa das páginas mais sombrias da história alemã. Quando se lançaram ousadamente, na aventura em que muitos perderam a vida, sabiam que o malogro do seu empreendimento seria o opróbrio que os atingia em cheio. Generais, diplomatas, altas personalidades civis e militares foram fuzilados ou enforcados em holocausto a um regime de terror, ao qual, em vão, tentaram dar um epílogo que só chegou com a derrota e o desaparecimento de Hitler e da sua «clique» em 1945.

EPÍLOGO DRAMÁTICO DA CRISE CHECOSLOVACA

Para a Checoslováquia os meses de Verão são invariavelmente cheios de recordações comovedoras, dolorosas e contraditórias. Em Julho de 1915, Masaryk, então refugiado em Londres, prometia aos seus compatriotas dar-lhes a pátria que haviam perdido, na batalha da Montanha Branca, quatro séculos antes. E acres-

centava que essa pátria seria independente, feliz e próspera. Os factos confirmaram a profecia do pai da Checoslováquia, herdeira e sucessora do antigo reino da Boémia, até que surgiu Hitler, que, em 1938, a invadiu e desmembrou, separando dela a região dos Sudetas. Poucos meses depois ocupou definitivamente a

Checoslováquia. Passados trinta anos de uma ilusória independência voltou esta a cair sob domínio estrangeiro, sendo invadida e ocupada em Agosto de 1968 pelos soldados soviéticos. No começo desse ano, um patriota relativamente novo, Dubcek, lançou-se no difícil empreendimento de libertar a nação do pesadelo da ocupação estrangeira. Bastaram seis meses para dissipar o seu sonho de libertação e a nação checoslovaca voltou a conhecer a paz dos cemitérios.

Desde Agosto do ano passado a submissão da Checoslováquia tornou-se uma dolorosa realidade. Sobre a colina de Praga a sombra da ocupação estrangeira projecta-se como sinal fatídico da submissão das almas. Entretanto, com a ajuda dos tristes colaboradores que conseguiram encontrar para a sua causa, os russos restabeleceram a ordem estaliniana que equivale à escravatura, ao embrutecimento e à submissão a um partido cuja direcção foi assumida por indivíduos como Husak e Strougal, os quais serão substituídos por

Indra, símbolo dos Quilings do nosso tempo. Os checoslovacos conheceram outras provações de que saíram triunfantes e alguns deles prevêem que, dentro de três anos, mais uma vez conseguirão realizar o prodígio de se libertar.

Na Checoslováquia a liberdade perdeu todos os seus meios de expressão. Os sinais de autonomia dos diversos organismos do Estado desapareceram. Os jornalistas, suspeitos de não serem bastante ortodoxos, foram substituídos e as estações de rádio e televisão limitam-se a propagandear a verdade oficial. O alinhamento, assim conseguido no domínio da formação da opinião pública, prossegue noutros sectores e não tardará que a todos abranja. As organizações regionais e a direcção dos sindicatos encontram-se completamente submetidas. A depuração começou a atingir o corpo diplomático. Mas, como aconteceu no passado, à medida em que o regime endurece os seus métodos a população distancia-se dele. Se é fácil mudar os funcionários é difícil conseguir a

adesão dos espíritos. Nunca os russos na Checoslováquia foram tão detestados como hoje. Desde Agosto do ano passado cessaram os contactos entre as forças soviéticas de ocupação e os habitantes do país.

Estes desertam em massa, e nenhum local — restaurantes, teatros, etc. — onde há invasores os checoslovacos frequentam. Os operários deixam o Partido Comunista em que estavam filiados. Milhares deles devolveram as cartas de militares. Outros refugiaram-se nos campos e deixam as cidades apesar dos inconvenientes que essa decisão acarreta para as suas vidas particulares. Os trabalhadores perderam o gosto do trabalho e a consequência inevitável é uma inquietante baixa de produção. Este fenómeno provocou uma nova tensão com o Governo soviético que acusa os checoslovacos de não cumprirem os seus compromissos. Uma das formas de protesto dos dirigentes de Moscovo foi o adiamento da visita que alguns tentavam fazer a Praga. Ao mesmo tempo a visita de

Husak à capital soviética foi adiada.

Este declarou publicamente que a situação económica vai de mal a pior, e acrescentou que as vendas de produtos checos nos países socialistas baixam incessantemente, enquanto, apesar da repressão, as vendas dos mesmos produtos nos países ocidentais crescem. Afastado o seu mais ilustre economista, o professor Ota Sik, os checoslovacos regressam às receitas condenadas da centralização e da fiscalização nos domínios da economia. O estatismo, que tão más provas deu onde quer que foi aplicado, readquiriu a sua sedução o que terá como consequência a estagnação do aparelho económico, apesar de a Checoslováquia dispor de uma excelente mão-de-obra e de boa matéria-prima. Um ano após a ocupação da Checoslováquia pode afirmar-se que o povo resiste, como pode, e é cada vez mais hostil à União Soviética e que tanto a produção agrícola como a industrial baixam assustadoramente. O balanço das realidades é sombrio.

de VERNE a VON BRAUN

Aquilo que em francês de Nantes, Júlio Verne, concebeu há 104 anos, é agora uma realidade. No seu romance «Da Terra à Lua», escreveu ele então que tudo era fácil para os americanos e que só podia estranhar-se que o sonho se não concretizasse mais cedo. «Cedo ou tarde, porém, — lia-se no seu livro — a viagem concretizar-se-á».

A clarividência do famoso autor constitui actualmente uma nota digna de registo. Pela sua pena, o presidente do Gun-Clube de Baltimore dizia: «Tenho planeado há muito um canhão gigante que enviará de deixar no nosso satélite um representante da raça humana.» O canhão gigante «Columbia» concebido por Impey Brabancane na forma e nas dimensões oferece curiosos pontos de contacto com a cabina da «Apolo-11» que realizou a mais extraordinária proeza da história da Humanidade.

Segundo a concepção de Verne o «Columbia» seria um óbus cónico com 4,60 metros de comprimento e 2,70 de largura. O módulo de comando da «Apolo-11» é, como o projectil «Columbia» feito de uma liga de alumínio com o comprimento de 3,20 metros e uma largura de 4,90 metros. Brabancane, há 104 anos, dizia que qualquer projectil lançado à velocidade inicial de dez quilómetros por segundo e dirigido para a Lua, a atingiria. Na colossal documentação fornecida pela NASA aquando do lançamento da «Apolo-11», lê-se que no começo da segunda revolução o segundo andar do foguetão, o «SIV-B», teria uma velocidade crescente a qual devia atingir o limite de 10 820 metros.

Júlio Verne resolveu a questão do local do lançamento do projectil que, com uma capacidade de previsão inverosímil, localizava na Florida. Quando, em 24 de Agosto de 1961, o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, anunciou a entrada do seu país na corrida espacial, o mundo foi informado de que o centro espacial a que então se chamava Cabo Canaveral e hoje tem o nome de Cabo Kennedy, se situava a 28° de latitude norte. Seria ali a base de lançamento dos enginhos espaciais. Na realidade entre Stone's Hill, de Brabancane e Cabo Canaveral, de von Braun, a distância é apenas de 240 quilómetros o que constitui um prodígio de antecipação.



os cavalos podem «pegar-lhe» a gripe!

A epidemia de gripe provocada pelo vírus A 2 Hong-Kong não teve efeitos excessivamente dramáticos. Nada de comparável com a epidemia de 1918-1919, que em poucos meses matou 22 milhões de pessoas, ou seja, mais do que em quatro anos a primeira Guerra Mundial, ou mesmo que a epidemia de 1957, que, embora a menos severa, fez alguns milhões de vítimas.

TEVE, todavia, um resultado: o de alertar a opinião pública: esta estava prevenida muito tempo antes de

chegar a epidemia. Ganhou-se consciência dos perigos que a epidemia comportava e o conhecimento dos meios de que se dispunha para a prevenir.

A gripe não é apenas perigosa, é também ruinosa.

Os industriais, os responsáveis pelos grandes serviços públicos, cujas fábricas ou administrações podem ser desorganizadas por uma epidemia, ficaram a saber que o custo de uma vacinação colectiva do pessoal é infinitamente menos cara que as perdas devidas ao absentismo, calculadas em números de dias de trabalho perdidos.

Numa tese de medicina, que acaba de ser defendida em Lyon, o dr. Rames revelou números que mostram a eficácia da vacinação antigripal: as vacinações feitas ao pessoal das fábricas Philips, de Eindhoven, nos Países Baixos, reduziram, durante o Inverno de 1959-1960, em 70% a percentagem das faltas devidas à gripe e ganharam para a empresa 8200 dias de trabalho. Experiências semelhantes, feitas nas filiais italianas da Philips, em Monza e Alipignano, assim como nas fábricas Fiat de Turim, em 1964-1965, deram resultados muito próximos daqueles.

MAS pode fazer-se uma objecção. Haverá a certeza de que a vacina com que vamos imunizar-nos no princípio de um Inverno contém os antigênicos gripais necessários?

Tendo em conta as frequentes variações a que estão sujeitos, não estará a vacina (sempre atrasada de um vírus), como alguns dizem? Em 1957, as vacinas preparadas contra os vírus gripais do tipo A e A 1 nada protegeram contra o vírus A 2, e a inclusão deste tipo também não teria protegido contra o A 2 Hong-Kong 68.

O caso é que a verdadeira «espionagem» serológica e clínica organizada hoje, sob a égide da O. M. S., pelo Centro Mundial da Gripe, funciona cada vez melhor. Oitenta centros nacionais distribuídos pelo Globo, coordenados por dois centros internacionais (na Inglaterra e nos Estados Unidos) vigiam constantemente a infecção. Identificam rapidamente as variantes antigénicas e os novos subtipos, o que permite pôr mais rapidamente em acção os meios de prevenção necessários.

Foi deste modo que os laboratórios americanos puderam preparar a tempo, em luta contra o relógio, milhões de doses que continham o antigénico A 2 Hong-Kong 68, e que em França os Institutos Pasteur e Mérieux puderam estar prontos a tempo também.

Graças ao Centro Mundial, um melhor conhecimento dos vírus da gripe permitirá compreender melhor a sua evolução antigénica e o mecanismo cíclico das grandes pandemias que eles provocam.

Tratar-se-á de vírus mutantes? Ou do reaparecimento de subtipos antigénicos que foram activos num passado distante e contra os quais a po-

pulação jovem e adulta não está ainda imunizada? A discussão continua.

MAS que acontece então a esses vírus? Fixam-se, ou abrigam-se numa espécie animal, ficando aí de reserva, até que se tornem outra vez patogénicos para o homem?

Esta teoria acaba de ter o apoio dos virologistas americanos Julius A. Kasel e Robert V. Fulk, do National Institut of Health, e de B. Coult, do colégio de medicina da Universidade Baylor. Demonstraram eles que o A 2 Hong-Kong 68 se assemelhava a um vírus conhecido há muito tempo por provocar gripe nos cavalos.

Para tal, insuflaram nas fossas nasais de 23 voluntários esse vírus da gripe equina, por eles isolado. No soro destes, puderam verificar pouco depois a presença de anticorpos que neutralizavam não só esse vírus mas igualmente o A 2 Hong-Kong 68.

Uma tal descoberta não tem evidentemente aplicações clínicas. Mas traz uma explicação e parece confirmar o reaparecimento cíclico da gripe pela reserva, numa espécie animal, de um vírus, que se torna de repente patogénico para o homem.

As repercussões da gripe nas actividades económicas de um país justificam, em todo o caso, os esforços para arrancar aos vírus gripais os seus últimos segredos e achar a explicação dos seus desenvolvimentos endemico-epidémicos.

POTENCIA

**do polo norte
ao polo sul...**

das vigílias dos mares glaciares as altas temperaturas das paragens solares.

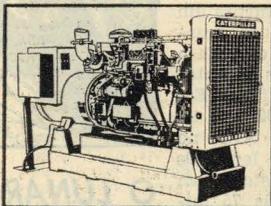
Em todas as latitudes.

PERCORRENDO AS ROTAS MARÍTIMAS OS GRUPOS ELECTROGÊNEOS CATERPILLAR SÃO POTÊNCIA DE CONFIANÇA NAS LINHAS DE NAVEGAÇÃO.

OS GRUPOS ELECTROGÊNEOS CATERPILLAR MANTÊM BAIXOS OS CUSTOS DE OPERAÇÃO:

MÍNIMOS OS TEMPOS DE PARAGEM
MÍNIMAS AS EXIGÊNCIAS DE MANUTENÇÃO

29 MODELOS DE 50 A 812 KVA



CATERPILLAR

STET

SOCIEDADE TÉCNICA DE EQUIPAMENTOS E TRACTORES, S.A.R.L.
PRIO-VELHO (SACAVÉM) BEJA PORTO COIMBRA

Caterpillar, Cat e STET são marcas de Caterpillar Tractor Co.

FRIGORÍFICOS

★ 100\$00 MENSAIS

★ SEM ENTRADA

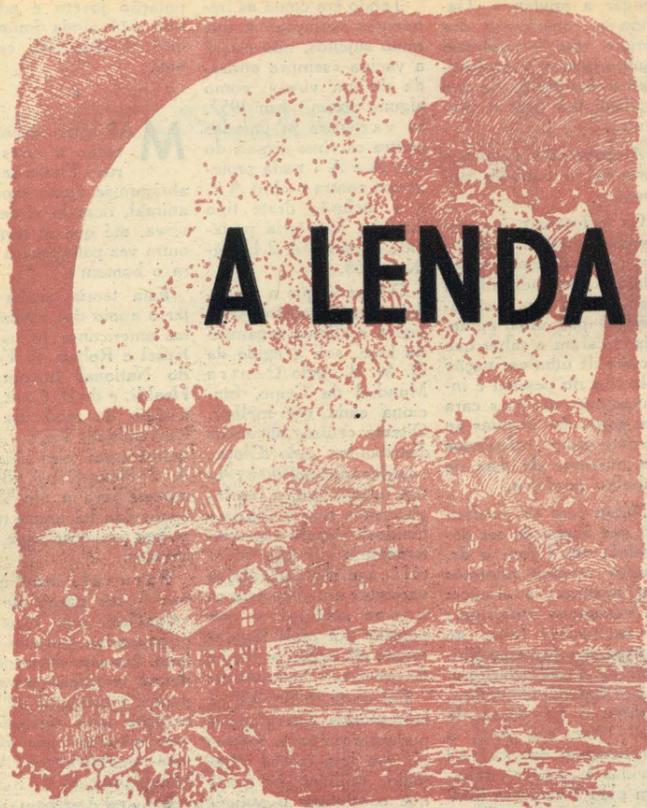
★ SEM FIADOR

A. OLIVEIRA

Av. Alm. Reis, 91-A — Lisboa
Tels. 53 83 08 - 53 83 23 - 53 08 38

o que o passado julgava saber arca da Lua

A LENDA DOS SELENITAS



A viagem à Lua, segundo Albert Robida

Quando os homens tiveram consciência de que a Lua era um outro mundo, muitos foram os que acreditaram em que esse mundo podia e devia ser habitado como o nosso. Como ter a certeza disso sem ir lá? Foi assim que nasceu a Astronáutica, que foi química, enquanto o Homem só pôde voar com as asas da imaginação.

As obras que têm sido escritas sobre os habitantes da Lua — ou Selenitas — poderiam encher muitas estantes. Teremos por isso de falar somente de algumas opiniões, encontradas ao acaso nas nossas leituras.

Os Gregos dedicaram-se a todos os géneros de especulações filosóficas sobre os habitantes da Lua. Anaxágoras julgou ver montes e vales nas manchas da superfície lunar. Não tinha qualquer dúvida sobre a habitabilidade do nosso satélite, o qual — segundo ele afirmava — era uma cópia exacta da Terra. Xenofanes era mais preciso nas suas suposições. Os Selenitas existiam, mas não por toda a parte, pois que as suas cidades seriam somente construídas nos vales mais profundos do globo lunar.

Depois, houve o vácuo científico e intelectual da Idade Média. No sé-

culo XVII ainda se falava dos Gregos, mesmo depois da invenção do óculo astronómico e da publicação dos primeiros mapas lunares de Galileu e Mellan e dos padres Scheiner e Riccioli. Este último tinha uma opinião muito particular sobre os Selenitas e exprimiu-a numa frase lapidária, inscrita precisamente no seu mapa: **Nec Homines Lunam incolunt. Nec Animae in Lunam migrante.** (Não existem homens na Lua. As almas não emigram).

Um outro astrónomo célebre, Schroeter, estudou as fendas da Lua e identificou-as como sendo canais fluviais, tendo mesmo «descoberto» a cidade portuária mais importante. Também surpreendentes são as opiniões expressas por Kepler numa obra a que ele teve o cuidado de dar o título de «Sonnum» — Sonho. Deve-se dizer que Kepler era um génio sempre embaraçado com perseguições e dificuldades materiais. Nos seus escritos alternam curiosamente as descobertas transcendentes e as divagações mais fantásticas. No livro em questão, o grande astrónomo, cujo nome está ligado para sempre às leis mais essenciais da Mecânica Celeste, descreve o mundo selenita com inúmeros detalhes. Para Ke-

pler, a evaporação seria particularmente intensa no hemisfério lunar iluminado pelo Sol, enquanto o vapor de água se condensava no lado oposto. Os habitantes da Lua viveriam em cavernas das quais a entrada se encontraria no fundo de grandes vales. A água quente seria conduzida por meio de canais até às grutas, onde se refrescaria. Neste mundo sobreaquecido tudo cresceria, finalmente, com uma rapidez enorme, e as plantas desenvolveriam-se de modo extraordinário.

Mais recentemente, outro astrónomo célebre, William Herschel, mostrou-se também partidário da existência dos Selenitas. Os romancistas não esperaram, todavia, pelas revelações dos filósofos e dos astrónomos, para efectuar «voos de reconhecimento» até à superfície da Lua. Libertos de contingências tais como as acelerações, razões de massa, velocidade do som, barreira térmica e outras coisas que tais, bombardearam a Lua com projectéis de toda a espécie e de todos os tamanhos, e fizeram pousar nela os veículos mais insólitos.

O primeiro nome grande que surge à cabeça é o de Cyrano de Bergerac, com a sua «História Cómica dos Estados e Im-

périos do Sol e da Lua». Há que lhe fazer essa justiça, pois, a despeito de mil e um contra-sensos científicos, ele foi um brilhante precursor, que propôs pela primeira vez o emprego do foguete como veículo espacial. Os seus foguetes eram, de resto, dispostos em fileiras que se acendiam sucessivamente, para que os passageiros não fossem submetidos a acelerações demasiadamente fortes, detalhe esse que Júlio Verne ignorou, alguns séculos mais tarde.

Outro partidário da existência dos Selenitas era Fontenelle. Nos seus «Discursos sobre a pluralidade dos Mundos» escreveu: «Estou firmemente convencido de que a Lua é habitada, o que não me impede de viver em muito boa harmonia com aqueles que não pensam assim». Todavia, e a despeito desta oferta de paz, Voltaire acolheu a ideia com ironia:

«Queres ter enjim fortuna tua? Pois bem! Nada mais preciso do que fazer uma viagem à Lua.»

No fim do século XIX a natureza das descrições mudou profundamente. Estava-se então em pleno desenvolvimento científico e industrial, e o Homem começava a compreender que não se podia fazer parar o progresso e que a ciência não tinha limites. Então os romancistas passaram a ser influenciados por uma confiança absoluta no futuro das técnicas e isto levou-os a extrapolações audazes, mas de uma lógica muitas vezes discutível. O canhão e o projectil lunar de Júlio Verne são um exemplo dessa tendência.

Menos conhecido do que Verne, o seu contemporâneo Alberto Robida era simultaneamente um romancista e um desenhador que se divertia a tratar os temas de antecipação científica. Escreveu em 1882 um livro, «O Século XX», no qual se podia ler: «Os sábios electricistas, com uma despesa de 75 mi-

lhões e graças ao emprego de incomensuráveis forças eléctricas em gigantescas instalações construídas no Pic du Midi, nos Pirenéus, conseguiram já em 15 dias aproximar a Lua até à distância de 675 quilómetros, ou seja um pouco mais do que a distância de Paris a Lyon. O disco do nosso satélite, enormemente ampliado, ilumina maravilhosamente as nossas noites e permite-nos aperceber a olho nu os menores detalhes da sua geografia. Ninguém pode agora duvidar de que a Lua é habitada, e fala-se em enviar até ela uma missão científica num aeróstato especialmente construído para a travessia das camadas atmosféricas.»

Para Robida, a fada Electricidade tinha necessariamente de fazer prodígios. Quanto a essa Lua que, a 675 quilómetros de altitude, devia iluminar maravilhosamente as nossas noites, em 1960 por certo era dotada de ubiquidade, pois que de outro modo

não se compreende como a palavra «astronáutica» poderia ela receber, neste permite-nos dizer, de bre o hemisfério mergulhado na noite, a luz do Sol escondido no globo terrestre! Terminaremos este breve evocação citando mais velho dos irmãos Rosny, ao qual devemos



O LUNAR:
— Agora, sim!... Vamos evoluir com os produtos da civilização terrestre!
Não tardará aí a política, a guerra e a fome...

Desenho de Fernando Neves



OS ADORADORES DO DIABO

por RAYMOND LOIR

conta em quatro escritos, não difere grandemente das doutrinas sunitas e sufitas que tinham curso na época. Declarava, em substância, que Satã e o mal eram criações ou criaturas de Deus e que um e outro existiam pela vontade e com a aprovação total do Ser supremo, sem o que não existiriam. O santo homem fundou uma confraria com o seu nome: Adawiya. A seita irradiou por todo o Próximo Oriente e até ao Egipto. Por morte do xeque Adi, a comunidade achou-se dividida em dois grupos rivais: um que compreendia os elementos fiéis à fé muçulmana, o outro que agrupava os zeladores desorientados por uma veneração excessiva de Adi. Estes últimos acabaram por vencer e chegaram ao culto do diabo. Adi e os seus discípulos tornaram-se «anjos encarnados».

Os Yezidis possuem dois livros sagrados: Kitab el Jahuah («O Livro da Revelação») atribuído ao próprio Adi, datando pois do século XII, e Kitab el Assuad («O Livro Negro»); este último livro teria sido revelado por Deus na montanha negra. Kitab el Jahuah está centrado no xeque Adi. O Kibat el Assuad é um conjunto heteróclito de lendas e mandamentos diversos. Dataria do século XIII.

Satã é Melek Tazul

O panteão yezidi compreende sete divindades ou anjos que Deus criou durante os sete dias que durou a criação. Para os Yezidis, Deus é simplesmente um criador. Não governa o mundo. Deixa esse cuidado aos seus sete anjos. Cada um deles reina por um período de dez mil anos. Melek Tazul (o deus pavão ou demónio), criado no domingo, é o senhor dos anjos.

Não se trata do diabo dos

cristãos e dos muçulmanos. Para os Yezidis, Satã foi realmente expulso dos céus, mas por uma razão particular: recusara-se a prostrar-se diante de Adão, pois não reconhecia outra divindade que a Deus. Foi em seguida reabilitado e Deus fez dele seu colaborador. Os Yezidis não creem no Inferno.

O Yezidi afirma que Melek Tazul é o senhor da Terra. Prosperidade, saúde, catástrofes, estão nas suas mãos. Quem o adorar, atraí os seus favores; quem o desdenhar, amargamente lamentará. E a ele que são dedicados todos os cultos e cerimónias. E a razão é esta: os Yezidis estão seguros da miséria da vida de Deus, que só pode querer o bem da sua criatura e é incapaz de lhe fazer o menor mal. Basta crer n'Ele para estar certo de atingir a vida eterna. No que se refere a Melek Tazul, as coisas são diferentes. O bem-estar terreno é da sua competência: é preciso aliciá-lo continuamente para não provocar as suas represálias. Na verdade, este culto de Satã não assenta no amor de Satã, mas no temor e no medo. As cerimónias parecem destinadas a conjurar a má sorte. Trata-se de um culto propiciatório.

A maneira de os Yezidis adorem o diabo é muito curiosa. E-lhes proibido pronunciar o seu nome (Chaitan) ou qualquer outra palavra que se assemelhe. Melek Tazul não é mais que um eufemismo e o culto é prestado a um símbolo, o Sandjak. Trata-se de uma figurinha que representa um pavão estilizado. A ave possui um largo tórax proeminente e uma cauda toda aberta. Os Sandjak originais são em número de sete. Presidem na casa do xeque dos Yezidi.

Ele fala-nos dos membros da seita, partindo dos seus trajos. E diz-nos: «O vestuário difere conforme a categoria do Yezidi. De uma maneira geral, o Yezidi usa por cima de umas calças largas uma comprida camisa branca, com uma larga abertura no peito, em forma de trapézio. Alguns enfiam igualmente uma túnica apertada na cintura por um cinto de cor chamada «desman». Usam em geral altos gorros de feltro branco ou preto. O branco, o preto e o vermelho são cores rituais. Todo o guarda-roupa de santuário arvora nas costas do manto um triângulo vermelho invertido. A hierarquia sacerdotal compreende, em primeiro

dia e noite diante deles. A tradição quer que o xeque Adi não tenha tido pai nem mãe. Aos olhos dos seus adeptos, é o maior de todos os profetas. E o enviado de Melek Tazul para ensinar e prevenir aqueles que se perdem. Desempenha-se da sua missão à maneira de um santo-espírito que reside na alma dos «Kechaks», os profetas ou missionários da seita.

O seu túmulo encontra-se no Djebel Sindjar, no Iraque. Todos os anos, milhares de Yezidis dirigem-se ali em peregrinação, entre o dia 15 e o dia 20 de Setembro. O mausoléu do xeque Adi ergue-se numa moldura de grande beleza. Contrasta com o facto de ser consagrado ao príncipe das trevas. Está construído entre verdura. Ao redor do túmulo do santo há santuários, pirâmides brancas em forma de cone invertido, com bolas douradas em cima. São túmulos de Yezidis ricos que puderam oferecer-se em último refúgio não longe do túmulo do xeque Adi.

Todos os anos, os peregrinos dão tiros de espingarda em volta do mausoléu, entregando-se depois a danças ao som do tamborim e da flauta.

Adi conta-nos...

O nosso comerciante de Aleppo, a quem convidámos a partilhar do nosso almoço no Sebil, um imenso jardim que domina a cidadela, acabou por nos falar da sua seita. Fê-lo com uma certa reserva. Mas o meu companheiro de viagem, que o conhece de longa data, prometeu-lhe que não seria indiscreto e que sou amigo dos Yezidis.

Ele fala-nos dos membros da seita, partindo dos seus trajos. E diz-nos: «O vestuário difere conforme a categoria do Yezidi. De uma maneira geral, o Yezidi usa por cima de umas calças largas uma comprida camisa branca, com uma larga abertura no peito, em forma de trapézio. Alguns enfiam igualmente uma túnica apertada na cintura por um cinto de cor chamada «desman». Usam em geral altos gorros de feltro branco ou preto. O branco, o preto e o vermelho são cores rituais. Todo o guarda-roupa de santuário arvora nas costas do manto um triângulo vermelho invertido. A hierarquia sacerdotal compreende, em primeiro

(Continua na pág. 10)



OS ADORADORES DO DIABO

(Continuação da pág. 9)

lugar, o emir, suposto ser descendente de Yezi. O xeque é considerado como um decano. O Pirs é quase um xeque. O missionário chama-se Kawal. Está encarregado de pregar a boa nova. Finalmente, o Kechak e o Fauri, um que profetiza, e outro que tem direito à mendicância.

Foi tudo quanto pudemos tirar do nosso Yezidi de Alepo. Mas antes de nos deixar, ele assegurou-nos que tem muito respeito pelos muçulmanos (os nossos filhos são todos circuncidados, afirma) e pelos cristãos (todos os nossos recém-casados, assegura, visitam as igrejas logo depois do casamento), e que seguem os judeus na sua maneira de se alimentarem. Adi promete fazer-nos participar, no nosso regresso a Alepo, numa cerimónia religiosa yezidi. Mas nós bem sabemos o que significa uma promessa no Oriente, sobretudo quando é seguida do problemático «inch Allah» (se Alá quiser).

JUROS = 6 a 10%

Rendimento = Apartamentos

Andares = Actualização

Moradias = Conforto

Dinheiro bem aplicado

J. PIMENTA, S. A. R. L.



A EMPRESA QUE:

- LANÇOU A PROPRIEDADE HORIZONTAL
- INDUSTRIALIZOU O APARTAMENTO MOBILADO
- A TAL DO MELHOR, MAIS CERTO E MAIS GARANTIDO RENDIMENTO

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS, garantidos por escritura pública, durante 6 e até 18 anos

Administrando directamente, pode obter um rendimento mensal de 1437\$50 (superior a 9%)

Locais das nossas propriedades: AMADORA * REBOLEIRA * VENDA NOVA * PAÇO D'ARCOS * ESPARGAL * PAREDE CASCAIS E LISBOA

BREVEMENTE — QUELUZ

Colha informações directas nos estaleiros de obras e nos nossos escritórios em:

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Tel. 45843-47843

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

O HORÓSCOPO DA SEMANA

DE 25 A 31 DE JULHO

A conjunção de Urano e Júpiter num signo de equilíbrio, como é o da Balança, marca a possibilidade de um processo de evolução para todas as actividades humanas. É uma contribuição valiosa para as reformas sociais e políticas, preciosa para as descobertas científicas, problemas de investigação, etc. Dá grande capacidade de trabalho e firmeza de acção adequada. Afronta os obstáculos com indiferença, prosseguindo sem cessar os objectivos com a consciência do valor dos seus esforços. É uma configuração excepcional para os pioneiros.

CARNEIRO

De 21 de Março a 20 de Abril



O período é favorável às iniciativas construtivas de longo alcance, a uma melhoria de situação em que tenha de contactar com pessoas influentes nas altas esferas políticas. Tendência irresistível para gozar os prazeres frívolos da vida; ânsia de mudar de horizontes. Procura novas sensações, uma autopropriedade de trabalho e firmeza de acção adequada. Afronta os obstáculos com indiferença, prosseguindo sem cessar os objectivos com a consciência do valor dos seus esforços. É uma configuração excepcional para os pioneiros.

TOURO

De 21 de Abril a 21 de Maio



Os mitos representam sempre uma interrogação humana perante os problemas da vida e da morte. O sentido oculto que se procura desvendar é às vezes uma dura experiência. Nos espíritos mediocres, os instintos governados por Vénus neste signo tomam proporções inquietantes, têm dificuldade em dominar as paixões eróticas, especialmente no sexo masculino. O sexo feminino corre o risco de ser seduzido e abandonado. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

GÊMEOS

De 22 de Maio a 21 de Junho



De entre os indivíduos dominados por este ascendente, só aqueles que conseguem dar uma direcção ao seu dinamismo atingem uma actividade produtiva, por serem solicitados em campos de acção os mais variados. Gostando de viajar e de mudar constantemente de ambiente, dá-se o fenómeno estranho de se ligar pelo coração a pessoas com tendências de estabilidade, como se necessitassem de um freio para as segurar. Vénus no signo fá-los impressionáveis e facilmente conquistáveis na vida sentimental. Dias favoráveis: 25, 27, 28, 30 e 31.

CARANGUEJO

De 22 de Junho a 23 de Julho



A Lua nos signos opostos acima do horizonte inclina à meditação. A imaginação é transbordante de sonho, poesia, contemplação, encantamento para idealizar fora das realidades da vida quotidiana. Para o sexo feminino de índole sensível, afectiva, a posição é desfavorável, susceptível de provocar graves conflitos sociais pelas oscilações de insatisfação conjugal; infidelidade, separação, divórcio, etc. Dificuldades com subordinados, associados e calúnias profissionais. A saúde também deixa muito a desejar. Dias péssimos: 26 e 29.

LEAO

De 24 de Julho a 23 de Agosto



A oposição dos luminares Sol e Lua dá-lhe uma autopropriedade em todos os sectores da vida, que se concretiza por maior actividade e autonomia da personalidade. Esta oposição na Casa VII comanda todo o magnetismo da máquina sentimental humana. Contudo, necessita de distinguir o racional do fictício, as amizades verdadeiras das que são motivadas por interesses. Há grandes contrastes entre acção e sentimento, entre personalidade e individualidade. As pessoas lutam consigo mesmas; a natureza é caprichosa e indecisa, indisciplinada nos projectos e objectivos. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

VIRGEM

De 24 de Agosto a 23 de Setembro



Os indivíduos com o ascendente neste signo são fortemente introspectivos, de uma clarividência assombrosa, submetidos na Casa XII a Mercúrio dominante que confere uma agilidade intelectual brilhante pela incidência no signo do Leão. Maturidade espiritual demonstrativa correspondente à cultura que lhe permite exercer o comando e dirigir grandes empreendimentos industriais. Grandes possibilidades de êxito material e capacidade mental. A vida afectiva sugere mudança. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

BALANÇA

De 24 de Setembro a 23 de Outubro



A entrada de Urano novamente no signo da Balança torna os nativos bastante vulneráveis ao ceticismo. O espírito será agressivo, sarcástico, implacável, expeditivo de mau humor. A demasiada confiança nas qualidades mentais ou intelectuais pode causar múltiplos erros de apreciação. O raciocínio é obstinado, inclina-se para a revolta. Os impulsos são irascíveis, negativos e põem um obstáculo às aspirações sociais. Tem de usar de mais ponderação e disciplina mental. Dias favoráveis: 25, 27, 28, 30 e 31.

ESCORPIAO

De 24 de Outubro a 22 de Novembro



Marte dominante na Casa II revela que as lutas pela existência estão sujeitas a grandes oscilações e que procura abrir caminho custe o que custar. Os impulsos são rápidos, por vezes temerários e correm graves riscos de dissensão de terceiros. É início de uma ambição exorbitante, desejo de possuir bens, opulência que dê nas vistas. É possível que se perca em miragens fabulosas e não distinga a realidade da ilusão. Dias desfavoráveis: 26, 29 e 31.

SAGITARIO

De 23 de Novembro a 21 de Dezembro



A fogueira viril dos nativos e a sua exuberância amorosa precisam sempre de espaço vital; não se deixam aprisionar pelo lar familiar, apesar de a família ser o centro da sua existência. O gosto da conquista, da sua liberdade e independência não suporta limitações, mas Júpiter dominante na Casa XI é o símbolo da dignidade moral, da justiça e da ordem, o seu influxo é magnânimo, mas não pode cometer infrações às leis estabelecidas. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

CAPRICORNIO

De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro



A configuração do orbe lunar indica grandes flutuações nas finanças. Contudo, há probabilidade de mudança de situação concernente a processo de herança, conclusão favorável de litígios judiciais. A posição do Sol na Casa VIII indica falecimento masculino para os que têm o ascendente neste signo. No sentido afectivo, as aspirações são abstractas. Há certa obnubilção dos sentimentos amorosos, uma tendência para a dissimulação da verdadeira personalidade. Dias desfavoráveis: 26 e 29.

AQUARIO

De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



Urano, que governa este signo, leva sete anos em cada casa do zodíaco. A evolução dos indivíduos realiza-se por vagas sucessivas e decisivas na mudança de direcção; a sua revolução é de 84 anos, tempo que leva a percorrer o zodíaco. Os nativos deste signo têm caracteres bem definidos e, se o planeta é dominante no ascendente, forma os grandes revolucionários, os idealistas de utopias e extravagâncias. Estamos exactamente no limiar da Era do Aquário, dos projectos que pareciam irrealizáveis há oitenta anos e que o orgulho de casta da nova raça conseguiu impor. É curioso ver a coincidência da chegada à Lua, com a conjugação de Urano-Júpiter. Dias favoráveis: 25, 27, 28 e 31.

PEIXES

De 20 de Fevereiro a 20 de Março



A sensibilidade dos nativos deste signo vai até à sugestão do contágio das doenças, espécie de vampirismo nervoso larvado de psiquismo desequilibrado. Não é raro ver os que procuram uma fuga aos problemas da vida deixarem-se intoxicar pelas drogas ou cair no alcoolismo desastroso. O meio em que viveu tem grande influência na sua maneira de ser. A configuração da Casa VII é contra o casamento ou associação. Os projectos são, por agora, irrealizáveis. Dias melhores: 25 e 28.

MÁXIMO GORKI



O EMBLEMA

vento outonal sacode os arbustos desnudos, os ramos deles vergam-se sem ruído, embora, cobertos de uma poeira cor de ferrugem, pareçam de ferro e devessem ranger ao baloiçar-se. Um nevoeiro de chumbo envolve e oculta tudo à roda da estaçãozinha perdida na estepe; perto do depósito da água, quase invisível, uma locomotiva arqueira e gême de fadiga; sob as marteladas, os aros das rodas ressoam; a sombria tristeza do Outono ensurdece todos os sons. Por sobre a minha cabeça, o braço chato do semáforo pende como um fantasma. Um bode hético e molhado — um fantasma também —, de pé no meio de umas moitas, olha com ar de tédio os cinco empregados da estação que tentam fazer passar pela porta do vagão um longo e pesado caixote.

Um velhinho enfiado num impermeável dirige o carregamento. A cara dele, rosada, de compridos bigodes, treme de frio sob o capuz; aquele bigode e o seu nariz de abutre lembram muito o retrato de um dos homens da Ucrânia.

— Que estão a carregar?

— O Emblema.

Levando a mão ao capuz, o velhinho responde numa voz fortíssima para a idade e alegre para este tempo outonico.

— O Emblema — explica ele — é uma estátua de mão-de-obra italiana, de pedra-mármore; representa o ídolo da Justiça: uma mulher de espada na mão; a outra mão segurava uma balança, mas um tiro cortou-lha, por virtude de um mal-entendido. Nos tempos antigos, os Romanos veneravam nesta mulher uma deusa, e chamavam-lhe Emblema.

A palavra agradava manifestamente ao velhinho, que a repete com prazer, saboreando-a.

Carregado o caixote, o velhinho instalou-se, à

espera do comboio de passageiros, na sala suja da estação, e, enquanto fumava o seu cachimbo alemão de porcelana, complacentemente contou-me:

— Foi o avô do actual proprietário que o trouxe do estrangeiro. Havia pelo menos cem anos que ornamentava o jardim em frente da casa. É um objecto mesmo magnífico, feito no mais belo material; no Inverno até o envolviam em feltro e punham-no numa caixa de madeira. Ainda ali estaria por tempo sem fim, se não fosse o sr. Bachkirov. Já ouviu falar dele?

— O conhecidíssimo industrial?

— Perfeitamente, esse mesmo. Há quatro anos, para repouso da alma e também por se estar a fazer velho, comprou a propriedade dos meus avós e meteu-se-lhe na cabeça que o Emblema o ameaçava. A ideia dele tinha um certo sentido, porque a estátua era de um trabalho tão perfeito, que nas noites sem lua parecia animar-se e até mover-se no ar, apesar de ser de pedra. Além disso, com o peso, o pedestal tinha descaído, o que dava à estátua uma certa inclinação, como se ela fosse saltar lá de cima.

«O sr. Bachkirov começou logo a detestá-la e a queixar-se. «Causa-me insónias», dizia ele. «À noite, olho pela janela, e ela ergue-se no ar como uma irmã da caridade, ou o diabo sabe o quê. E que significa a balança na mão dela? Venderia ela alguma coisa?» O sr. Bachkirov, apesar de toda a sua riqueza, era um homem pouco instruído, e, de certo modo, um selvagem mesmo. Evidentemente, eu expliquei-lhe que era o ídolo romano da Justiça; mais tarde, informou-se do seu significado junto do padre e de algumas pessoas da cidade, mas, depois disso, ainda mais detestou o

Emblema e deu em ameaçá-lo mesmo com a bengala; quando passeava no parque, aproximava-se dele e ameaçava-o... Um dia cuidou vê-lo trepar-lhe à janela do quarto, e então atirou-lhe com o revólver, tão certo que lhe cortou a mão e furou o ventre...

«Dizia-me ele: «Prokóvski, o lugar desta im-

também não era ocupação que me quadrasse. É preciso ter, para educar crianças, uma inclinação inata e severidade; ora eu sou de carácter manso, incapaz de corrigir os defeitos infantis. E, além disso, desagradam-me as travessuras das crianças; acho-as absurdas. Quando os adultos fazem tolices, vê-se imediatamente por

mo é costume dizer-se, com a sua história.»

Enquanto tirava com cuidado a cinza do cachimbo com a ajuda de uma espécie de colherinha, o velhinho explicou:

— Evidentemente, uma história que se conta nem sempre corresponde à verdade; contudo, dela andará próxima. Acerca do sr. Bachkirov corria o

não gostava de estar com ele. Havia vinte e três anos que eu era jardineiro, tratava de flores, tinha outros gostos. No entanto, ele apreciava as flores; admirava-as de longe; de pé, olhava-as, mordiscando a barba; tinha uma barba magnífica. Mirava as flores, ameaçava o Emblema com a bengala e recolhia-se à sombra do caramanchão, para beber limonada com conhaque. Sim, apreciava as flores; «Prokóvski», dizia-me ele, «planta mais umas azuis.» Declarava-me que ia aumentar-me o ordenado, mas logo objectava à sua própria declaração: «Para que precisas tu de dinheiro? És sózinho. Eu também sou sózinho. Nestes casos o dinheiro não serve para nada. Não se podem comprar cinco copeques de amizade.»

Uma campanha souu: era o sinal de estar a chegar o comboio de passageiros.

— Morreu?

— Morreu. De repente. Não se tratava; só o que fazia era beber conhaque na companhia do doutor.

— E para onde vai a estátua?

Tirando qualquer coisa de uma algibeira das calças, Prokóvski respondeu-me:

— Para o asilo de malucos.

Sem dúvida notou a minha admiração, e explicou-me com paciência:

— O sr. Bachkirov doou-a ao doutor, para distracção dos doentes doidos. O doutor quer colocar o Emblema no parque; o asilo tem um parque muito bonito.

Balouçando o corpo num andar grave de pavão, o jardineiro Prokóvski dirigiu-se para o caixote, não sem antes me haver dito amavelmente:

— Boa sorte!

(Do livro «Tempos Passados», publicado por Editora Arcádia)



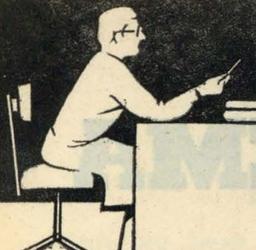
CALVET DE MAGALHÃES

becil não é aqui; é no cemitério.» Estimava-me muito e gostava de me interrogar acerca da minha vida. É que, não sei se sabe, eu sou filho de um diácono, mas não me atraiu a vida eclesiástica e fiz-me preceptor. Depressa verifiquei que

que as fazem, ao passo que com as crianças... Conservei-me mesmo toda a vida solteiro...

«Voltando ao sr. Bachkirov, era extravagante por natureza. Eu não gostava dele. Embora respeitado, era uma personagem equívoca e, co-

rumor de que tivera toda a casta de aventuras com mulheres, no género cruel, e até com a intervenção do tribunal... De um modo geral, era um homem sórdido e de espírito suspeito. E, bem entendido, bebia, em detrimento da saúde. Eu



**do médico
para toda a gente**

pele **DR. RAMIRO DA FONSECA**

O CANCRO

NO MUNDO E EM PORTUGAL

Pelas últimas estatísticas de mortalidade que a O. M. S. publicou, verificam-se dois factos importantes em relação ao cancro: que o assustador aumento verificado nos últimos trinta anos estacionou; que a mortalidade maior continua a pertencer aos países de grande desenvolvimento industrial.

A estabilização da mortalidade nos anos a que a estatística se refere não significa estabilização na incidência. O que significa realmente é uma maior eficácia no tratamento, e por consequência um alongamento da sobrevivência.

De um modo geral, os países menos vitimados são as Repúblicas da América Central e os países referenciados da Ásia, com excepção do Uruguai, Israel e do Japão (respectivamente com 161, 110 e 116 por 100 000 habitantes), cabendo à Jordânia o índice mais baixo (11 por 100 000), seguida da República Dominicana (16).

Os índices mais elevados encontram-se na Europa. São excepcionalmente elevados os que correspondem a Berlim Ocidental (349,9-368,9-359,2 por 100 000 habitantes em 1965, 1966 e 1967). Vem em seguida a Áustria (261,6 — 261,3 — 262,3) e mais

meia dúzia de países com índices médios compreendidos entre 200 e 235 (Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, França, Finlândia).

Fora da Europa os índices mais elevados pertencem aos Estados Unidos (153,5 — 155,1 em 1965 e 1966), ao Uruguai (181,1 — 183,2 — 187,3), ao Canadá (133,1 — 134,1 — 137,3), Nova Zelândia e Austrália.

Portugal, neste sector da sua mortalidade, alinha na Europa com os países medianamente atingidos (Grécia, Malta, Jugoslávia) e fora da Europa com o Chile, Cuba, Israel, Japão.

Em Portugal morreram de cancro, em 1965, 1966 e 1967, respectivamente 9890, 10 598 e 10 505 pessoas, o que dá, para aqueles anos, os índices (por 100 000 habitantes) 107,1 — 113,5 — 111,6.

Esta mortalidade por cancro é mais de duas vezes superior à mortalidade por doenças infecciosas, aproximadamente cinco vezes superior à mortalidade por tuberculose pulmonar, aproximadamente igual à mortalidade por doença das coronárias (enfarte do miocárdio).

Quer dizer que estamos a pagar o nosso tributozinho

à civilização, embora «na medida das nossas posses».

Seria admirável, contudo, que pudéssemos fazer batota, que, auferindo mais vastos benefícios da civilização, pagássemos um tributo menor.

Os factores mais correntemente incriminados como causa do cancro são produtos da civilização: a poluição da atmosfera, os aditivos alimentares, certos produtos que entram na preparação de cosméticos, o abuso do tabaco e do álcool, certas indústrias comprovadamente cancerígenas, as radiações ionizantes, etc.

Ora, «se nenhum destes factores é totalmente evitável para a generalidade das populações, a verdade é que muito se pode fazer no sentido de diminuir a sua intensidade. Por exemplo: pode diminuir-se a poluição da atmosfera por medidas apropriadas; podem evitar-se em grande medida os aditivos alimentares suspeitos; pode combater-se o alcoolismo e o tabagismo; nas indústrias cancerígenas podem proteger-se os operários ainda que compulsivamente; etc.

Parece indiscutível que o cancro das vias respiratórias, em especial dos brônquios, tem aumentado de



O SEU FILHO PRECISA DE IR AO MÉDICO COM CERTA REGULARIDADE

OS PRIMEIROS MESES DE VIDA DO SEU FILHO SÃO OS MAIS DIFÍCEIS DE VENCER.

NÃO É SÓ QUANDO ELE ESTÁ DOENTE QUE O DEVE LEVAR AO MÉDICO...

Margem para prender as folhas depois de recortadas



... É MAIS IMPORTANTE EVITAR A DOENÇA.

Na área onde mora, mais perto ou mais longe, há sempre um médico que a pode orientar: o médico local, o médico do Dispensário Materno-Infantil, do Hospital, da Casa do Povo, da Casa dos Pescadores ou do Posto Médico da Caixa de Previdência

freqüência de um modo assustador, e que nesse aumento importa muito mais o abuso do tabaco do que a poluição da atmosfera. Porque não se tomam determinadas medidas tendentes a minorar a agressividade do fumo do tabaco? Não se trata, muitas vezes, de medidas drásticas ou lesivas dos interesses de quem vive da maligna indústria do tabaco. Podem tomar-se medidas relativamente simples que, salvaguardando o interesse geral, o interesse do público, não lesam os interesses particulares.

Direi algo sobre estas medidas.

SE TEM VARIZES

Durma sempre com as pernas num plano mais elevado que o tronco. Para isso ponha a cama em declive dos pés para a cabeça; ou coloque almofadas debaixo do colchão, aos pés.

Ao levantar da cama, ao deitar, e ao longo do dia, sempre que lhe for possível, faça alguns exercícios de expressão das pernas, do modo que vou dizer. Na cama? deitado de costas encolha a perna direita até poder aplicar a palma da mão direita e a face palmar dos dedos ao rebordo externo do pé, e a mesma superfície da mão esquerda ao rebordo interno. Faça uma expressão firme, apertando o pé entre as palmas das mãos e os dedos, e continuando a apertar suavemente, mas com firmeza, vá estendendo a perna e encolhendo os braços; deixe que as mãos escorreguem ao longo do artelho, da per-

na e até meio da coxa, comprimindo as massas musculares, espremendo-as no sentido da deslocação das mãos, isto é, dos pés para a coxa. Repita o exercício na outra perna. Repita-o alternadamente nas duas pernas umas 8 ou 10 vezes.

Faça este exercício algumas vezes mais durante o dia, o que para as senhoras será fácil, pois bastará tirar os sapatos e as meias.

Durante o dia, em casa, no seu emprego, e sempre que as conveniências (sejam quais forem) o não impeçam, tire os sapatos, sente-se reclinado numa cadeira e apoie os pés na parede, lado a lado, à altura do estômago. Regule a distância da cadeira à parede de modo que os pés «repousem» nesta sem esforço. Esteja assim todo o tempo que puder. Leia assim o jornal.

Refresque-se com a moderna cerveja suíça

Ex!

sem álcool



Nos bons estabelecimentos e restaurantes. Distribuição **diese**

« O BECO »

RESTAURANTE TÍPICO

Pratos regionais e especialidades com serviço esmerado e música num ambiente calmo

TODOS OS DIAS VEADO NA BRASA
Largo da Misericórdia, 24 — SETÚBAL

Secção de Charadas, Palavras Cruzadas e Passatempos a cargo de «Zun-cronitano». Correspondência para: **Antonino F. Pereira da Cruz, Trav. Conde da Ribeira, 18, r/c.-B, LISBOA-3 (telef. 63 34 15) ou para a redacção d'«A Capital», Rua do Século, 34-2.º, LISBOA**

Bibliografia adoptada—Dicionários: Porto Editora (5.º ed.), Lello Popular (1964), Cândido de Figueiredo (10.º ed. reduzida), Francisco Torrinha (1965), Sinónimos da Tertúlia Edípica (2.º ed.), Verbos Portugueses Conjugados (3.º ed.) de Rodrigo de Sá Nogueira, Colectânea de Nomes Próprios de Antonino Fernandes Pereira da Cruz. **Para Passatempos e Cruzadismo**, mais os seguintes: Dicionário Prático Ilustrado de Jaime de Séguier (1964) e Corográfico de A. Sampaio de Andrade (1944).

Prazos para recepção de listas: Charadismo — 3 meses; Cruzadismo — 20 dias.

25-7-1969 ★ NÚMERO 28

CHARADISMO E CRUZADISMO

O GIGANTE N.º 29 (N.º 4 DO 6.º TORNEIO MENSAL)

HORIZONTAIS: 1—Quem quiser vencer tudo, deve saber fazer isto; Um final aferado; Este, é muito melhor do que o ódio; Era criarem, se não tivesse sofrido uma síncope. 2—É mesmo amedronte; Como fica a que está unida ao macho? 3—É dinheiro, sim senhor; Na Rosa-dos-Ventos, há quatro como este; Em lamentação não ia. 4—Pinta a parede de certa maneira, mas sem carbono; Escreva uma interjeição; Seria suaviza, se não tivesse perdido um z; Fica perto de Aveiro, pois fica; Toma, mas sem interjeição. 5—Uma que normalmente é ordinária; Imitara, sem qualquer dúvida; Nesse lugar com nota. 6—Deve dar-se a este, o que lhe pertence; O cloro envolveu a senhora. 7—É mais do que uma intrujice; A ferra, sofreu uma epênese e salta; Escreva agora enfeitar sem coração; O fugitivo não tem pena. 8—Frustru sem entrada; É prima de um porco; Na quantidade, não vejo azoto; O cura ficou sem pé; Este é muito usado nas aulas e pelos alfaia-tes. 9—O homem abandonou a prima depois de a ter em seu poder; Fecha, mas só depois de entrar o réu; É ave muito conhecida, e apreciada com outro nome; Aqui, pasma sem estanho. 10—Necessita de cem para ser amigável; Agora, fuge mesmo; Pede com um perdido; Pasmar sem caminhar, fica certo. 11—É mulher que, com uma pedra ficará a cantar moderno com muitas admiradoras; Escreva aqui aspecto sem cabeça; Atura sem o frade. 12—É mesmo um vaso mas, normalmente grande e para líquidos; Deve fazê-lo para dar o seu parecer. 13—Orgia sem princípio; Para o casamento falta a prima; Contrariará sem ela ir à frente; É só meia disciplina liceal. 14—Adoro, precisamente; Uma que veio da Grécia; Até parece um ovo; Um cargo que expulsou o réu; Escreva aqui uma interjeição. 15—É ócio, sim senhor; Arruino com a falta de ar; É exactamente rezou; Nestas se escondem os coelhos. 16—Acabem sem cabeça; Aqui, é mesmo concordar. 17—Não há aqui no quarto; Acompanha, sim senhor; Agora, dá preferência. 18—Cortaram a cabeça ao animal; Uma pedra muito conhecida e de grande utilidade; O desconfiado prendeu cem; Rua sem mais; Ela está antes dos réus. 19—São mesmo estípidos; É instrumento musical também conhecido por xilarmonico; Aqui o mesmo que ocultar. 20—Se escrever alopecura, acerta; E agora, suavizara. 21—São ralas, pois são; E aqui, miséria; Mas que grande velocidade; Este quando se parte faz muita falta para se comer.

VERTICAIS: 1—Estas são mesmo boas colegas; É mesmo prejudicar. 2—A falta de forças, ficou sem estanho; Rezam, pois claro; Uma ilha conhecida, sem fim; Vende coisas usadas, sim senhor. 3—É mesmo fú-nebre; Isto, cantiga ou patranha, dizem o mesmo; Sai da noqueira, sim senhor; Amon-loar sem infra. 4—Começa aqui a amabilidade; Um que repete quanto se diz em voz alta; Ela está por baixo do elemento; A tal mulher que é pernalta; Os soldados não têm princípios. 5—Um pacote com um certo feitiço; Aquilo de que os cábula não gostam mesmo nada; Esta está mesmo alegre; Gastes, pois claro. 6—As portas de Lisboa; O cair nunca mais chega ao fim. 7—A mulher fi-

cou sem ela; É mesmo subtileza; É interjeição exclamativa, pois é; Alegra-se, não basta. 8—Dou lugar, com perfeição; Comecei, mas não acabei... eu mesmo; Foge exactamente; Esta governa, sem dúvida alguma; É mesmo raiva. 9—Nada está por baixo do quadro; Brilhara com uma síncope; São mesmo repetições; Sobem, com alêrese. 10—Ela está acima da nossa juventude; Com um par, ficaria arrumada; Recorde sem fim; Falo, exactamente. 11—Atiça, sim senhor; São simples sem manuscrito; É uma mentira, mesmo à inglesa. 12—Escreva aí uma interjeição; A nora não tem entrada; Um que ninguém gosta de ter; Com mil, seria macaco mas com um réu cheiraria mal. 13—É mesmo matar; Veja se sabe este nome do Joelho; Se lhe introduzirmos mil, ficará único; É um sujeito qualquer, pois é. 14—Não contém mesmo nada; Cheira mal, pois cheira; Este é europeu, mas do Norte; Colocarás sem post-scriptum; O assunto não tem cabeça. 15—Exactamente; um crivo; Há quem chame isto ao dinheiro; Acusei, sim senhor; No jogo do «bluff», quem tem quatro destes, está de parabéns. 16—Com cinquenta em cima, seria estudavam; São mesmo muitos. 17—É uma grande festa, isso é; Há plantas e pessoas que o são; Costuma designar-se assim a pessoa manhosa e sabida; Para ser patamar, aplique-lhe o fósforo em prótese. 18—É precisamente um pronome pessoal; Ela não está na aurora; Se sabe o que é sarna, escreva aqui; É um boi muito conhecido dos cruzadistas; Não vi na oca. 19—Este caminho muito conhecido, não é o principal; É um rico repasto; É exactamente possuir; Come com cinquenta. 20—O professor, ensina e... isso mesmo; Tanto é sorte, como impõe; Pode ser tristeza, pois pode; Atraçoara em síncope. 21—É tal e qual sacrificara; O que se costuma fazer no Carnaval?

DECIFRAÇÕES DO N.º 24

Capela, Maremoto, Animar, Aparelhara, Velocidade. No, Amar, Omitir, Peco, Em, Acaas, Ares, Anel, Lida, Ira, Dama, Anis, Do, Aiai, Oder, Alais, Amadurecer, Praça, Impias, Ca, Le, Arrasa, Ap, Ors, Comovera, Aos, Rm, Usa, Esta, Aros, Bril, Rea, Remo, Iate, Ao, Sama, Puir, I, Ovem, Ero, Vir, Rara, E, C, Reli, Res, Anu, Iman, M, Ucas, Lavo, Ar, Anoa, Zopo, Las, Haia, Amor, Alma, Sat, Al, Cor, Sanarias, Ode, Po, Alijar, Ga, Cl, Asaria, Amame, Apelidavam, Sirva, Dira, Alem, Ro, Aspa, Lies, Ida, Idas, Trio, Aoto, Ara, Ra, Adir, Voasse, Luva, Ir, Adereçavam, Samaritano, Setima, Alertara, Alaras.

DECIFRADORES DO N.º 24

Totalistas: Aarão, Aarão Júnior, Aarão Minor, Agá-Pé, Agnus Matutus, Agosmargon, Aidil, Alcool, Aldimas, Alentejano, Amascar, Amilcar, Amoniac, Anicolina, Anilos, Antero, Apersan, Apulax, Aramal, Ari, Arso, As...de Copos, Atomo, Aurama, Auratur, Azali, Baby, Bago, Baldrusa, Bazas, Bé-Bé, Beirão, Berto, Biscos, Botina, Camotos, Candy, Cardantas, Cochise, Cristal, Cruzador, Devinel, Dino Avlis, Dropé, Dulmar, Elifiri, Emevê, Erasmo, Eumene, Euqor, Eureka, Fati, Ferfisol, Fergor, Filisteu, Flor de Lis, Francine, Frankisk, Galaad, Gilmes, Giló, Gilú Júnior, Guinéu, Heropa, Homarinto, Jaimeel, Joaldo, Jobral, Jocarpon, Jomarfer, Jónio, Jope, Jopra, Joreal, José do Canto, Jotacé, Kau-Kau, Lady N. A., Leiria Dias, Leiras Dias Júnior, Lucifer, Lufilo, Lupaso, Lurfa, Lusbel, Mac-Ley, Mme. Leiria Dias, Maflomar, Majopisil, Malu, Mani, Maralip, Marila, Matial, Merobriga, Mifled, Milete, Minan, Miro, Mister Pond, Nitucha, Nobre, Oiluarb, Onaioza, Oviur, Pantera-Cor-de-Rosa, Pópó, Principiante, Raal, Raiuga, Ralip, Reivax, Rock, Roodsil, Rommel, Rosa Silvestre, Sadino, Sadino Júnior, Sésiom, Siaplur, Solly, Sommar, Tansos, Tareja, Thor, Tirone Pobre, Tucha, Ximbalinho, Zarb, Zé Chamusca, Zé Gregório e Zemar (132 concorrentes).

Não totalistas: Com 1 erro: 12; Com 2: 9; Com 3: 12; Com 4: 4; Com 5: 1; Com 6: 2; Com 7: 1; Com 8: 2; Com 9: 1; Com 10: 3; Com 11: 1 (48 concorrentes).

Eliminados (por diversos motivos); 174 concorrentes.

Total de decifradores: 354 concorrentes.

CORREIO DOS CONCORRENTES

Suzu—A sua ficha continua incompleta! As decifrações dos números 23 e 24, chegaram a 15 e os prazos haviam terminado em 3 e 10!!!...

Zé Rocha—Felicitio pelo seu estoicismo. Assim é que é. Nada de desistência, pois claro.

Biscos—A sua anotação no número 25, não está certa, porque nem todas as letras serviam como diz. A sua decifração vinha certa. De entre os diversos problemas, alguns terão forçosamente que ser mais difíceis, mesmo poder fazer uma certa selecção e ir incitando todos os novos a fazerem mais e melhor.

Bago—É favor ler o que digo a Biscos, acerca da dificuldade de alguns problemas.

Aldimas—Para completar a sua ficha, falta apenas o número do telefone. Espero

os prometidos trabalhos. Ciente sobre a remodelação da «Hidra».

Filisteu—Veja o que digo a «Aldimas». Está tudo O. K.

Ababá—Não tem razão na sua reclamação; no número 22 teve três erros que estão bem marcados, e nenhum deles foi no vizez, que está certo; o bropo não satisfaz nem o mat, porque a moeda pedida na vertical era malaco; além disso o mat nunca poderia satisfazer para poder dar emala, visto em emala não existir nenhum t; mandou espai e não espia, como diz na sua reclamação, e o que se pedia era estai e não estia, como também diz.

A todos os concorrentes que enviam decifrações fora de prazo, e outras com os cupões soltos—De harmonia com o que consta do regulamento e com o aviso publicado—mais do que uma vez—o prazo tem que ser rigorosamente respeitado e os cupões têm que vir colados ou agrafados às decifrações, pois de contrário as decifrações não serão consideradas, como está sucedendo com uma frequência que em nada nos interessa.

CORRIGENDA DO GIGANTE N.º 28

Há duas correcções a fazer nos enunciados: **Hor. 6 (1.º)**, cortar as palavras da vítima; **Vert. 5 (2.º)**, deve ler-se assassinar em vez de assassinar.

As nossas desculpas.

E... A SURPRESA

Tenham calma, meus Amigos, mas... ainda não é hoje que podemos satisfazer a vossa curiosidade. Porém, para levantar um tudo nada do véu misterioso, sempre vos aconselhamos: **TREINEM-SE BEM NA DECIFRAÇÃO DOS GIGANTES**...

Talvez que na próxima semana possamos dizer mais alguma coisa.

Tenham paciência, porque depois... sabe melhor.

TORNEIO «ETIEL»

12.ª Etapa

Solicitamos ao confrade Sadino o obsequio de escolher e classificar, por ordem de mérito os dois melhores trabalhos em verso e os cinco melhores em prosa, do presente número, enviando-nos o seu parecer, com a brevidade possível.

AFERÉTICA

1—Lentamente, o sono de mim vai [apoderar-se,
Levando-me, por fim, para o reino das [sombrias,
E uma grande transformação vai [operar-se
Para transfigurar em calmo lago, as [ondas
Que hora a hora no meu consciente se [debatem
Numa batalha insana e maravilhosa,
Onde certezas e as dúvidas se combatem,
Onde a vida está latente e radiosa.
Mas eis que o meu «eu» adormece, [calmamente,
Todas as lides cessam como por magia,
E fico envolvido em rara melancolia.

(Continua na pág. 15)

A CAPITAL
GIGANTE N.º 29
N.º 4 DO 6.º TORNEIO MENSAL

Nome

Pseudónimo

Morada

Localidade

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
1																				
2																				
3																				
4																				
5																				
6																				
7																				
8																				
9																				
10																				
11																				
12																				
13																				
14																				
15																				
16																				
17																				
18																				
19																				
20																				
21																				

A CAPITAL
CHARADISMO
TORNEIO «ETIEL»—12.ª ETAPA

Nome

Pseudónimo

Morada

Localidade

ATÉ NAS ARTES

por
GILLES VALDONNE

É preciso «participar», «estabelecer correntes». Em todas as cadeias de radiodifusão e de televisão se pede aos auditores e aos espectadores que telefonem para fazer perguntas, para dar a sua opinião, exprimir os seus estados de alma, que escrevam para resolver enigmas... Procura-se actualmente a maneira de estabelecer a «participação» nas salas de cinema, e adiante veremos as tentativas que se fizeram no teatro.

• **O PINTOR E O COMPOSITOR ACHAM A MANEIRA DE FAZER PARTICIPAR**

Mais extraordinária ainda, ao que nos pare-

ce, é a ideia do pintor, do músico, artistas individualistas que trabalham na solidão, de serem «cooperar» com uma sala. Reynold Arnould expõe retratos. Não se contenta com pendurá-los nas paredes: seria demasiado simples. Os retratos têm de ser descobertos, executando-se gestos apropriados. Para isso, são colocados em «desenroladores» que os visitantes manejam.

No festival de Royan foram distribuídos charizes, esses apitos com que se imitam os gritos dos animais: novecentos apitos para pouco mais de um milhar de auditores. O regente dirigia ao mesmo tempo a orques-

tra clássica e os amadores que, na sala, manobravam os apitos. O compositor «previra a anarquia», isto é, o que devia fazer a orquestra em caso de manifestações desordenadas. Infelizmente, comentam os organizadores, que gostariam de uma manifestação mais viva, não houve «anarquia»: o público

mostrou-se muito disciplinado, ninguém tentou impor um ritmo diferente. E o compositor conclui:

— Orquestra no palco, público nas cadeiras, já não se usa!

Também com o computador se participa. Dão-se-lhe elementos, em seguida os músicos interpretam segundo as indi-

cações cifradas. É mais complicado, mais perigoso, mas é também «participação».

• **NO TEATRO DE AMANHÃ, ACTORES E ESPECTADORES ESTARÃO AO MESMO NÍVEL**

O Living Theater convida a sala a propor a conclusão duma peça.

Quando a sala está «inspirada», os actos somam-se aos actos. No Festival de Avignon, no Verão passado, o espectáculo prolongou-se na rua até ao amanhecer, com actores e espectadores misturados ou, mais exactamente, espectadores transformados em actores.

Outros realizadores colocam na sala actores encarregados de incitar os espectadores a improvisar, a subir ao palco. Fusão ainda na peça «Hair», o êxito de Nova York e de Londres. Nas noites em que há particular simpatia, convidam-se os espectadores a subir ao palco para dançarem com os actores. O café-teatro representará sem dúvida, nos tempos próximos, a melhor forma de participação. Ai, os actores estão perto dos espectadores e será fácil a estes últimos, quando se ganhar o hábito, juntarem-se à distribuição, representarem a sua parte.

Jovens criadores, para evitar o antagonismo palco-sala, querem suprimir o palco: os actores representariam no meio dos espectadores sentados em bancos ou no chão, e, de preferência a um teatro, num armazém, numa garagem. Alguns acreditam, mais simplesmente, que já se ganharia alguma coisa se se convencessem os espectadores a virem em roupas de trabalho, sem gravata, um pouco sujos, um pouco despenteados: sentir-se-iam menos em parada, menos impertigados, portanto mais em recreação, mais inclinados a «aquecer», a participar.

Durante mais de um século, pensou-se que os risos e as lágrimas do público, o silêncio atento, constituíam a mais eficaz das participações, o mais belo incitamento para que o artista se ultrapassasse a si mesmo. Regressa-se agora aos estrados de feira, aos espectadores instalados no palco, procura-se a provocação, desejam-se as manifestações ruidosas.

NO DESPORTO COMO NA INDÚSTRIA FAEMA EM 1.º LUGAR



EDDY MERCKX e a FAEMA ganharam a Volta a França A FAEMA, com a famosa máquina de café expresso E-61, ARIETE ganhou, há muito, o primeiro lugar em todo o Mundo Representantes exclusivos em Portugal e Províncias Ultramarinas Portuguesas:



UTILMÓVEL

10 FILIAIS E ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA HOTELARIA E COMÉRCIO ALIMENTAR
R. DE S.º AMARO (À ESTRELA), 17A-LISBOA 2

DIVULGAÇÃO CULTURAL
e VARIG
INTERCÂMBIO CULTURAL LUSO BRASILEIRO

PODERÃO LEVÁ-LO GRATUITAMENTE AO BRASIL E HOS. PEDÁ-LO NO GRANDE HOTEL OK NO RIO DE JANEIRO

COMPRA HOJE MESMO UM LIVRO DA COLEÇÃO DIVULGAÇÃO CULTURAL

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS DO PAÍS

ENVIE A SUA SENHA ATÉ 25-7-1969

UMA INICIATIVA DO CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

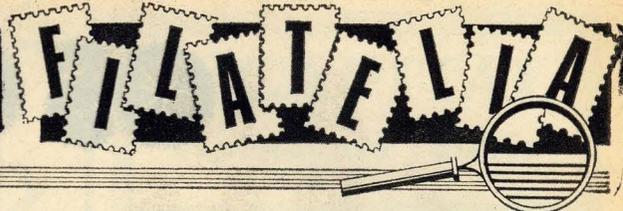
Colecção HORIZONTE

- 1 = GEOGRAFIA DA PENÍNSULA IBÉRICA
Michel Drain
 - 2 = O SOCIALISMO E O FUTURO DA PENÍNSULA
Vitorino Magalhães Godinho
- CADA VOLUME 25\$00

LIVROS HORIZONTE

Rua da Madalena, 211, 3.º * LISBOA

CHARADISMO E CRUZADISMO



(Continuação da pág. 13)

APOCOPADAS

- Escoa-se, assim sereno, o tempo.
Passa a vida a humanidade lentamente,
As horas vão correndo sem que nada as que nada as
De repente acordo. E a luta recomeça... [limpeça;...]
3-2
- Cruzador**
Leiria Dias Júnior
- CRUZADA**

2—Entre um sonho e outro sonho
Passa a vida a humanidade
Porque o sonho, ao que suponho,
É melhor que a realidade.

A Infância é sonho risonho,
Sonho breve a Mocidade,
Velhice é sonho tristonho,
Sonho do sonho a Saudade.

É sonho o Amor, a Beleza,
Sonho a Alegria, a Tristeza,
Sonho o Ideal—o mais belo!...

É sonho a Felicidade,
Sonho a Paz, sonho a Verdade...
—Só a Morte é um pesadelo. 7-9 (4)

Frankisk

CRUZADA PAPAL

3—O clamor longínquo das ondas quis
Ao areal deserto correndo me dirigi, [escutar,
Veio a espuma branca, docemente, meus
Eu... altiva, soberana, ao universo sorrir! [ps beijar]

Súbito uma indefinida tristeza me tomou
P'ra longe, p'ra muito longe desejei [partir
Estranho e vago murmúrio aos meus [ouvidos sou
Tentei em vão desse abismo insondável [fugir.

Com volúpia senti as águas aos poucos
Meu corpo jovem qu'ao oceano oferecia [envolver
A vaga estende os braços, para no seio [receber.

O mar feroz, embravecido e arrepiante
Compõe em acordes vitoriosos, [demoniaca sinfonia
Levando assim uma vida frágil e [palpitante!

Galaad

METAMORFOSEADA

4—Numa rua, da cidade
Num canto do planeta
Há um prédio de cem andares
Noventa e nove são habitados
E um vazio.
Eu moro lá. 3 (3)

Nito Bias

ADICIONADAS

5—A maior vitória da vida, como e onde
se pode ganhar? Na luta de se tornar
dia a dia mais aperfeiçoado. 3-1

Candy

6—A doença transforma um aventureiro
num infeliz. 1-3

Cruzador

7—Amargo é o revés da sorte se o cora-
ção não tem fé. 2-2

Frankisk

AFERÉTICAS

8—O aleivoso, infelizmente, consegue en-
ganar com facilidade uma pessoa boa e
séria. 3-2

Dulmar

9—Do ensino todo o estudante aproveita,
até o cábula. 3-2

Elsa

10—Mais pobretana que o mendigo, é aquele
que da riqueza é indigente. 3-2

Laurentino

CRUZADAS LATINAS

14—Aquele que rejeita a disciplina, despreza
a sua alma. 5-7

Aidé

15—A perfeição é a mais bela das quime-
ras. 5-7

Galaad

ENIGMOGRAMAS

16—Arado parado, moinho sem trabalho.
7 (—4, 5) 5

Elifri

17—Purifica os pulmões quem trabalha na
lavoura. 4 (+4) 5

Katarina Bella

18—Uma repreensão merecida pode não re-
mediar o mal feito mas sempre corrige.
8 (—3, 4) 6

Milete

EPENTÉTICAS

19—O olhanense perdeu o desafio e ficou
muito triste. 2-3

Antero

20—Aflições, dores e angústias, quantas ve-
zes não são causadas pelas nossas tra-
ficâncias! 2-3

Bagor

METAMORFOSEADAS

21—A quantidade é quase sempre inimiga
da qualidade. 4 (3)

Álamo

22—Marinheiro bom faz a boa tripulação.
6 (6)

Leiria Dias

23—Afiance que não recebeu o cavalo. 4 (3)

Pass

PARAGÓGICAS

24—A pesca do manatim é pouco vulgar.
2-3

Aarão Minor

25—Padece deveras a rapariga sem afectos.
2-3

Biscos

PROTÉTICAS

26—O trabalho é campo onde a preguiça
não dá fruto. 2-3

Ari

27—O fim de toda a pessoa bem formada
é atingir o ideal. 2-3

Jotelmar

SINCOPADAS

28—Presenciar uma assembleia política será
uma ventura? 3-2

Devinel

29—É com carinho que as andorinhas fa-
zem o ninho. 3-2

Gili

30—Escrever, é bom; mas, pensar, situa-nos
cerca de tudo o que é alvo das nossas
conjecturas. 3-2

Luciferário

DECIFRAÇÕES DO N.º 26

1 — Compensação. 2 — Momentoso. 3 —
Servil. 4 — Perder. 5 — Exame. 6 — Compai-
xão. 7 — Incerteza. 8 — Educador. 9 — Verde.
10 — Vivida. 11 — Caduco.

1.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA ESCOLA COMERCIAL PATRÍCIO PRAZERES

Como já fora anunciado no nosso jornal de 16, a abertura da 1.ª Exposição Filatélica da Escola Comercial Patrício Prazeres teve lugar na passada quinta-feira, pelas 16 e 30.

Em agradável convívio e troca de impressões, ligadas ao ensino, fizemos companhia com José Manuel Castanheira da Silveira, único membro do júri presente à abertura, e Manuel António Jerónimo, negociante de selos, aos professores daquele estabelecimento de ensino, entre os quais o director e o subdirector da escola, o director e o subdirector das actividades circumscolares e bem assim o responsável pela secção filatélica, dr. Bento Roque.

Embora da Mocidade Portuguesa se tenha obtido sempre o mais agradável apoio e interesse pela Filatelia, verificamos, desta vez, a ausência de um delegado daquela organização, perdendo-se, assim, um apoio aos rapazes que participaram nesta mostra.

A ausência, notada por nós, pelos alunos e pelos professores, deverá ser rectificada em manifestações desta ordem, pois que, se se concluiu pela necessidade de criar actividades circumscolares de carácter educativo e intelectual, parece natural esperar-se que apareçam nestas mostras escolares os dirigentes orientadores, para que não haja emorrecimentos e para que a filatelia, como actividade circumscolar, não viva só de promessas.

O director da escola fez a abertura da exposição, passando-se em seguida à observação das colecções — pequenas colecções — distribuídas por 16 quadros e pertencentes aos seguintes alunos:

Amílcar Duarte Tomás, Fernando Nunes Patrão, Jaime A. Martins Simões, José Manuel de Brito Santos Alves, José Mário dos Santos Figueiredo, Luís Manuel Gomes do Amaral, Manuel Simões de Almeida, João Alberto Carvalho Marques, Manuel Simões de Almeida, António José Rodrigues Coelho, Jaime Sérgio da Silva Gonçalves, João Alberto de Carvalho Marques, João Alberto da Cruz Martins, Victor Manuel Gaspar e João Emídio Alfaia Cardoso.

Gostámos de observar as colecções expostas, não tanto pelo seu valor filatélico, mas sim pelo trabalho que provam e onde ressalta uma apresentação quase certa e cuidadosa, para quem, como estes rapazes, faz filatelia há um ano, embora alguns a pratiquem há dois anos já.

O dr. Bento Roque ficou pois credor das maiores felicitações, que gostosamente o vimos receber de todo o corpo directivo daquele estabelecimento de ensino, especialmente do seu director.

Temos a certeza de que no próximo ano não se perderá tão sabedor guia de jovens filatelistas e estamos certos até de que a próxima mostra será algo

de muito diferente da de que hoje vimos falando.

Não destacamos qualquer nome de entre os coleccionadores, pois parece-nos que o nível é bastante igual entre eles e até cremos que o júri dificilmente escolherá dois ou três para lhes entregar um prémio diferente.

Aqui deixamos as nossas felicitações aos expositores, ao professor orientador da secção e ao director da escola, que dedica a esta actividade muita simpatia e protecção.

NOTICIÁRIO

Recebemos o número de Julho de «Notícias Filatélicas», onde se continua a publicar artigos do maior interesse e oportunidade, tais como: «Insosfismável progresso da filatelia portuguesa», por A. J. do Patrocínio, «Mecanofilia», por Don S. Rodo I. Vidal, «Aerofilatelia», por cap. F. Lemos da Silveira, e ainda as habituais rubricas, de onde se destaca, como sempre, o «Noticiário universal das novas emissões».

— Félix da Costa Ilha escreveu-nos. Escreveu-nos e mandou-nos uma página de «Actua-

lidad Filatélica», onde Roberto Martin põe uma pergunta «Están los judios tras las emisiones árabes?», e de seguida diz: «A F. I. P. condena as emissões árabes, os emiratos mais ou menos independentes fazem séries a trouxe-mouche e o organismo internacional pune-as com a sua inclusão na «lista negra» filatélica, mas, por trás de tudo isto move-se um espesso emaranhado de interesses muito importantes. A admissão das emissões do Paraguai e do Catar nas exposições surpreendeu todos os filatelistas, pois estavam proibidas, como tantas outras.»

Realmente, meu caro, penso do mesmo modo: os interesses particulares têm feito desta filatelia um alto negócio. Como se deixa ver, entramos agora em condições temporárias para que uns desistam e outros se aproveitem, prejudicando aqueles que, passados tempos, terão de desembolsar bom dinheiro.

A sua última observação parece-me correcta. Ademais, lições que de um organismo internacional como o que indicamos, muita gente as tem tomado.

Vou escrever a F. I. P. e, após resposta, comunicarei com o meu amigo.



CASACOS DE ANTÍLOPE E DE CABEDAL

BLUSÕES, TAILLEURS E TODO O GÉNERO DE VESTUÁRIO EM PELE PARA AMBOS OS SEXOS

Distintos, inimitáveis, irresistíveis, e de delicioso conforto. Preços de fábrica a pronto ou a prestações sem aumento de preço e ainda com descontos aos sócios do A. C. P. e outras agradações. Um reclamo só possível da casa que possui a maior e mais variada colecção do País (mais de 100 cores e dezenas de modelos da mais requintada moda internacional de 1969/70.



O REI DAS PELES

LISBOA
RUA DA ASSUNÇÃO, 88. 3.
PORTO
SANTA CATARINA, 388. 2.



BEDFORD KM

O CAMIÃO DE MAIOR CARGA ÚTIL - 10 000 kg
CAIXAS DE CARGA ATÉ 7,38 m
TRAVÕES A AR COMPRIMIDO C/2 CIRCUITOS
DIRECÇÃO COMPLETAMENTE ASSISTIDA

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a
SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 581 11
Rua D. Luiz, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

A CAPITAL É DISTRIBUÍDA NO NORTE DO PAÍS PELA ORGANIZAÇÃO MÁRIO DA SILVA BRAGA

EXTERNATO VERBUM
ENSINO LICEAL LABORÁTORIOS
2.º Ciclo p/ cadeiras Diurno e nocturno Pequenas turmas
AVENIDA DUQUE DE LOULE, 86, 3.º - Esq.º
Telefone 5 74 13

OS OURIÇOS

DAQUI NÃO SAIO!

Estou na Lua! E, tão cedo, não saio daqui.

Em primeiro lugar, porque, meninos, a Lua não é nada do que vocês julgam. Também eu, quando aqui desembarquei, na madrugada de segunda-feira, também eu pensava que não havia vida, que tudo eram crateras, que um homem, mal pusesse o pé no chão, se enterraria, eu sei lá!... Pensava — mas já não penso. Porque, já lhes direi.

Em segundo lugar, porque os 3 americanos, depois do que eu fiz por eles, durante a viagem, não é que se puseram a mexer, sem dizer água val, sem sequer me perguntarem se eu queria alguma coisa para a família?...

Ingratos! Hipócritas!! Mentirosos!!!

Mentirosos, pois!... A prometerem-me que seria o primeiro homem a pôr o pé na Lua, e fui o terceiro. E é porque não havia mais ninguém... Tivesse a geringonça lotação igual à dos «eléctricos» do Rato, às 6 da tarde, e, a esta hora, ainda eu estava à espera da minha vez de sair...

Mentirosos, pois!... Pediram licença ao Centro Espacial de Houston para anteciparem a hora de saída, não foi? Pois mal lhes disseram que sim, virá-se o Armstrong para o Aldrin, ou Aldrabin, ou lá como ele se chama:

— Vamos-lhes enfiar um barrete... Agora que o Mensurado já lhes deve ter dito que a saída é para as 2 horas, a gente sai mas é às 6 e 30 da manhã, como estava previsto...

E, se não sou eu — que, nessa altura, ainda julgava que eles eram homens de palavra, e me deixariam ser o primeiro a sair cá para fora —, se não sou eu, dizia, os tipos preparavam-se mesmo para lhes pregar a parida...

Mentirosos, pois!... Toda a gente a julgar que o Armstrong saiu com o pé esquerdo e ele saiu mas foi com o pé direito. A câmara da televisão é que estava ao contrário... E aquela fita dos dois a andarem muito devagarinho, como quem está a flutuar... Que raiva!... Tudo sombinado, ouviram? Só para justificar o uso dos fatos espaciais, e dos escafiandros, e das botijas de oxigénio. Que, ao fim e ao cabo, não eram precisos para nada. Deve é ter sido um arranjinho com algum fabricante, que se fartou de ganhar um dinheirão e o resto são cantigas... O filho!...

Mentirosos, pois!... Toda a gente a julgar que, na Lua, não há vento, porque a bandeira americana estava tesa como um bacalhau e eles puseram mas foi uma bandeira de lata... Como é que aquilo havia de flutuar, não me dirão?...

A preocupação deles era que eu não aparecesse nos ecrãs da televisão...

— Chega para lá!... — dizia o Armstrong, à socapa, sempre que eu queria dizer adeus, com a mão, à rapaziada conhecida. — Chega para lá, que desgraças a gente!...

E eu, burro, fiz-lhes a vontade!... Claro, depois eles é que se alambazaram com as honras todas...

As tantas, aproveitando uma abertinha em que a televisão não os estava a filmar, digo eu assim:

— Bem, como isto ainda está para demorar, eu vou dar uma voltinha por aí...

E fui. Sem escafiandro nem nada, que isto, aqui, é igualzinho a isso, af em baixo. E, se duvidam, esperem um bocadinho e já vão ver...

Andei, andei, andei e, às tantas, ao virar de uma cratera, dei comigo à entrada de uma cidade. Uma cidade, tal e qual como Lisboa, mas com menos buracos. Os buracos, pelo que já me foi dado ver, ficam todos nos arredores do Mar da Tranquilidade, que é assim uma espécie de Museu dos Buracos cá da Lua.

Nas ruas havia «eléctricos» e automóveis e autocarros e pessoas. As casas eram iguais às nossas, as lojas vendiam de tudo, tal como na Terra, e nem sequer faltavam esplanadas e cafés.

Estive vai não vai para me sentar num café e tomar uma bica, mas lembrei-me de que estava sem dinheiro e, por isso, resolvi-me a procurar um jardim, com um banco disponível, para descansar por momentos. Não me foi difícil encontrar um, onde já estava sentado um velhote, a imitar os do nosso Jardim da Estrela. Sentei-me e esperi que ele metesse conversa.

— Pois... — disse ele. — Então como se chama o meu amigo?



Respondi e diz-me ele assim:

— Vicente? Não é de cá, ora não?...

— Não sou, não senhor. Estou aqui com uns amigos, quer dizer... com uns conhecidos... Mas como é que viu que eu não sou de cá?

— Se fosse, chamava-se Silva...

— Silva?!!!...

— Silva, pois!... Cá na Terra somos todos Silvas...

— Cá na Terra?!!!...

Aí, o senhor Silva começou a querer convencer-me de que eu estava na Terra e de que aquela coisa a flutuar no espaço — aquela «coisa» era a Terra... — se chamava Lua. Claro está que não me convenceu, mas como eu tenho muito respeito por velhinhos de idade e lunáticos, disse-lhe que sim, só para o ver morrer sossegado. E, além disso, porque também me interessava saber mais coisas sobre a Lua.

— Então está bem! — disse eu, devagarinho. — E isto por aqui, é sossegado?...

— Sossegadíssimo... — respondeu o sr. Silva.

— Não há zaratagas, nem guerras?

— Não, que isso dói muito e fica muito caro. Chamam-se as mulheres e pronto!...

— As mulheres?!!!...

— E. Em vez de pormos uma data de gente à pancada, que ficavam todos cheios de sangue e ainda se magoavam, em vez disso, cada uma das partes nomeia uma mulher, daquelas de bigode, e depois elas lá se entendem. A última a calar-se é a que ganha. Talvez seja muito barulhento, mas é higiénico...

Achel que sim, e registei a ideia, mentalmente, para a pôr em funcionamento, quando chegasse à Terra.

— E quanto ao problema da alimentação?

— Não temos esse problema — disse o velhinho. — A nossa atmosfera, não sei se já reparou, é tão densa, tão alimentícia, que nós não precisamos de comer...

— Então nunca têm fome?

— Nunca temos o quê?

— Fome...

— Não sei o que é isso... É alguma dança moderna, é?...

— Não, não... é cá uma coisa... E pobres, há muitos?

— Pobres?... Que raio de palavreado que você usa!...

Como é que disse?...

Não disse. A coisa era de tal modo sensacional, fantástica, incrível, que eu deixei o vetusto Silva a falar sozinho e corri, que nem um louco, em direcção ao módulo lunar para lhes dar, aos meus companheiros de viagem, a notícia maravilhosa...

Ao entrar no Mar da Tranquilidade, com os bofes ao pé da boca, vi, lá longe, um dos americanos a subir, lentamente, a escada do foguetão. O outro, em baixo, esperava a sua vez...

Continuei a correr, os pulmões arquejantes a negarem-me o grito da chamada, as pernas a fraquejarem pelo esforço sobrehumano...

Faltavam cinquenta metros. O segundo acabou de entrar e olhou, mais uma vez, a vastidão sinistra do Mar da Tranquilidade. Era impossível que não me visse, cambaleando já, o braço a acenar, desmaiado, na tentativa de lhes pedir que não partissem, que ouvissem o que eu tinha para lhes dizer. A eles, ao Mundo, a todos os Homens...

A porta da nave fechou-se, com um ruído seco. Pela vigia, pude vê-lo, a face queimada a abrir-se num sorriso irónico, a olhar-me, a fazer figas, contente por se ver livre de mim...

— Esperem! Eu não quero que me levem, mas esperem... — ofeguei, a arrastar-me pelo solo pulverulento...

Uma rajada de chamas saltou, bruscamente, da base do módulo. Reuni as forças que me restavam e rolei sobre mim mesmo, para não morrer assado...

Lentamente, o aparelho começou a subir e, pouco depois, era um ponto no espaço, a afastar-se, a afastar-se, em direcção à Terra.

Voltei para a cidade e fui respirar. Com os Silvas...

Vicente Gil.

ESTA PALAVRA «TRÂNSITO»

São 10 da manhã. Já estou sentado à minha mesa de escritório há bastante tempo e mergulhado na rotina diária dos negócios. Mas... de repente uma buzina agreste fura a tranquilidade da minha rua. É um som curto e estridente que põe os nervos à flor da pele e nos irrita sobremaneira... O som repete-se — começo a sentir-me mal disposto. Todos os 5 minutos ei-lo

—Ele está lá em baixo sentado. — Um pequeno carro vermelho. A mão do selvagem toca a buzina. Será o homem um doente mental? Decido-me a descer para o mandar calar. Quando me vê, foge veloz com o escape livre...

Chega um polícia de trânsito... Conto-lhe a cena: «Também ouvi disse-me ele; mas não vou multar o rapaz... Compreende... a multa é de 50\$00... ora por

Foquei este caso que denota uma falta crassa de civismo, tanto da parte do polícia como do condutor e permita-se-me que aponte outras.

Não é raro ver táxis rondar a Praça da Alegria buzinando continuamente, mas eu, por ter parado o meu carro no intervalo do almoço no Largo Rafael Bordalo Pinheiro, apanhei uma multa de 200\$00. Que amabilidade...

Continuemos...

O ano passado, em Novembro, ia a uma caçada de manhã cedo, às 7 horas. Topo com um grupo de ciclistas, operários da Siderurgia Nacional. Era ainda noite cerrada; nenhum deles tinha luz. Andavam aos ziguezagues à beira da estrada. Como não atropeli nenhum foi milagre. Vejo um polícia sinaleiro no entroncamento do Seixal. Paro, aponto para estes

CONDE DE STUCKY DE QUAY

a percutir-se nos meus tímpanos. Deixo de me poder concentrar. Assomo à janela para descobrir o selvagem.

50\$00 toda a gente recomença e não vale a pena incomodar-me. Se fosse 200\$00 ainda valia a pena, mas por 50\$00.

Verdade seja o «trabalho é fácil» — apanhar um número e transmitir ao Comando Central; — segue-se o aviso de multa...

Continuemos... Táxis sem grelhas, amachucados, com largas manchas de betume, com farolins de trás cobertos de plástico vermelho, abundam entre nós.

Como pode ser permitido? Haverá uma fiscalização para este indecoroso espectáculo, indigno de uma capital?...

Tomem os leitores um táxi. — A limpeza muito deixa a desejar. Quando não há restos de saladas e de hortaliças tem o passageiro muita sorte... Lisboa pode gabar-se de possuir os táxis mais sujos do mundo. Mas eu, por ter deixado o meu carro junto ao Hotel Jorge V, para o almoço, apanhei 200\$00 de multa. Que amabilidade...

Continuemos sempre...

Moro no Parque de Palmela, no Monte Estoril, às sextas-feiras, de noite, entre as 3 e 5 da manhã, sou regularmente acordado por «corredores de automóveis». Escape livre (bem entendido) andam à rédea solta — quando não são eles são outros selvagens, que em motoretas de som estridente, circulam nas ruas destas cidades e vilas, quando em todos os países é formalmente proibido.

A pobre municipalidade de Cascais pôs dísticos proibindo os sinais sonoros. Porque não colocá-los na entrada das cidades e vilas.

O ano passado ao viajar pela França e Suíça, à entrada de todas as cidades e vilas, um disco gigantesco — rezava sempre a mesma coisa «Silence... Prudence...» Em Espanha já aparecem na Costa do Sol os mesmos sinais e eu pergunto: — custaria alguma coisa fazer o mesmo?... Será vergonha imitar as boas iniciativas? Acaso fica-nos melhor sermos um objecto de contestação da parte de quem nos visite?

Domino quatro línguas e sei o que oiço nos restaurantes da parte dos turistas. Infelizmente eles queixam-se daquilo que estamos a escrever.

Contestam-nos sobre o nosso trânsito e é para mim muito desagradável ouvir certas palavras e reflexões.

homens sem luz, nem atrás nem à frente.

— Escandaloso — disse eu. — Permitir isto... Resposta: — São tantos...

Lamentável mentalidade. Mas eu, por andar a 92 à hora na estrada marginal, a uma hora do dia em que havia pouco movimento, apanhei 250\$00 de multa e retiraram-me a minha licença por mais de 1 mês.

Mas que amabilidade...

Continuemos... Na estrada de Vila Franca a Alenquer, sábado 29 de Junho, às 17 horas, não consigo passar uma fila de carros. Um camião gigantesco ocupa metade da estrada. — Densa fumarada intoxica-nos. Ora em toda a parte do Mundo é formalmente proibido escape livre de gases nocivos. Porque mistérios estes camiões podem circular nestas condições?... Mas a mim, há bem poucos dias, por ter deixado o meu carro em frente ao Grande Hotel do Porto, por meia hora — fui notificado pela Polícia — aguardo estóicamente outra multa...

Mas que amabilidade...

Os factos que citei são conhecidos de todos e perguntamos: Não será de ocasião de pôr cobro a tais desmandos?

Será difícil colocar dísticos à entrada de cada vila e cidade — Silêncio... Prudência... «Sinais acústicos proibidos».

Não poderia a Televisão nacional lançar uma campanha neste sentido, ela que nos bombardeia tantas vezes com reclames tão estúpidos. Não poderia o A. C. P., que se atirou às campanhas de seguros tão desastrosamente, lançar a Campanha do Silêncio, em lugar de passar o seu tempo a condecorar cantoneiros que tapam azinhagas, ou a dar largadas a furiosos do volante? Não seria melhor ocupar-se um pouco de outras coisas muito mais importantes visto ser um organismo que se diz de «utilidade pública»?

O drama disto tudo, é a passividade da gente...

Não há um deputado que se levante, que grite e barafuste.

Não há uma campanha de Imprensa... Se não fazer ondas é o estribilho nacional, há turbilhões que podem arrastar uma Nação...

A CAPITAL

suplemento diário

EXTRA

6.ª-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1969

OS MIMOS DE NATALIE



Durante uma recepção de gala, em honra de Mart Crowley e do elenco do êxito teatral «The Boys in the Band», a actriz Natalie Wood oferece um refresco a um cão do Afeganistão. Quem não trocaria o lugar com o cão?

LER MAIS:

- CRÍTICAS DE ESPECTÁCULOS
- AMORES CÉLEBRES
- GUIA DO LEITOR

**QUEIRA DESTACAR
O CONJUNTO
DAS PÁGINAS
DESTE SUPLEMENTO**

«LISBON BY NIGHT»



Um momento do espectáculo concebido por Alfredo Aldria. (Ver notícia na página 2)

NOTAS CRÍTICAS DE ESPECTÁCULOS

TELEVISÃO: VER E CONTAR

Os heróis encaixotados

Terminou a primeira expedição à Lua. Algures no Pacífico, um porta-aviões esperou a cápsula espacial, uma equipa de especialistas empenhou-se nesta última fase que se revelou relativamente difícil: a recolha dos astronautas. Foi demorado, enervante, o último episódio do folhetim de aventuras espaciais a que assistimos ao longo de dias. Mas acabaram por chegar as cerimónias, as continências, o encaixotamento dos heróis. Veio de novo o presidente Nixon, a tirar partido de um êxito que herdou inteiramente das administrações que o precederam. De agora em diante, é a prolongada fase de trabalho laboratorial, já ao abrigo das reportagens televisivas e da paixão do público.

zer que, na aparência, se esboçaram dois pólos: em torno do outro, os que preferem a Terra; em torno de outro, os que preferem a fuga. Não seria difícil descobrir, porém, que entre estes últimos se contam os que não vêm falar da Lua para que atentemos menos no que acontece cá por baixo.

É nesta perspectiva que assume todo o seu significado um debate público sobre a viagem à Lua. Daí que receemos que o tema fosse demasiado agreste para uma «Mesa-Redonda» na televisão Portuguesa: não há entre nós nenhuma experiência, nenhuma tradição, de desassombado confronto de opiniões. Poder-se-

ja dizer que não há as bastantes condições objectivas. De onde o carácter quase meramente simbólico dos encontros conduzidos por José Mensurado. Pois debate fértil é um fruto: não surge do nada, tem a sua árvore.

CORREIA DA FONSECA

CINEMA IMPÉRIO: «O CASO STRANGE» UM FILME PARA VER SEM ATAVISMOS

Será que um jovem universitário pode decidir alistar-se na Polícia por estar convencido de que irá ali encontrar a solução para as grandes injustiças do mundo?

A pergunta põe-se num filme onde acaba por descobrir-se ao fim de alguns minutos de projecção que há coisas muito mais importantes a reconhecer, matérias onde a intelecção das pessoas, enquanto seres humanos, se revestem de muito maior importância.

«O Caso Strange» é um trabalho em que David Green, o realizador, debate (apesar dos «escolavancos» com que chegou a Lisboa) o «afogamento» de uma certa juventude alienada ao processo cuja evolução ela própria determinou.

O filme estreado no Império é, independentemente da qualidade estética, uma obra contundente no sentido em que a virulência serve para revelar, sem véus, a verdadeira face das pessoas. Assim, é possível aceitar a crueldade como um valor, ou uma posição, possível espectador, se afastar dos conceitos atávicos que o ligaram a estas palavras. Prepare-se para ver como as «pessoas falam agora», isto é, como se recusam a aceitar fórmulas apesar de ainda terem de subordinar-se

a alguns quadros tradicionais. «O Caso Strange» traduz, liminarmente, o processo de oposição de «linguagem» jovem às formas que, para sermos simpáticos, denominamos, mais uma vez, de tradicionais. Isto, evidentemente, se não quisermos limitar-nos a considerar o filme de David Green como uma história policial, o que seria demasiado simplista.

É hábito falar-se, nas notas acerca dos filmes, da qualidade da interpretação, utilizando quantos adjectivos e adjetivos possíveis no dicionário nos fornecesse. Todavia, parece-nos que, hoje, é impossível considerar uma obra cinematográfica de qualidade se a dita interpretação não estiver de acordo com o que o autor pretende dizer. E «O Caso Strange» é uma obra de qualidade. Muita qualidade. — M.L.B.

A reportagem do Pacífico acabou por ser um espectáculo morno, distante do clima de emoção em que se instalara o público. E, mais tarde, na rubrica «Mesa-Redonda», José Mensurado recolheu os dois últimos depoimentos de quantos arquivou nestes últimos dias. Ontem, um sacerdote e um sociólogo. Para lá do eventual interesse das palavras ouvidas, quer ontem quer nos dias precedentes, ficou a esboçada intenção de fazer chegar à TV vozes de diversa origem para falar de um acontecimento de larga projecção. Assinale-se a iniciativa sobretudo como um precedente. Desta vez, o tema foi a chamada «conquistada da Lua». Amanhã, bem poderá ser qualquer outro.

O fruto

O desembarque lunar funcionou como um teste para as diferentes tendências da opinião pública. Por debaixo da onda de emoção que se diria unânime, desenharam-se polémicas, diferentes. Talvez se possa di-

ção de uma injustiça, sem preconceitos pequeno-burgueses. A história tem uma linha com várias ramificações. A partir do seu «leit-motiv» é possível descobrir, momento a momento, como uma pessoa se comporta perante estímulos diversos. Quando se alude a um certo clima de amoralidade, deve-se também observá-lo no que ele representa, isto é, apreciá-lo sem esquecer o espantoso sentido de brumas que David Green lhe deu.

Ao falar-se em «apreciar», «compreender», «classificar de espantoso» pretende-se, também, que o leitor e, portanto, possível espectador, se afaste dos conceitos atávicos que o ligaram a estas palavras. Prepare-se para ver como as «pessoas falam agora», isto é, como se recusam a aceitar fórmulas apesar de ainda terem de subordinar-se

MESTRE HITCHCOCK NA TELA DO MUNDIAL...

O escalafiante romance de Robert Bloch serviu às mil mar-

ravilhas para que o grande Alfred Hitchcock pudesse novamente ter ocasião de brilhar no campo cinematográfico do «suspense» e do imprevisível. O complicado conflito que se desencadeia das páginas do famoso livro permitiu ao consagrado encenador «fabricar» uma história de choque, obcecante de interesse, prova dura para os nervos mais afeitos a este género de espectáculos.

A palpitante aventura de «Páico», que o fresco e confortável cinema Mundial repõe com assinalado êxito, é um achado de imaginação e uma prova decisiva do talento de Hitchcock como realizador.

Um elenco de excepcional qualidade (Anthony Perkins, Vera Miles, John Gavin, Janet Gaynor e Martin Balsam, a extraordinária fotografia a preto e branco de John Russel e uma música adequada de Bernard Herrmann), são outros tantos requisitos a favor de «Páico», um filme que surge de novo na hora própria para subjuar a atenção de todos os lisboetas...

«LISBON BY NIGHT» NÃO É SÓ O FADO

«Lisbon by night» — ênfase de um «slogan» americano que a vida nocturna lisboeta adaptou para propaganda turística — é cartaz preenchido quase totalmente por sessões de fado e de folclore estilizado. O estrangeiro que nos visita tem, obrigatoriamente, de frequentar casas típicas, para aí experimentar o paladar da cozinha portuguesa. Escuta a canção nacional, janta de luzes apagadas, como manda a tradição, e vê pequenos grupos de bailarinos de ocasião dançando, ou melhor, imitando, a riqueza do nosso folclore. Ceia às escuras, com grande dificuldade, entorna o vinho sobre a toalha, suja as calças, mas sorri complacente, pensando que essa tradição nasceu, talvez, ao tempo da ocultação de luzes, durante ataques aéreos. Outros, porém, mais humanos e com pensamentos menos bélicos, acreditam que os artistas do fado são personalidades tímidas, que só podem interpretar os poemas trágicos em plena escuridão.

«Lisbon by night» parece, agora, entrar num ca-

pítulo diferente, à semelhança do que acontece, e sempre aconteceu, nas grandes capitais do mundo, onde se oferece ao visitante uma variedade de espectáculos diferentes. Até aqui, apenas o Casino Estoril, embora fora de portas, tinha a honra de mostrar espectáculos ao nível internacional. Era, e é, uma excepção única à regra — uma excepção que sempre honrou condignamente o nosso País. Actualmente, alguns estabelecimentos, uns de pequenas possibilidades, outros com auxílio de agências de turismo, enveredaram por um caminho mais actualizado, pondo fim ao tradicionalismo.

Adria sorri todas as noites ao público cosmopolita que frequenta a «sua» sala. Nesse sorriso está a sua vingança. Já esqueceu a sua desdita no Teatro Monumental. E, elevando-se à posição que momentaneamente, perde, goza a sua reabilitação. Enrretando, outras salas, sentindo a concorrência, procuram actualizar os seus espectáculos. E, num repente, eis que «Lisbon by Night» parece compreender o caminho a seguir. E disse que o nosso turismo necessita! — S. R.

«Lisbon by night» possui, presentemente, algo mais a mostrar do que o fadinho e o folclore. Na nossa cidade existem já pequenas, mas interessantes, «bóites», onde o «music-hall» impera todo poderoso. Bons conjuntos musicais animam as noites lisboetas, dando-lhe um carácter bem diferente. Os «shows» são dignos pela sua variedade. Na ci-

A VOLTA DE FERNANDEL

Fernandel informou em Paris os jornalistas dos seus projectos cinematográficos imediatos: dois filmes, um que se intitulará «Antonin et son cheval» e «Le passage de la Bidassoa ou les tribulations d'un français en Espagne», em que contracenará com Darry Cowl.

desporto

TORNEIO NACIONAL DE «SNIPES» EM JUNIORES

O Centro de Vela de Lisboa da Mocidade Portuguesa organiza, nos próximos dias 26 e 27, o Torneio Nacional de Juniores da classe de «snipes». As quatro regatas serão disputadas em percursos marcados em São José de Ribamar, com largadas às 11 e às 15 horas, contando para a classificação os três melhores resultados.

Este torneio destina-se, ainda, a apurar o representante português no Campeonato da Europa de Juniores da classe, que se efectua na Suécia, no próximo mês de Agosto.

Natação para universitários

Até final do mês, encontram-se abertas no Centro Universitário de Lisboa, Rua D. Estefânia, 14, as inscrições para a prática de natação.

Na Secção Desportiva daquele Centro prestam-se informações, todos os dias úteis, das 18 às 20 horas.

NOTÍCIAS DE FUEBOL

Raul não compareceu ainda e Aguas chegou esta semana

Embora convocado para segunda-feira passada, o «torcedor» Raul ainda não compareceu nem deu qualquer justificação. Por outro lado, Raul Aguas, para a próxima época será constituído por dez jogadores.

Rio (ex-Portalegrense) foi a última aquisição. Entretanto, aguarda-se o regresso do extremo-direito Maranhão, que tem estado a prestar serviço militar no Ultramar, e a qual o Benfica parece estar interessado.

Em fim de semana, foi feita a apresentação do antigo «internacional» benfiquista Cavém, que, em Nazarenos, desempenhará funções de jogador-treina-

Juvenil e Dinis chegam a Lisboa no próximo mês

A fim de se apresentar em Alvalade, o novo recruta dos «ninos» Juvenil partirá, amanhã, no próximo dia 3.

Por seu turno, Dinis só os fins de Agosto chegará a Lisboa, com destino, também, ao Sporting.

Os Nazarenos iniciam trabalhos

Os Nazarenos completaram já o seu plantel futebolístico.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 439

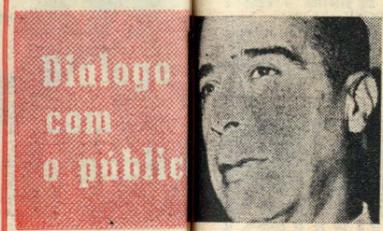
HORIZONTAIS:

- 1 — Cabeça. Diopora em camadas.
- 2 — Concorde. Que tem asas.
- 3 — Maligna. Cantão da Suíça (pl.).
- 4 — Árvore de Cella e Malaca, da família das ebanáceas que produz uma valiosa madeira muito rija e de cor preta (pl.).
- 5 — Alem. Que faliu.
- 6 — Dificuldades. Réz. 7 — O que não tem uma das mãos. Ferra.
- 8 — Qualquer guirrao. Recordar.
- 9 — Veloz. Barranco.
- 10 — Fardos. Adicionar.
- 11 — Puseras asas. Superfície inferior do calçado.

VERTICAIS:

- 1 — Dromedário. Raspa.
- 2 — Morre. Bruxas.
- 3 — Prisão. Magia.
- 4 — Deus da mitologia escandinava. Mandar ficar escandina.
- 5 — Nome próprio masculino. Apelido.
- 6 — Apêndice. Haver.
- 7 — Aqui. Louvavas.
- 8 — Esposo. Cume.
- 9 — Aumento. Vela de navio.
- 10 — Mulher formosa. Medira a tara de.
- 11 —

8 — Lona. Umas. 9 — Seguros. 10 — Im. Ramal. Cr. — Coral. Salão.



Hernâni Rocha (não quis indicar a profissão):

Perguntámos

— Foi para si uma surpresa o reaparecimento de Juan Carlos em Espanha?

Responderam:

— Sim, deve considerar-se surpreendente a nomeação do príncipe Juan Carlos para futuro rei de Espanha. Agora, desculpe-me, mas não me posso demorar, estou cheio de pressa. Não, não tenho mais nada a dizer, adeus.

VERTICAIS: 1 — Vigor. Cabal. 2 — Aa. Muros. Be. 3 — Mimar. 4 — Paro. Ária. 5 — Saci. Adonis. 6 — Opa. Pio. Oro. 7 — Bacoro. Aias.

10.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PESCA DESPORTIVA NO RIO LIS

Lisboa vive quatro dias intensos de movimento e cor com a chegada e participação de centenas de desportistas nacionais e estrangeiros que aqui vão disputar no rio Lis o 10.º Concurso Internacional de Pesca Desportiva.

A iniciativa que pertence, desde o início, à Comissão Regional de Turismo, é organizada pelo Clube Amadores de Caça e Pesca de Leiria, tendo a colaboração de inúmeras entidades, pelo que o número de

TURF E FUTEBOLO NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 25 — Há uma epidemia de gripe que, actualmente, entre os jogadores de corrida brasileiros, o Jockey Clube cancelou a corrida que se devia efectuar em 31 de Agosto e transferiu de 3 para 10 de Agosto o «Grande Prémio do Brasil», prova do «Turf» brasileiro.

Entretanto, os dirigentes do Jockey Club pediram à Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D.) que antecipe para o dia 30 de Agosto, o jogo futebol entre o Brasil e o Paraguai, a contar para a fase preliminar do Campeonato Mundial, e que está marcada para 31.

Assim, o Rio de Janeiro receberá muitos turistas de to-

CARDONA ABANDONA O FUTEBOLO

MADRID, 25 — O futebolista hondurenho José Enrique Cardona, do Atlético de Madrid, faz este ano a sua última temporada em Espanha, segundo ele próprio anunciou, ao regressar do seu país, cujos clubes defendeu nos conflituosos jogos disputados contra El Salvador.

— Tenho uma fábrica em Madrid, mais algumas colistas, e não preciso de continuar a jogar — disse.

Cardona alinhou, em tempos, no Lusitano de Évora. — (ANI).

FILIPE IV E A DUQUESA DE ALBUQUERQUE

AMORES CÉLEBRES

XI — Já feliz rival do rei Filipe IV, junto da duquesa de Albuquerque, o jovem duque de Medina chega, antes do soberano, a casa da bonita e sensata actriz Maria Calderon, por quem ambos estão apaixonados. Mas enquanto ele beija Maria...



31 Inez, seguida pela Calderona, correu à porta e perguntou pelo postigo:

— Quem é?
— O duque de Medina...
— respondeu uma voz fresca e juvenil.
— Não era, então, o rei!...
— Pois bem, à falta de monarca, não havia outro remédio senão contentar-se com um duque.
— Não vos conheço — disse a Calderona. Nunca vos vi!
— Abri, porque tão depressa me veja, logo me reconhecerei.
— Após alguns segundos de hesitação, Maria mandou abrir. Medina entrou...

2 850 CONTOS POR UM COMBATE DE BOXE

INGLEWOOD (Califórnia), 25 — O pugilista australiano Lionel Rose, campeão mundial dos «levíssimos», e o mexicano Ruben Olivares, assinaram contrato para um combate em que se disputa o título, no dia 22 de Agosto próximo no «forum» de Inglewood (Califórnia).

Lionel Rose, que conta 21 anos, receberá 100 000 dólares (2850 contos), a maior quantia até agora paga a um campeão desta categoria.

Olivares, que em 51 combates não foi batido (conta 50 vitórias — 49 por K. O. — e um empate) receberá 30 000 dólares (850 contos).

Rose defende pela quarta vez o título, que conquistou ao japonês Harada em 27 de Fevereiro de 1963. Takeo Sukurai, Chicho Castillo e Allan Rudkin foram os adversários anteriores. — (ANI).

no entanto, não eram para despresar.

— Minha querida — disse o duque a Maria — não te ofenderes ao ponto de duvidar da tua inteligência. Não adivinhas porque venho a tua casa? És bonita, eu sou rico e não tenho amigos... Queres ser minha?... Terás tudo quanto uma mulher possa desejar...
— Era assim que, sob a forma de sedutor fidalgo, a for-

tuna se apresentava a Maria... Não era caso para a deixar fugir. O duque tomou a Calderona nos braços e beijou-a, famintamente, na

mente goza a Calderona não será falsa. A camarista Inez, que foi espertar por uma gelosia, corre para a sua ama, dizendo:

— Senhorita... São dois homens embeuados.
— O duque, num repente, queria abrir a porta e repelir, de espada em punho, os indiscretos e nocturnos visitantes.
— Onde está o duque de Medina não há lugar para outros! — exclamou ele, altivo e indignado.
— Mas logo a Calderona o acalmou:
— Não espere por ninguém, posso jurar; talvez sejam amigos, colegas do teatro que venham trazer-me algum recado urgente, ou pedir-me algum favor. O que for se verá...
— Entretanto, redobravam as pancadas na porta. Os dois homens, lá fora, perdiam a paciência.



33 — Quem será que bate à porta aquela hora, tão tarde?
— O duque de Medina começa a perguntar a si mesmo se, porventura, a reputação de ajuzada de que real-

— Está bem — disse Medina — abre a porta.
— E enquanto ele se retirava para uma das salas interiores, Maria e Inez foram abrir.
(Continua)

CAMINHOS DE FERRO

SERVICO ESPECIAL PARA VIGIA, POR OCASIAO DAS FESTAS DO SENHOR DOS AFLITOS E DA VITORIA 15 DE JULHO A 3 DE AGOSTO

Bilhetes de ida e volta a preços reduzidos

A C.F.P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Alfife, Ancoara, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimaraes, Moledo do Minho, Monção, Porto (S. Bento), Valença e Viana do Castelo, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Vigo, por motivo das Festas do Senhor dos Afritos e da Vitória.

Validade dos bilhetes:
IDA: 10 de Julho a 3 de Agosto
VOLTA: 15 de Julho a 8 de Agosto

PROGRAMAS RADIOFÓNICOS

MISSORA — 1.º Programa (97,4 mc/s) — As 16:05: Orfeão Misto do Liceu de Cas-
99 Branco; 16:30: Roteiro Musical
Português; 17: Ginástica de Pausa;
18:1: Noticiário; 18:05: No Mundo
da Canção; 18:20: Portugal nos

Tropicais; 18:40: No Mundo da
Canção; 19: Noticiário; 19:45: Rá-
dio Rural — Música; 20: Música;
20: Diário Sonoro; 20:20: Melodias
por Orquestras; 20:40: Folhetim
«Tristes à Beira-Mar»; 21: Jor-
nal de Actualidades; 21:30: Novi-

dades em Discos; 22:05: O Homem
para piano, violino e violoncelo;
22:30: Fados, por
Alice Maya e Júlio Viçitas; 22:50:
Música Leveira; 23: Noticiário;
23:05: Programa da Noite; 24:
Noticiário — Programa da Noite;
0:50: Últimas Notícias; 1: Fecho.

2.º Programa (397 m, 755 kc/s)
— As 16: Folclore do Mundo;
16:25: Curiosidades Musicais;
16:30: Prelúdios para Piano, op. 23
(Lennox Berkeley); 17:10: Música
de Câmara — Trio n.º 2, op. 100,
em mi bemol maior (Schubert);
18: Música Portuguesa — Sinfonia
n.º 4 em ré (Luís de Freitas Bran-
co); 18:45: Trio para Piano, Obôé
e Fagote (Francis Poulenc); 19:
Horizonte Literário; 19:15: O Canto
e os Seus Intérpretes; 20: Diário
Sonoro; 20:20: Música de Piano —
Momentos Musicais (Schubert);
20:30: Música de Câmara — Sinfonia
n.º 9, em dó menor (Mendelssohn-
sobn); 21: Partes de um concerto
pela Orquestra Sinfónica do Porto
— Sinfonia n.º 2, em ré maior,
op. 43 (Sibelius); 21:43: Música
de Piano — Sonata em lá menor,
K. 310 (Mozart); 22: Teatro do
Século XIX — «O Pai de Família»
de Diderot; 23: A Voz do Occi-
dente; 1:15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em FM)
— As 23: 1.º acto da Ópera «Sieg-
fried» (Wagner); 0:26: Burlesca em
ré menor para piano e orquestra
(Strauss); 0:50: últimas Notícias;
1: Fecho.

RADIO CLUBE (290,13 m,
1024 kc/s) — As 16:04: Programa
C. D. C.; 18: Ela e o seu Mundo;
18:15: Momento Riscado; 18:30:
Lisboa à Tarde; 19:15: No Mundo
Aconteceu; 19:30: Rádio-Jornal;
20: Nota de Abertura e Noticiário;
20:07: Europa Musical; 20:30: Jor-
nal dos Espectáculos; 20:45: Em
Foco...; 21: Noticiário; 21:02: O
Olavo Fala Conosco; 21:15: Música
Tradicional e Paleta Religiosa;
21:32: Impacto; 22:20: Teatro do
Telefone e Toca; 23: Noticiário;
23:08: Grande Roda; 24: Noticiário;
0:02: P. B. X.; 2: Contacto;
3:02: A Noite é Nossa; 6:02: Dia-
rio Rural; 7:03: Talisma; 8:30:
Onda do Optimismo.

Modulação de Frequência
(97,4 mc/s) — As 16:04: Programa
C. D. C.; 17:57: O Nosso Programa;
19: Noticiário; 19:04: Em Órbita;
21: Noticiário; 21:02: Boa Noite e
0:2: Impacto; 22:20: Teatro do
Telefone e Toca; 23: Noticiário;
23:08: Grande Roda; 24: Noticiário;
0:02: Em Órbita-Dois; 1:02: Banda
Sonora Telefunken; 2: Fecho.

RADIO RENASCENÇA (233,2 m,
1286 kc/s) — As 16: Radiorama;
18: Cartaz Musical do Brasil;
18:20: Noticiário e boletim religio-
soso; 18:30: Terço e bênção, da
Basílica dos Martíres; 19: Trans-
missão da Missa da Igreja de S.
Cristóvão; 19:45: Leitura do pro-
grama e boletim do S. C. R.; 20:
Música para seu jantar; 20:30:
Noticiário; 20:55: Meditação; 21:
Programa dos Sócios; 22: Quando
o Telefone Toca; 22:30: Penta-
grama; 22:45: Música Variada; 23:
A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSOR DO PORTO (256,6 m,
1169 kc/s) — As 16: Radiorama;
18: Tangos; 18:15: Noticiário regional
e boletim de filmes e religioso;
18:30: Terço da Basílica dos Martí-
res, em Lisboa; 19:05: Música
Seleccionada; 19:25: Resumo do
programa, publicações recebidas e
boletim de filmes; 19:30: Página
Um; 20:30: Noticiário; 20:55: Me-
ditando; 21: Fecho.

**EMISSORES ASSOCIADOS DE
LISBOA** (188 m, 1592 kc/s) —
As 16: Rádio Rádio; 17: Voz de
Lisboa; 19:30: Rádio Peninsular;
22: Voz de Lisboa; 2: Fecho.

TELEFONES DE URGÊNCIA

- SÁUDE** — Cruz Vermelha, 665342
* Enfermagem permanente.
765161 * Enfermagem de ur-
gência. 43738 * Hosp. de Santa
Maria. 775171 * Hospital de
S. José. 860131 * Sangue, oxigénio
e soro. 771168 e 771169 *
* Transfusões, soro e oxigénio.
538524 * Centro de Intoxica-
ções. 767777. 761176 e 763456.
- BOMBEIROS** — Sapadores, 322222
* Voluntários, 538524.
- POLÍCIA** — Serviço de emergência.
115 * P. S. P., 366141 * Judi-
ciária. 535380 * Marítima
326456 * Internacional, 362721
* Viagem e Trânsito, 42205 *
G. N. R. (área rural) 36865.
- ÁGUA, GAS E ELECTRICIDADE** —
Comp. Águas, 361353 * Comp.
Reunidas, 537021 * Cidja
538821 (domingos e feriados)
382069.
- TRANSPORTES** — Aeroporto,
721101 * C. P., 869029 * Soc.
Estoril, 361121 * Estação Fluvial
(T. Paço), 325345 * Estação
Mar. de Alcantara, 663198
* Estação Marítima da Rocha,
672445 * Estação Fluvial (Be-
lém), 638531.

VEJA NA TELEVISÃO

TELEFUNKEN

HOJE

1.º PROGRAMA — As 19 e 21:
Nos Bastiões da Aventura; 19
e 30: Telejornal; 19 e 45: A
Criança Perante a Vida; 20 e 5:
Cartaz TV; 20 e 35: Encontro
com o dr. Eduardo dos Santos;
21: Telejornal; 21 e 35: IV Jo-
gos Luso-Brasileiros; 22 e 5:
Eurovisão — «A Europa Canta»
— Final do Festival de 1969;
0 e 10: A Marcha do Mundo;
0 e 25: Meditação e fecho.

2.º PROGRAMA — As 21: Te-
lejornal; 21 e 31: Folhetim «Da-
vid Copperfield», de Charles Dic-
kens; 21 e 55: Zip-Zip (N.º 4);
23 e 30: Fecho.

AMANHÃ

1.º PROGRAMA — As 19 e 21:
Juventude no Mundo; 19 e 30:
Telejornal; 19 e 45: Diálogos de
Sábado; 20: Teledisporto; 20 e
30: «Segredos do Mar Verme-
lho»; 21: Telejornal; 21 e 30:
IV Jogos Luso-Brasileiros (repor-
tagem); 21 e 45: TV Clube, com
Tony de Matos e a Orquestra de
Ferrer Trindade; 22 e 10: TV 7;
22 e 40: «O Fugitivo»; 23 e 45:
A Marcha do Mundo; 24: Fecho.

2.º PROGRAMA — As 21: Te-
lejornal; 21 e 30: «Os Cam-
peões», com Stuart Damon, Ale-
xandra Bastedo e William Gaunt;
22 e 20: Tempo Internacional;
22 e 50: Variedades — «Riso e
Ritmo»; 23 e 50: Fecho.



HORÁRIO DO FUNCIONAMENTO DOS MUSEUS E BIBLIOTECAS

MUSEUS — Vasco da Gama (Dafundo), telef. 212338 (domingos, das 10 às 18. Arqueólogos Portugueses (Largo do Carmo), telef. 304473, das 10 às 17 horas (fechado às segundas-feiras). Arte Popular (Praça do Império), telefona 611282, das 10 às 17 horas (fechado às segundas-feiras e feriados). Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (Praça do Império — Belém) telef. 610100, das 10 às 17 horas entrada 2550, sábados e domingos entrada gratuita (fechado às segundas-feiras). Antoniano (Largo de Santo António da Fé), das 11 às 17 horas (fechado às segundas-feiras e feriados). Militar (Santa Apolónia), telef. 867131, das 10 às 17 horas (fechado às segundas-feiras e feriados). Dr. Alberto MacBrito (Hospital de Santa Maria) às segundas, quartas e sextas-feiras, das 10 às 12 e das 14 às 17 horas. Museu de Marinha, das 10 às 17 e 30 (excepto às segundas-feiras e feriados). Agrícola do Ultramar

(Belém), das 11 às 17 horas (excepto às segundas-feiras e feriados). B. S. B., no quartel da Avenida D. Carlos I, às terças e sextas-feiras, das 15 às 17 e 30. Coches (Praça Afonso de Albuquerque — Belém), telef. 638022, das 10 às 17 horas, entrada gratuita (fechado às segundas-feiras). C. T. T. (Rua D. Estefânia, 175), dias úteis das 15 às 18, domingos das 10 às 13 horas (encerrado às segundas-feiras e feriados). Palácio da Ajuda, aberto das 9 e 30 às 18 horas.

BIBLIOTECAS — Municipais dos Bairros de Alvalade, das Furnas, dos Olivais, da Junqueira, da Avenida Fontes Pereira de Melo e de Pedrouços, das 9 às 12, das 14 às 17 e das 20 às 22 horas todos os dias úteis, excepto aos sábados, em que abrem às 10 e fecham às 12 horas. Junta de Freguesia das Mercês, Travessa das Mercês, 23 às segundas, quartas, quintas-feiras e sábados, das 19 às 22 horas.

automóveis compra · venda · acessórios

GARAGEM ROLÃO
COMPRA
VENDE E TROCA
Hilman 1968 ... 39 contos
Citroën 2 cv
(carrinha) 16 contos
Fiat 500 7 contos
Motores fora de borda
novos e 2.ª mão
Todos revistos na oficina
R. Tenente Espanca, 4 - A

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR AUTOESTRELA
OS MELHORES PREÇOS
Av. João Crisóstomo, 65-A
Tel. 534331-561394-LISBOA



EXCURSÃO DA DOMINGO 27 DE JULHO

LISBOA a COIMBRA, CONDEIXA, CONIMBRIGA, NOSSA SENHORA DA PIEDADE, SERRA DA LOUSA e volta

(INCLUINDO O TRANSPORTE POR COMBOIO, ALMOÇO E CIRCUITO TURÍSTICO RODVIÁRIO)

Preço da excursão completa em 1.ª classe 260\$00

BILHETES A VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 154, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

- LISBOA**
- TURNO F**
- ALCANTARA** — Probidora, R. Alcantara, 15-A-B (638589).
 - ALFAMA** — Anunciada, R. do Viário, 74 (866360).
 - ANJOS** — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).
 - ALTO DO PINA** — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).
 - ALVALADE** — Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (712682) * Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) * Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 140-B (760658).
 - AREIRO** — Central do Areiro, Av. Paris, 2 e 2-A (720820) * Belo, Avenida de Roma, 53-A (776314).
 - AJUDA** — Lídia Almeida, Calç. da Ajuda, 170 (63318).
 - ARROIOS** — Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (50487).
 - AVENIDA DA LIBERDADE** — Galénica, Rua das Pretas, 12-14 (32558).
 - AVENIDAS NOVAS** — Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (712291) * Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) * Lafina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42312).
 - BAIRO DA ENCARNADAÇÃO** — Ascesso, Rua 27, 41 (311216).
 - BAIXA** — Internacional, R. Aurora, 228 (322017-30203).
 - BENFICA** — Marques, Est. de Benfca, 648 (700956) * Vitex, Est. de Benfca, 373-B (780548) * S. João, Estrada da Luz, 124-A (783179).
 - CAMPO GRANDE** — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (763016).
 - CAMPO DE OURIQUE** — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) * Constável, Rua Coelho da Rocha, 119 (666206).
 - CAMPOLIDE** — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) * Rualto, Lda., R. do Alfo Carvalho, 5-A/5-B (651271).
 - CHARNECA** — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (780979).
 - CONDE DE REDONDO** — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048).
 - ESTRELA** — Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (661758).
 - GRAÇA** — Progressiva, R. de Santa Marinha, 18 (863619) * Alves de Carvalho, R. do Vale de Santa António, 7-9 (860125).
 - JANELAS VERDES** — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003).
- LUMIAR** — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332).
 - MARQUES DE POMBAL** — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536).
 - OLIVAIS** — Fernando Borges, Rua C, 3, lote 300, Olivais Sul (311091) * Central, R. Alfere Barrilero Ruas, 7-C, Olivais Norte (315539).
 - PALHAVA** — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).
 - PEDROUCOS** — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (510741).
 - PENHA DE FRANCA** — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
 - PICHELEIRA** — Marlux, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395).
 - PRINCEPE REAL** — Oliveira, Rua D. Pedro V, 123-125 (327880).
 - REGO** — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
 - S. BENTO** — Valentim, R. do Pogo dos Negros, 88-90 (679453).
 - DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO** — Grilo, R. do Grilo, 25.
 - SANTO AMARO** — Santo Amaro, R. Filinto Ellisio, 29-A-B (637070).
- BAIXA DA BANHEIRA** — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (224141).
 - BARREIRO** — Central — Av. Alfredo da Silva, 48-B (2273207).
 - CACÉM** — Central — R. Elias Garcia, 55 (2940034).
 - CASCAIS** — Misericórdia — R. Regimento, 19, 41 (280141); Cascais — Vlv. Hortense, 17C, Monte Real (282407).
 - CAXIAS** — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (2432839).
 - COLARES** — Colares — Abreja (299088).
 - COVA DA PIEDADE** — Rainha Santa — Est. das Barrocas, 50-A-B (2760182).
 - DAMAIA E VENDA NOVA** — D. João V — Av. Coriel Amaral, 2-A (970461); Nova — R. Elias Garcia, 10 (939320).
 - ESTORIL** — Suíça — Lugar do Cruzeiro, M. Estoril (260087); São João — Est. Nacilon, 10 (261186).
 - MOITA** — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (239025).
 - MONTIJO** — Giraldes — Rua Afmirante Cândido dos Reis, n.º 45 (230008).
 - MOSCAVIDE** — Banha — Av. de Moscavide, 62 (2518518).
 - ODIVELAS** — Leitão — R. Guilherme Gomes Fernandes, 67 (910051).
 - OEIRAS** — Central — R. Conde Ferreira, 29 (2430058).
 - PAÇO DE ARCOS** — Godinho — Avenida Padre Joaquim Lopes, 4 (2432039).
 - PAREDE** — Grincho — Av. da República, 87-A (2471204).
 - PRAIA DAS MAÇAS** — Higiene — (290021).
 - QUELUZ** — Correla — L. do Mercado, 3 (950903); Zeller — Rua da República, 89 (950045).
 - S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim — (980456).
 - SEIXAL** — Soromenho — R. Palva Coelho, 38 (2218560).
 - SINTRA** — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (98L832).

BOLSA DE PROPRIEDADES

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. CASA LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.ª-Dt. (junto à Praça da Figueira) — Telefones 325487 e 370618

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

Sociedade «ESTORIL»

COMBOIOS DO CAIS DO SODRE AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas. Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.